



Jornal do mosaico

número 01, publicação trimestral
primeiro trimestre de 2010

Projeto de Gestão Integrada do Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu
Convênio FUNATURA/IEF

Conselheiros
do Mosaico
tomam posse
em Januária

3

Unidades de conservação estimulam desenvolvimento regional sustentável nos municípios do Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu



O Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu (Mosaico SVP) é o resultado da mobilização das comunidades residentes na região e lideranças locais, que receberam apoio de instituições governamentais e não governamentais. A prioridade é o extrativismo de produtos do Cerrado e o turismo ecocultural, que começam a despertar o interesse de pequenos empreendedores e empresários. Os projetos desenvolvidos nas unidades de conservação (UCs) estão criando as bases para o desenvolvimento regional sustentável em toda área: 11 municípios com uma população total de mais de 190 mil habitantes serão beneficiados pela geração de renda e melhoria da qualidade de vida. O Mosaico SVP reúne 12 UCs e uma reserva indígena localizadas em municípios do norte e noroeste de Minas Gerais e sudoeste da Bahia, e foi reconhecido pelo Ministério do Meio Ambiente por meio da Portaria 128, de 24/04/2009.

As UCs dessa região possuem um dos mais ricos patrimônios naturais do bioma Cerrado como, por exemplo, o "Pantanal Mineiro" - um ponto do rio Pandeiros onde as espécies da fauna se reproduzem -, e as cavernas e sítios arqueológicos do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. **(Leia mais nas pág. 6 e 7)**



Rio Pandeiros



Produtos extraídos do bioma Cerrado

Regimento
interno é aprovado
na primeira
reunião do
Conselho

4/5

Januária, entre outras cidades da região, ainda mantém parte do patrimônio arquitetônico visível em prédios construídos nos séculos XVIII e XIX, que fazem contraste com edifícios e casas atuais. O município de Januária situa-se ao norte do Estado, às margens do rio São Francisco, em uma área de 6.691 km², com população estimada em 67.516 habitantes (IBGE, 2009). Limita-se ao norte com Bonito de Minas e Cônego Marinho, ao leste com Pedras de Maria da Cruz, ao sul com São Francisco, e a oeste com Chapada Gaúcha e Formoso. Grande parte das unidades de conservação do Mosaico localiza-se nesse município: Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, Área de Proteção Ambiental (APA) Federal do Peruaçu, APA Estadual do Rio Pandeiros, Parque Estadual Veredas do Peruaçu, e Refúgio de Vida Silvestre (RVS) do Rio Pandeiros.

Januária reúne o maior número de UCs da região





Cooperação Brasil-França apoia gestão integrada

A Cooperação Brasil-França realiza, desde 2005 (Ano da França no Brasil), seminários e outros eventos sobre os projetos de mosaicos de áreas protegidas que estão sendo desenvolvidos no Brasil, em diferentes regiões. O Ministério do Meio Ambiente (MMA) assinou um acordo de cooperação técnica com o governo francês, por meio da Embaixada da França, a partir do qual foram realizadas reuniões nos dois países que "geraram propostas nas áreas de agricultura, turismo, valorização de produtos e gestão florestal, cultura, comunicação e educação". Caroline Jeanne Delelis - engenheira em agricultura e meio ambiente - representa a França nas atividades desenvolvidas pela Cooperação Técnica.

Ela participou da reunião que elegeu o Conselho Consultivo e falou sobre essa cooperação: "O governo francês se interessou muito pelo Mosaico por associar o desenvolvimento local à conservação da biodiversidade. A cooperação existe para trocar as metodologias que estão sendo experimentadas nos parques do Norte da França e no Mosaico SVP. Um dos resultados desse trabalho é um livro que será lançado este ano, para fortalecer, no poder público, os mosaicos existentes no Brasil. O livro apresentará os conteúdos e resultados das atividades realizadas nesses anos, destacando a importância da valorização dos produtos das áreas protegidas e regiões do entorno, a gestão integrada e participativa por meio do intercâmbio entre gestores franceses e brasileiros. A cooperação promove e apoia seminários, capacitações e oficinas".

A cooperação franco-brasileira se divide entre as instâncias de governos dos dois países e a cooperação específica entre a Região do Norte da França e o Estado de Minas Gerais (com duração de três anos). Tem sido realizado o intercâmbio sobre metodologias aplicadas pelos dois países nessas áreas protegidas para associar conservação e desenvolvimento, além de elaborar e implementar um projeto territorial baseado na conservação do meio ambiente. "Nosso trabalho inclui a proposta de um programa de capacitação, o apoio à organização de feiras locais, e divulgação para os consumidores e comerciantes, avançando para a certificação de produtos de origem sustentável e o turismo sustentável", explicou Delelis.

Os mosaicos brasileiros possuem pontos em comum com os parques naturais regionais franceses: no Brasil o *mosaico* é um conjunto de UCs de categorias diferentes ou não, próximas, justapostas ou sobrepostas, e outras áreas protegidas públicas ou privadas, com gestão integrada e participativa, objetivos de conservação, compatibilizando a biodiversidade, a valorização da sociodiversidade e o desenvolvimento sustentável; na França, os *parques naturais regionais* são territórios formados pelo todo ou uma parte de vários municípios e que despertam interesse especial pela qualidade do patrimônio natural e cultural, lazer, áreas de descanso e turismo, com prioridade na proteção e organização.

Conselho aprova regimento interno do Mosaico SVP e prevê câmaras temáticas

Regimento Interno do Conselho Consultivo do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu (Mosaico SVP) define atribuições sobre fiscalização, monitoramento e recursos financeiros. O documento foi aprovado durante reunião de instalação do Conselho, em 17 de março de 2010, no auditório do Serviço Social do Comércio (Sesc - Laces Januária). O Conselho Consultivo é órgão colegiado que atuará como instância de gestão integrada das unidades de conservação (UCs), conforme estabelecido pela Portaria MMA n.º 128, de 24/03/2009. O Mosaico é regido pela Lei n.º 9.985, de 18/07/2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e regulamentado pelo Decreto n.º 4.340, de 22/08/2002. De acordo com o regimento, "o conselho deve contribuir para a efetiva implantação e gestão integrada do Mosaico SVP e cumprimento dos objetivos das UCs por ele abrangidas, contribuindo para a preservação e conservação dos recursos naturais, e para o desenvolvimento sustentável deste território".

Compete ao conselho - formado por 45 membros - compatibilizar, integrar e aperfeiçoar as atividades desenvolvidas em cada UC tendo em vista, especialmente, os usos na fronteira entre unidades, o acesso às unidades, fiscalização, monitoramento e avaliação dos planos de manejo, pesquisa científica, e a alocação de recursos da compensação referente ao licenciamento ambiental de empreendimentos com significativo impacto ambiental.

O regimento prevê a criação de câmaras temáticas formadas por um mínimo de três e um máximo de sete integrantes para estudar, analisar e emitir parecer sobre assuntos específicos que lhes forem encaminhados pelo plenário do Conselho Consultivo. O mandato dos conselheiros será de dois anos, permitindo reconduções sucessivas por meio de eleição. A participação no conselho é considerada serviço público de natureza relevante, não remunerada, cabendo às instituições que integram o Mosaico SVP o custeio das despesas com viagens.

O conselho deve manifestar-se sobre as propostas de sobreposição de unidades, além de compatibilizar planos, programas, projetos e ações de órgãos públicos, entidades não governamentais e empresas privadas, com o objetivo de garantir a preservação dos atributos ambientais, culturais

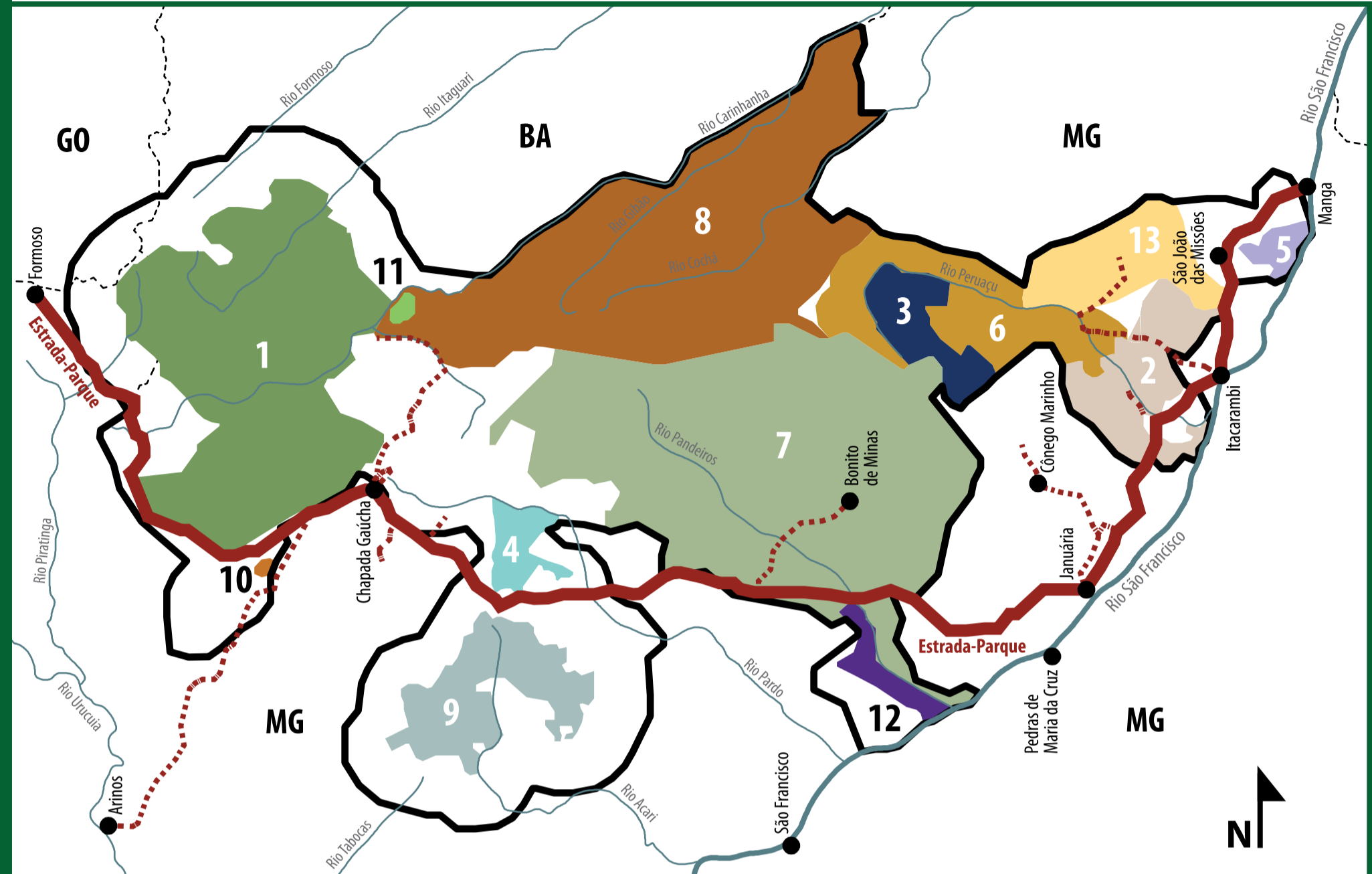
e paisagísticos, e a proteção dos recursos naturais visando o desenvolvimento sustentável da região, conforme dispõe os planos de manejo das UCs.

Entre outras atribuições estão ampla participação em projetos e ações na área de abrangência do Mosaico, buscando a melhoria da qualidade de vida da população local e a proteção dos ecossistemas regionais, respeitadas as diretrizes estabelecidas pelo órgão gestor; promoção da integração das UCs com as demais unidades e espaços territoriais especialmente protegidos e com o seu entorno, harmonizando e mediando a solução de conflitos, estabelecendo formas de cooperação entre órgãos públicos e sociedade civil; acompanhamento e manifestação sobre obra ou atividade de significativo impacto ambiental sobre o Mosaico, propondo, quando couber, medidas mitigadoras e compensatórias; atuar na realização de audiências públicas na hipótese de licenciamento ambiental de obras ou atividades que resultem em significativo impacto ambiental na área de abrangência do Mosaico; e estimular o processo participativo envolvendo todos os setores da sociedade.

A estratégia para a gestão integrada do Mosaico inclui a união de administradores das UCs, as comunidades do entorno e as diferentes instituições públicas ou privadas existentes nessa região. Um dos objetivos é o desenvolvimento regional sustentável com o fortalecimento de práticas extrativistas e do turismo ecocultural, com geração de renda para as comunidades.

Ao avaliar o trabalho realizado, até momento, o secretário-executivo do conselho, Cesar Victor do Espírito Santo, analisa a criação de instrumentos econômicos presentes no Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (DTBC) que transformou o Mosaico e a gestão integrada em algo possível para as populações locais, que podem aproveitar os produtos do Cerrado e trabalhar com o turismo ecocultural: "Essa é uma chance real para a melhoria da qualidade de vida das populações desse território e todos os setores da população regional precisam acreditar que as áreas protegidas contribuem para o desenvolvimento regional sustentável e a proteção da biodiversidade do Cerrado vai garantir essa qualidade de vida que todos querem".

Conheça o Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu

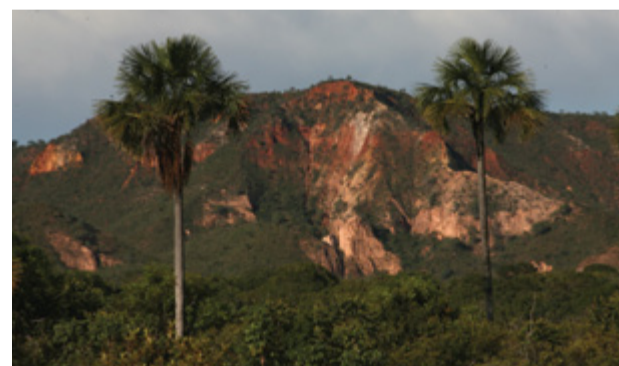


- 1** Parque Nacional Grande Sertão Veredas (Chapada Gaúcha, Arinos e Formoso/MG e Cocos/BA)
 - 2** Parque Nacional Cavernas do Peruaçu (Itacarambi, Januária e São João das Missões)
 - 3** Parque Estadual Veredas do Peruaçu (Januária e Cônego Marinho)
 - 4** Parque Estadual Serra das Araras (Chapada Gaúcha)
 - 5** Parque Estadual da Mata Seca (Manga)
 - 6** Área de Proteção Ambiental Federal Cavernas do Peruaçu (Januária, Itacarambi, Cônego Marinho e Bonito de Minas)
 - 7** Área de Proteção Ambiental Estadual do Rio Pandeiros (Januária e Bonito de Minas)
 - 8** Área de Proteção Ambiental Estadual Cochá e Gibão (Bonito de Minas)
 - 9** Reserva Estadual de Desenvolvimento Sustentável Veredas do Acari (Chapada Gaúcha e Uruçuia)
 - 10** Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) Veredas do Pacari e Arara Vermelha (Arinos)
 - 11** Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Porto Cajueiro (Januária)
 - 12** Refúgio Estadual de Vida Silvestre do Rio Pandeiros (Januária)
 - 13** Reserva Indígena Xakriabá I e II (São João das Missões e Itacarambi)
- Estrada-Parque Guimarães Rosa
 - - - Ramal Estrada-Parque
 ● Sede municipal

Comunidades preservam a cultura tradicional dos Gerais

Os Gerais - pela sua grandiosidade, belezas naturais e riqueza cultural - sempre despertaram interesse e curiosidade, embora sejam pouco conhecidos. É uma vasta área na margem esquerda do rio São Francisco (originalmente 13 milhões de hectares), no norte e noroeste de Minas Gerais, oeste da Bahia, norte de Goiás, leste de Tocantins e sul dos estados do Piauí e Maranhão. Extensos campos e magníficas veredas, chapadas, nascentes, rios e cachoeiras formam um painel único de beleza natural com características muito próprias e exclusivas dessa região. Além do valor ecológico, somam-se a esse patrimônio natural os valores históricos e culturais, apresentados aos brasileiros urbanos e de outras regiões do interior do Brasil pelo escritor João Guimarães Rosa, em sua obra, especialmente no livro *Grande Sertão: Veredas*, publicado em 1956.

O Mosaico abrange municípios que guardam a cultura dos Gerais: Formoso, Uruçuia, Januária, Itacarambi, Chapada Gaúcha, Arinos, Bonito de Minas, Cônego Marinho, São João das Missões, Manga e Cocos. Na região chamada Trijunção, se encontram as regiões Nordeste (Bahia), Centro-Oeste (Goiás) e Sudeste (Minas Gerais). Inúmeras atividades e eventos valorizam, atualmente, a cultura regional contribuindo para divulgação das tradições e manifestações artísticas de suas comunidades.



A **Vila Serra das Araras**, localizada no Vale do Rio Uruçuia, é um distrito do município de Chapada Gaúcha (MG). A fundação da vila ocorreu no século XIX e a comunidade local mantém vivas suas tradições culturais. Apresenta um contraste bastante evidente com a cidade de Chapada Gaúcha (antiga Vila dos Gaúchos, onde o povoamento foi iniciado em 1976, com os primeiros moradores vindos do Rio Grande do Sul, para o Projeto de Assentamento Dirigido à Serra das Araras/Padsa).



O município de **Formoso** possui uma área de 3.833,4 km² e população de 6.857 de habitantes (IBGE, 2009), situado no noroeste do Estado de Minas Gerais, na Microrregião de Unaí, com uma extensão territorial que corresponde a 13,73% do Vale do Rio Uruçuia.

Estrada-Parque Guimarães Rosa



A Estrada-Parque Guimarães Rosa tem seu quilômetro zero em Formoso (MG), atravessa ou margeia (em alguns trechos) a região do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu com acessos aos atrativos naturais da região, um dos mais importantes patrimônios naturais brasileiros localizados no bioma Cerrado. Com cerca de 400 km de extensão, dos quais 85 são pavimentados, a estrada contorna as UCs, na região do Mosaico, e segue até à cidade de Manga que, como Januária e Itacarambi, está às margens do rio São Francisco. Está prevista a construção de passagens para animais silvestres, estações e mirantes de observação dos atrativos naturais e magníficas paisagens como um desfiladeiro entre as chapadas, conhecido com Vão dos Buracos, ou as formações rochosas e grutas do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu.

Extrativismo e turismo ecocultural podem gerar renda e empregos nas UCs e entorno



Unidade de Beneficiamento e Comercialização de Produtos Agroextrativistas do Cerrado, em Chapada Gaúcha

Os principais alvos do Mosaico SVP, em uma região de fortes tradições culturais e ainda conservada até mesmo nas áreas externas às UCs. Há um grande potencial para a geração de renda com essas atividades, de acordo com os resultados de estudos técnicos no Mosaico. A estratégia para a gestão integrada e participativa prevê a união de administradores das UCs, as comunidades de entorno e as diferentes instituições públicas ou privadas existentes na região, para fortalecer práticas extrativistas e o desenvolvimento do turismo ecocultural. Um exemplo é a parceria para comercialização de polpa de frutos do Cerrado entre a Cooperativa Regional de Produtores Agrossilviextrativistas Sertão Veredas, de Chapada Gaúcha, e a Cooperativa Grande Sertão, do Centro de Agricultura Alternativa (CAA), de Montes Claros, envolvendo as comunidades de Fábão I, Brejal, Araçá, Vargem Grande, Janelão e Retiro. Há um grande interesse, de todos os grupos, no desenvolvimento regional sustentável a partir de projetos com frutos e plantas medicinais.

Encontro - o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas - evento que acontece, anualmente, em Chapada Gaúcha - cresce a cada ano e abre espaço para que a cultura seja reconhecida como instrumento de valorização e afirmação da autoestima das populações locais e do fortalecimento dos laços de solidariedade comunitária. Entre os resultados positivos estão a troca de informações a partir das experiências adquiridas com os encontros, o aumento do número de proprietários interessados na criação e implementação de reservas particulares, e formação de uma consciência sobre a importância da conservação ambiental, principalmente entre os alunos e professores de 1º. e 2º. graus das escolas da região.

Os encontros estimulam a utilização de matéria-prima natural com o extrativismo sustentável para a produção de artesanato e culinária típica, além de promover a organização dos artesãos locais, artistas e pequenos produtores de alimentos.

Um dos aspectos positivos da iniciativa é o fortalecimento das parcerias e a oportunidade de negócios para os pequenos produtores rurais e artesãos, que utilizam as flores e os frutos da região na elaboração de seus produtos, o que demonstra o verdadeiro valor do "Cerrado em pé", favorece a economia local, a preservação dos recursos naturais e a geração de renda. Além das comunidades, participam prefeituras, escolas, cooperativas, e outras instituições regionais, estaduais e federais.

Em 2009, durante o oitavo encontro, a programação destacou as comemorações pelos 20 anos de criação do Parque Nacional GSV; no ano anterior (2008), o encontro comemorou o centenário de nascimento de Guimarães Rosa (autor do livro Grande Sertão: Veredas). Outro evento que se consolidou na região é o Encontro de Arte, Cultura e Meio Ambiente, realizado às margens do lago da cidade de Formoso.

As comunidades participam cada vez mais, dessa iniciativa, e passam a ser protagonistas da organização e realização de suas próprias comemorações. Muitas estão recuperando a memória quase perdida de manifestações culturais do passado, para fortalecer seus saberes e valores, apresentando-os e proporcionando a troca de experiências e o intercâmbio cultural entre as comunidades regionais. Visitantes de outros estados começam a incluir esses eventos em suas viagens de lazer, para conhecer comidas típicas, artesanato em palha de buriti, instrumentos musicais e móveis rústicos, produzidos com matéria-prima extraída do Cerrado de forma sustentável.



Dança de São Gonçalo

Onde Vender e Comprar



Centro de Artesanato em Januária (MG)

Artesanato, mel, doces, compotas e geleias de diversas frutas; conserva, óleo e castanha de pequi; farinha e polvilho; açúcar mascavo; polpas de frutas nativas congeladas (araçá, cajá, coquinho azedo, mangaba, maracujá nativo e paná/araticum). São produtos e sabores de dar água na boca que vêm do Cerrado. Para divulgar toda essa riqueza natural e estimular a geração de renda das comunidades produtoras, diversas iniciativas surgiram nos últimos anos, promovidas por cooperativas, associações e outras organizações do norte de Minas Gerais.

Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Pandeiros (Coopae)
Travessa São Vicente, nº. 86
39480-970 - Januária (MG)
Tel.: (38) 3621.5924
e-mail: projetopandeiros@gmail.com

Cooperativa Regional de Produtores Agrossilviextrativista Sertão Veredas
Rua Idearte Alves de Souza, nº. 500, Centro
39314-970 - Chapada Gaúcha (MG)
Tel.: (38) 3634.1492
e-mail: coopsertaoveredas@hotmail.com

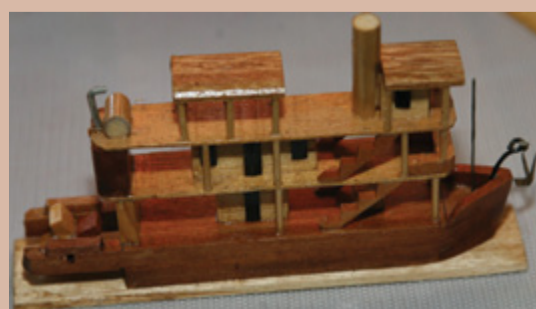


Dona Nica, artesã do Assentamento São Francisco

Cooperativa dos Agricultores Familiares e Agroextrativistas Grande Sertão Ltda.
Rua Handerson, nº. 400, Distrito Industrial
39400-000 - Montes Claros (MG)
Tel.: (38) 3221.9465 e (61) 3327.8085
e-mail: grandesertao@caa.org.br

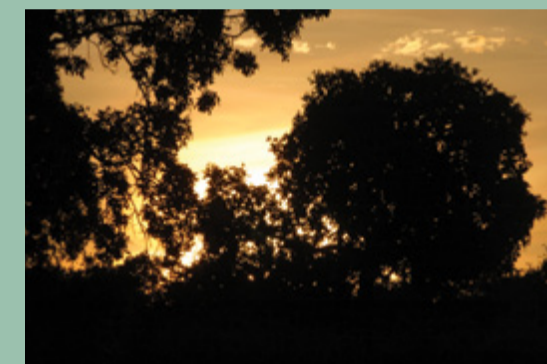
Cooperativa de Catadores de Pequi de Japonvar (Cooperjap)
Rua Brasília, nº. 257
39335-973 - Japonvar (MG)
Tel.: (38) 3231.9310 e (61) 3327.8085
Fax: (38) 3231.9122
e-mail: cooperjap@ig.com.br

Centro de Artesanato da Região de Januária
Rua Visconde de Ouro Preto, nº. 92, Centro
39480-000 - Januária (MG)
Tel.: (38) 3621.1471
e-mail: centrodeartesanatojanuaria@yahoo.com.br



Atrativos Naturais

As tradições e os atrativos naturais são a base do turismo ecocultural na região do Mosaico e, nos últimos anos, surgiram algumas iniciativas de criação de roteiros turísticos. Há um grande potencial para geração de renda com turismo ecocultural, atividade que valoriza o patrimônio natural e cultural da região, e é um dos principais alvos do Mosaico. Esses roteiros têm sido temas de seminários, cursos e oficinas de capacitação para as comunidades locais. Aos belos e raros atrativos naturais (como, por exemplo, as veredas do Parque Nacional GSV e os sítios arqueológicos do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu), somam-se manifestações da cultura tradicional, ainda conservadas. Parques nacionais, áreas de proteção ambiental, reservas de patrimônio particular natural, entre outras áreas protegidas, foram criadas para a proteção de uma fauna e flora riquíssima do bioma Cerrado.



Assentamento São Francisco/Parque Nacional GSV



Parque Estadual Serra das Araras



Parque Nacional Cavernas do Peruaçu

Instituto destaca importância do diálogo entre comunidades tradicionais, populações do entorno e gestores das UCs



O Instituto Rosa e Sertão é uma das organizações da sociedade civil que integra Conselho Consultivo do Mosaico SVP, onde representa as comunidades do entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. O instituto - criado em março de 2007 - desenvolve projetos socioambientais e seu foco é o trabalho com as mulheres extrativistas que buscam a geração de renda a partir do conceito do "Cerrado em pé". A coordenadora-executiva do instituto, Damiana Campos, trabalha há cerca de dez anos como professora na zona rural do município de Chapada Gaúcha (onde está a sede do instituto) e nas comunidades do entorno do Parque Estadual Serra das Araras. Nesta entrevista, a representante do Rosa e Sertão comentou a presença das comunidades locais no Mosaico:

"Para implantar o Mosaico, as comunidades das unidades de conservação (UCs) precisam dialogar entre elas e com as comunidades das outras unidades. É preciso evitar o isolamento, para que cada unidade não vire uma ilha. Uma comunidade deve dialogar com a outra que também tem benefícios, não só com o turismo, mas porque sua área é preservada, e é importante haver essa troca de informações e de experiências. Acho que esse é o caminho. Trabalhar

coletivamente não é uma característica cultural de nossa região (-'Vamos fazer juntos a nossa horta, vamos usar nossa casa de farinha em grupo.'). Isso não acontece, mas com o processo de discussão do Mosaico precisamos estimular as ações coletivas, porque não estamos falando de indivíduos e sim tratando de território, o que está muito claro.

Acredito que os conselheiros eleitos compreendem bem que o Mosaico é uma proposta territorial, mas não devemos esquecer que o Mosaico vai fortalecer, ao mesmo tempo, as UCs e as comunidades dessas áreas e seus entornos. É preciso que as comunidades tradicionais e outras demais que estão no entorno não vejam as UCs como vilãs, o que acontece quando se cria uma nova unidade. A falta de diálogo entre todos os envolvidos nesse processo dificulta a compreensão da importância das unidades para toda a população regional. Para que os moradores sintam que pertencem ao Mosaico e estão integrados a essa proposta, é preciso haver muito diálogo entre todas as partes, tanto na gestão participativa quanto no reconhecimento do território. O momento das conversas e encontros com os moradores da região é fundamental.

Esta é uma das minhas preocupações e um exemplo é a produção deste jornal: é preciso dar espaço para a sociedade civil e os moradores tradicionais evitando transformá-lo em um informativo institucional, ou um jornal de uma UC que conversa com a comunidade. Ao contrário, deve ser um espaço onde todos se manifestem, dêem suas opiniões, para um bem maior que é o reconhecimento do território. Com o trabalho que vem sendo feito desde o início, acho que o Mosaico SVP vai se transformar em uma referência nacional e até no exterior, de gestão integrada de unidades de conservação."

Empresa protege biodiversidade no município de Januária

Criada pela Usina Coruripe de Açúcar e Alcool - empresa do Grupo Tércio Wanderley (GTW), cuja sede está em Cururipe (AL) - a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Porto Cajueiro está situada no município de Januária. A sede da reserva funciona, caso necessário, como um ponto de apoio para os brigadistas do Corpo de Bombeiros. A RPPN é uma das maiores reservas particulares do Estado e administrada pelo Instituto para o Desenvolvimento Social e Ecológico (Idese), fundado pelo GTW, em abril de 2005. O engenheiro agrônomo Bertholdino Júnior, gerente da RPPN Porto Cajueiro, disse que a prioridade deve ser o fortalecimento, legalização e aquisição de outras áreas naquela região: "É importante, neste momento, legalizar as áreas, com um trabalho nas instâncias federal e estadual, além de fortalecer e incentivar a criação de novas RPPNs. O Conselho Consultivo poderia motivar outras empresas privadas de tal maneira que elas tivessem conhecimento e vontade de participar do Mosaico. Para atender projetos de Minas Gerais, o GTW montou uma sub-sede do Idese em Januária". Em Alagoas, o Idese apoia a produção artesanal com a palha de ouricuri, palha da taboa e bagaço da cana-de-açúcar, que gera emprego e renda para várias comunidades locais, e mantém reservas florestais em Alagoas e Minas Gerais, com cerca de sete mil hectares de mata preservada.

Projeto Pandeiros - O Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Pandeiros, Cochá e Gibão é uma iniciativa pioneira do IEF-MG, iniciada em 2004, para criar alternativas de renda nas comunidades dos municípios de Bonito de Minas, Januária e Cônego Marinho que, tradicionalmente, viviam da produção do carvão de vegetação nativa. O projeto apoia atividades de educação ambiental nas escolas rurais e urbanas do município de Januária, além de beneficiar cerca de 200 famílias de 20 comunidades da região, incentivando a criação de carneiros e ovelhas, produção de mel, extrativismo dos frutos do Cerrado, aproveitamento sustentável da

palmeira babaçu e agricultura familiar. No período de 2008-2009 foram plantados 260 hectares de milho, feijão e mandioca, além de 60 hectares das oleaginosas mamona e girassol.



Balneário no rio Pandeiros



Tartaruga cujo habitat é o RVS do rio Pandeiros

A região alagada e as veredas do rio Pandeiros, onde foi criado o Refúgio Estadual de Vida Silvestre - conhecida como "Pantanal do Rio Pandeiros" figuram entre as áreas prioritárias para conservação do bioma do Cerrado. O rio Pandeiros é considerado "um berçário natural para os peixes do rio São Francisco". No período das enchentes, os peixes e outras espécies se desenvolvem nessa área, até retornarem ao rio principal na cheia seguinte. A maioria das espécies não migratórias conseguem se reproduzir em lagoas marginais.

Especialistas analisam benefícios e dificuldades do Mosaico

Nesta página estão diversas opiniões de participantes da reunião que elegeu o Conselho Consultivo do Mosaico.

Opiniões dos conselheiros



Vicentina Bispo de Almeida Cortes (membro da Associação Amigos da Cultura e do Centro de Artesanato de Januária, representa os pequenos produtores no Conselho Consultivo do Mosaico): "Criei uma farinha de pequi de forma caseira e, durante um curso de Agroindústria no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet) desidratamos frutos do Cerrado. Trabalhei a partir do que já sabia e o resultado foi o condimento granulado, polpa desidratada, farofa de pequi doce e salgada, que pode ser adicionada a vários pratos. Quando sou convidada para participar de uma mesa desta, penso – 'Será que sou eu mesma, estou preparada para falar?'. Fico lisonjeada e agradeço demais ao meu Deus, Salvador e Todo Poderoso, e a vocês que apoiam essas iniciativas de gente rude e sem estrutura nenhuma."



Antônio Vidal Júnior (secretário de Turismo e Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Januária): "A instalação do Mosaico vai mudar a realidade que enfrentamos, aqui no norte de Minas. Januária é um município muito grande, com realidades distintas entre as pessoas que moram na zona urbana e na zona rural. Um município pobre, mas com muitas potencialidades, como demonstra o próprio acervo natural que compõe a região (no município de Januária estão cinco UCs). A partir do reconhecimento do Mosaico, vamos fazer com que essas potencialidades se transformem em realidade. O município arrecada poucos recursos, vive especificamente da agropecuária (que é muito pequena) e depende demais de repasses dos governos federal e estadual. A Prefeitura participa e contribui para essa melhora, estou otimista com a eleição do Conselho Consultivo do Mosaico e sua representatividade que defenderá os interesses da região."



Laurimar de Jesus (poeta Bauzinho, presidente da Cooperativa de Pequenos Produtores Agroextrativistas de Pandeiros): "Trabalhamos com a polpa do pequi, mel e muitos frutos do Cerrado e estamos sempre buscando alternativas com as reuniões e os projetos, para o desenvolvimento da cooperativa e da nossa região que é muito esquecida, mas com o Projeto Pandeiros a coisa está melhorando, estamos recebendo muito apoio. A cooperativa beneficia cerca de 45 famílias, espalhadas pela região que é muito grande, uma família fica aqui outra acolá. A renda é dividida entre os cooperados, de acordo com a produção de cada um. Gostei muito da reunião do Conselho. Estou sempre participando e buscando alternativas para nosso trabalho na cooperativa, e com a criação do Conselho vamos acompanhar sempre e aprender mais coisas. O que me deixou muito feliz, também, é que os meus cordéis foram bem aceitos pelo público daqui."



José Luiz Vieira (gerente do Parque Estadual da Mata Seca, município de Manga) "Existem dois problemas principais e espero que possam ser resolvidos com o reconhecimento do Mosaico. A estrada de acesso ao parque está em péssimas condições, é muito difícil chegar à área do parque e entorno, em caso de uma ocorrência. Gastamos duas horas para percorrer cerca de 25 km e a comunidade também sofre muito com isso, quando um doente precisa ser levado de ambulância para o hospital, em Itacarambi ou Manga. Além disso, pescadores e caçadores clandestinos entram no parque pelo rio São Francisco, um dos seus limites. Denunciamos a situação ao Ministério Público e aguardamos uma decisão."



Sargento Ferreira (16ª. Companhia da Polícia Militar de Meio Ambiente e Trânsito, com sede em Unaí/MG): "A Polícia Militar de Meio Ambiente e Trânsito está presente em toda a área do Mosaico e uma reunião como essa é de grande importância para fortalecer os mecanismos de proteção dessas áreas e interagir. Precisamos transmitir e buscar informações para melhorar a fiscalização no interior e no entorno das UCs, protegendo essas áreas de acordo com as leis ambientais. A maior dificuldade é a grande extensão territorial das áreas onde estão as guarnições da Polícia Militar e várias chefias dos parques. Com a criação do Conselho Consultivo as informações chegarão mais rápido, o que possibilitará ações também mais rápidas, em detrimento de algum crime ambiental ou acontecimento que esteja prejudicando as UCs. Isso facilitará a fiscalização e o desempenho dos militares."



Parque Nacional Cavernas do Peruaçu



Fernando Lima (técnico do Departamento de Áreas Protegidas do Ministério de Meio Ambiente):

"**A** agenda com a qual trabalho no MMA é a criação de unidades de conservação (UCs) e gestão territorial de UCs e áreas protegidas. Eu trabalhava na Funatura, desde 2001, com um projeto de criação e implementação de RPPNs no entorno dos parques nacionais Grande Sertão Veredas (GSV) e Chapada dos Veadeiros e o resultado desse projeto foram duas RPPNs no entorno do GSV e cinco na Chapada dos Veadeiros. Em 2005, o Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA/MMA) publicou um edital para criação de mosaicos e vimos que havia um conjunto de UCs que atendia ao edital, na região do Sertão Veredas-Peruaçu. No Encontro dos Povos do Grande Sertão daquele mesmo ano a idéia do Mosaico foi apresentada pela Funatura e começamos a trabalhar na proposta do primeiro mosaico do bioma Cerrado, aprovada, posteriormente, pelo FNMA.

Todas as UCs que formam o Mosaico SVP já existiam, estavam esta-belecidas por decreto e o elemento novo é a forma de gestão integrada dessas áreas. O território está ordenado com UCs e suas zonas de amortecimento e será feita uma gestão que considere a sustentabilidade do território que possa, evidentemente, favorecer a conservação dessas UCs, sempre pressionadas por alguma forma de atividade antrópica - agronegócio, tráfico de animais silvestres, fogo, entre outros problemas. Em uma análise geral, vemos que as UCs, a cada dia, ficam mais insustentáveis por falta um projeto de território associado a elas e, nessa situação, o Mosaico caiu como uma luva. A proposta que elaboramos na Funatura, com ampla participação da sociedade, culminou com um plano territorial de base conservacionista, com foco no extrativismo, turismo ecocultural e gestão integrada."

O gerente de Gestão de Áreas Protegidas do IEF-MG, Ronaldo Magalhães, participou da discussão do regimento interno do Mosaico SVP e citou a importância do apoio à gestão integrada de UCs, cujo exemplo é o apoio financeiro dado ao evento em Januária, por meio do convênio assinado com a Funatura. Magalhães falou sobre a responsabilidade do IEF-MG e ICMbio, e as prioridades existentes na implantação do Mosaico:

"**E**stamos implementando estas iniciativas por que o desenvolvimento do território é a melhor alternativa para envolver de forma produtiva, socialmente e ecologicamente responsável, as comunidades do entorno das UCs. A solução para os problemas ambientais passa pelo desenvolvimento socioambiental e econômico dessas comunidades, que precisam ter algum retorno com atividades econômicas rentáveis produzidas pelas UCs. Temos o dever de abrir essas alternativas. Entretanto, o maior problema é a articulação entre todos esses atores. Participar dos conselhos é iniciativa de despreendimento pessoal, as pessoas estão aqui porque acreditam muito na resolução dos problemas ambientais, ninguém recebe nada por isso. Além de articular essas reuniões, é preciso que esse envolvimento continue depois, o que é muito difícil.

Aqui no encontro estamos envolvidos com esse assunto, mas quando cada um está trabalhando em seus territórios, nas atividades diárias, muitas vezes não é possível dedicar tempo necessário a uma ação dessas. Manter a articulação é a maior dificuldade. Nas UCs administradas pelo IEF-MG trabalhamos de forma integrada e creio que é possível trabalhar da mesma forma com unidades federais e municipais. Podemos nos aprimorar e ajudar outras UCs a desenvolver a integração em busca de uma solução maior."





Jornal do mosaico

número 02, publicação trimestral
segundo trimestre de 2010

Projeto de Gestão Integrada do Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu
Convênio FUNATURA/IEF

**Seminário debate
plantio de eucalipto e
conselheiro apresenta
proposta aos pequenos
produtores**



Câmaras temáticas do Conselho Consultivo do Mosaico SVP vão acompanhar processos de licenciamento ambiental para evitar danos às unidades de conservação da região

Duas câmaras temáticas foram criadas durante a reunião de julho, do Conselho Consultivo do Mosaico SVP. Os conselheiros e gestores das unidades de conservação da região decidiram que os processos de licenciamentos com significativos impactos ambientais, no território do Mosaico, devem ser acompanhados, passo a passo, por profissionais que tenham conhecimento e vivência das questões que afetam essas áreas e suas comunidades. **(Leia mais na pág. 3)**

A retomada dos monocultivos de eucalipto também esteve na pauta da reunião do Conselho Consultivo, que aprovou a realização do seminário sobre este tema, em 29 de setembro. O conselheiro Edilson Rodrigues de Araújo (foto), secretário de Esportes, Lazer e Turismo, de Bonito de Minas, adiantou alguns dos pontos que apresentará para a análise durante o seminário: "Podemos apresentar uma moção de preocupação com o problema da monocultura do eucalipto proposta pelos grandes produtores. Pretendemos discutir o assunto com os produtores, os investidores, a comunidade local e os pesquisadores, entre outros setores da sociedade. Uma das nossas propostas é realizar um trabalho com os pequenos e médios produtores de pequenas plantações para abastecer sua propriedade. Por exemplo, se precisarem fazer cercas, construções e outras utilizações, não precisarão tirar madeira do Cerrado nativo, terão o eucalipto da sua propriedade".

**Os Xakriabá
resgatam
medicina
praticada
por seus
antepassados**

7/8



**Projeto
Pandeiros, do
IEF-MG,
apresenta
importantes
resultados
e o ecocarvão é
um deles**



4/5

Refúgio de Vida Silvestre (RVS) possui mais de seis mil hectares alagados



O pântano é uma das mais importantes áreas do Mosaico

O Pantanal Mineiro - área de 6.102 hectares alagados, principalmente no período das cheias - foi transformada no Refúgio Estadual de Vida Silvestre (RVS) do Rio Pandeiros, em 2004, pelo Decreto nº. 43.910, para proteger a ictiofauna da Bacia do Rio São Francisco, em especial as espécies migradoras. Com o RVS, onde se reproduz 70% da fauna aquática do Médio Rio São Francisco, devem ser preservadas as áreas alagáveis e lagoas marginais do rio Pandeiros - um berçário natural para os peixes do rio São Francisco. Esse santuário está localizado na Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Pandeiros, maior unidade de conservação (UC) do Estado de Minas, com 393 mil hectares, criada em 1995, nos municípios de Januária e Bonito de Minas. A empresa Centrais Elétricas de Minas Gerais (Cemig) é co-gestora da APA.

A região alagada e as veredas do rio Pandeiros - conhecida como Pantanal Mineiro - figuram entre as áreas prioritárias para conservação do bioma Cerrado. A maioria das espécies não migradoras

consegue se reproduzir em lagoas marginais e a proteção da área alagável é uma ação efetiva para garantir a conservação dessa ictiofauna (peixes de uma determinada área). Além do imediato reflexo local, a proteção é benéfica para as espécies migradoras de outras áreas da Bacia do São Francisco, como as barragens de Três Marias (MG) e Sobradinho (BA).

O RVS e as veredas do rio Pandeiros, desde 1999, estão na categoria *importância biológica especial*, a mais alta dentre os cinco níveis utilizados: é um ambiente único no Estado e possui alta riqueza de espécies de distribuição restrita. As espécies de piracema alcançam esses ambientes no período das enchentes e ali se desenvolvem até retornarem ao São Francisco na cheia seguinte. (Fonte: Ascom/Sisema)



Ponto de acesso ao balneário do rio Pandeiros



Pandeiros, berçário de espécies aquáticas

A torre de observação é o local de trabalho de José Antônio



A torre de observação do Pantanal Mineiro é o lugar onde José Antônio Alves de Jesus (foto) passa a maior parte de seu tempo. Ele é um dos brigadistas responsáveis por vigiar sinais de ameaças ao pântano do Refúgio de Vida Silvestre (RVS) do Rio Pandeiros e avisar ao gestor da área, Ricardo de Almeida Souza, para que sejam tomadas as providências necessárias. A vigilância é feita 24 horas por dia, com revezamento entre José Antonio e outro brigadista que o substitui quando termina seu turno, e pelo guarda-parque que usa um barco para circular pela área do pântano. Todos se comunicam por sistema de radiocomunicação.

Sobre as modificações que ocorreram nessa área, nas últimas décadas, o brigadista lembrou que seus pais, agricultores e moradores do local há muitas décadas, "contam que mudou muito tudo aqui, essas lagoas não tinham a vegetação que tem hoje, a água era limpinha". José Antonio estudou até à 8ª. série, tem 31 anos, é casado e mora com a esposa e dois filhos bem próximo do seu local de trabalho: "Gosto de morar e trabalhar aqui. Morei em Januária uns tempos, mas não me acostumei. Aqui é muito bom. É tranquilo. Antes, trabalhava em carvoarias das plantações de eucalipto, em Três Marias e Curvelo, fazendo carvão." Ele contou que é comum ver jacarés e capivaras, mas da onça suçuarana só viu os rastros, perto do Centro de Visitantes, cinco dias antes desta entrevista.



Projeto Pandeiros, Cochá e Gibão apoia o extrativismo e geração de renda

O Projeto de Desenvolvimento Sustentável Pandeiros, Cochá e Gibão, executado pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG), é uma iniciativa pioneira iniciada em 2004, para criar alternativas de renda nas comunidades dos municípios de Bonito de Minas, Januária e Cônego Marinho que, tradicionalmente, viviam da produção do carvão de vegetação nativa, segundo documento do Sistema Estadual de Meio Ambiente de Minas Gerais (Sisema).

Coordenado por Kolbe Soares, o projeto apoia cerca de 200 famílias de 20 comunidades da região e incentiva a criação de carneiros e ovelhas, produção de mel, extrativismo dos frutos do Cerrado, aproveitamento sustentável da palmeira babaçu e agricultura familiar - em 2008-2009, foram plantados 260 hectares (ha) de milho, feijão e mandioca, além de 60 ha das oleaginosas mamona e girassol. Incentiva o extrativismo em geral, o artesanato, segurança alimentar e a regularização da situação fundiária regional.

Entre as iniciativas implementadas estão a construção do Centro Comunitário de Extrativismo e Artesanato do Cerrado (CCEAC) e a educação ambiental nas escolas rurais e urbanas do município de Januária. A organização comunitária e o cooperativismo são muito importantes para as comunidades locais alcançarem seus objetivos e, para isto, o projeto também estimula e desenvolve ações como o Programa Horta Escolar e Comunitária que implantou dez hortas escolares e 22 comunitárias, até 2010.



Coordenador alerta para redução da água na APA do Pandeiros



A estrada de acesso ao RVS do Rio Pandeiros é cortada por vários ribeirões e rios secos ou assoreados, o que é uma situação preocupante, principalmente porque se trata de um refúgio de vida silvestre. O objetivo dessa UC é proteger a existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora local e da fauna residente ou migratória. A visitação pública está sujeita às normas e restrições estabelecidas no seu plano de manejo, assim como a autorização para pesquisa científica.

O coordenador do Projeto Pandeiros, Kolbe Soares (foto), disse que, na área, existem muitos problemas ambientais e degradação: "Houve produção ilegal de carvão vegetal, exploração de matas ciliares do rio Pandeiros, implantação de grandes plantios de eucalipto e, além disso, cerca de 10 mil pessoas moram na APA do Pandeiros, e nessas comunidades muitos ainda praticam atividades não compatíveis com a área".

Sobre a situação dos ribeirões e rios da região, Kolbe explicou que Pandeiros tem "mais de 60 afluentes e subafluentes e cerca de 40 secaram por completo". Segundo moradores mais antigos da região, o rio Pandeiros possui, atualmente, um terço do volume de água de 15 anos atrás, o que representa grande comprometimento dos recursos hídricos dessa região.

O ecocarvão, um produto do babaçu, evita o corte de árvores



Da árvore, o babaçu passa por várias etapas até se transformar no carvão que será vendido em mercados

O ecocarvão é um dos produtos da região banhada pelo Pandeiros onde existe uma extensa área de 5.000 hectares (ha) de babaçuais, palmeira que representa uma importante fonte de recursos para algumas comunidades locais. Um dos objetivos do Projeto Pandeiros é diminuir a produção ilegal do carvão vegetal e incentivar a produção do carvão ecológico aproveitando os frutos do babaçu (*Orbignya speciosa*) com a implantação de uma unidade demonstrativa de todo o processo de transformação. O resultado será a redução dos impactos ambientais e melhoria da qualidade de vida dos moradores da área.

voejamento dura até 10 horas e nesse processo há um rendimento de 1/3 (um terço), ou seja, 100 kg de coco se transformam em 33 kg de carvão. Pesquisas realizadas sobre essa espécie indicam que a densidade de palmeira de babaçu é de 343 por ha, com 187 árvores produtivas. A média de cachos é de seis por palmeira e o número de cocos por cacho é de 120. O peso médio do coco velho é 190 gramas (grs) e são encontrados cerca de 45% de cocos velhos. O potencial de produção total é de 134.640 cocos por ha.

Para produzir o ecocarvão aproveita-se cocos velhos, de safras superiores a dois anos: o carvoejamento dos frutos é feito em latões de 200 litros colocados em buracos, com 3 cm de profundidade em forma de cruzeta, no diâmetro do latão, que é preenchido com cerca de 80 kg de coco. O tempo de car-



Associação de Artesãos do Candeal pede ajuda

A cerâmica do Candeal é reconhecida como patrimônio imaterial brasileiro e produzida no distrito de Candeal, do pequeno município de Cônego Marinho que possui uma população de 6.440 habitantes e território de 1.618 km² (IBGE, 2009). Cônego Marinho está localizado na Área de Proteção Ambiental (APA) Federal Cavernas do Peruaçu e faz parte do Mosaico SVP. A cerâmica do Candeal (potes, maringas, pratos, figuras humanas e animais, e vários outros utensílios) é considerada "uma das mais significativas representações da ampla e diversificada produção artesanal mineira, que surgiu em uma região constantemente castigada por secas, onde a confecção de potes de barro para conter e carregar água se fez tradição secular, passada de mães para filhas, com elementos únicos, despojados e simples, ao mesmo tempo que belos e impregnados de valor cultural", segundo o antropólogo Ricardo Gomes Lima - autor do estudo *Mulheres do Candeal*, sua tese de doutorado, divulgada em 1998.

As gerações de oleiros (pessoas que trabalham com argila e barro e produzem utensílios) transmitiram de mãe para filha, a arte e técnica de produzir peças utilizadas em suas atividades diárias e que se tornaram também decorativas quando foram descobertas pelos visitantes da região. As peças são produzidas com barro e queimadas em fornos também de barro, decoradas com desenhos de flores e arabescos pintados nas peças com o tauá (um pigmento natural). Gomes Lima baseou sua pesquisa no estudo de um grupo de 25 famílias residentes na comunidade de Candeal, vivendo da agricultura de subsistência (milho e feijão, principalmente), em uma região de transição entre o Cerrado e a Caatinga, extremamente seca.

O artesanato é a principal fonte de renda da população, além dos benefícios oferecidos pelo governo (bolsa-família, auxílio-gás e aposentadorias) que completam os rendimentos das famílias. O grupo, com auxílio externo, constituiu uma associação que, infelizmente, mostrou-se pouco eficaz. Um dos fatores que mais contribuiu para isso foi a dificuldade encontrada pelas mulheres para lidar com questões muito diferentes daquelas de seu cotidiano além do analfabetismo que, entre os adultos, atinge 98%. Havia uma produção que alcançava uma média de 500 peças mensais e 120 peças semanais: os potes e as tigelas, cumbeucas para caldo são os mais vendidos, com uma renda de R\$ 200,00 a R\$ 300,00, para cada artesã, geralmente em julho, mês de férias e de turismo na região. Atualmente, o estoque de peças está muito pequeno.

Galpão dos oleiros - No galpão dos oleiros do Candeal uma placa registra a data de inauguração, em 18 de maio de 1999, do espaço construído para abrigar a Associação dos Artesãos da Comunidade de Olaria e Adjacências e ser o local de trabalho das artesãs. A obra foi realizada pelo Programa Comunidade Solidária, Superintendência de Desenvolvimento do Nor-



Peças de cerâmica do Candeal

deste (Sudene), Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e Funarte, do Ministério da Cultura (Minc).

Em 2010, 11 anos depois da inauguração, o simpático casal - "seu" Januário Lopes dos Reis e "dona" Emília Nunes de Souza - que recebeu a equipe do **Jornal do Mosaico** no Candeal falaram sobre as condições atuais da associação: falta manutenção, é preciso trocar os vasos sanitários e arrumar os banheiros, e quando chove a água desce e penetra por baixo da base da sede da associação, o que pode afetar toda a estrutura da construção. O agricultor Januário, 84 anos, sempre trabalhou na lavoura de mandioca, milho, feijão, cana-de-açúcar e cedeu, de sua propriedade, o terreno onde foi construída a sede. Durante o mandato da última diretoria, ele era um dos conselheiros fiscais.

A artesã Emília, 82 anos, esposa de "seu" Januário, mãe de sete filhos e avó de três netos, era a única pessoa que estava trabalhando no galpão. Segundo ela, a última grande venda de peças aconteceu em 2008 e, atualmente, muitas mulheres da comunidade fazem as cerâmicas em casa e levam para a associação. "Trabalhando aqui, só eu, dona Socorro e a Santinha, que quando não estão na associação estão fazendo farinha. Existem 16 artesãs que trabalham assim. O período do presidente venceu em abril deste ano e estamos em agosto, mas ainda não houve outra eleição."

Seu Januário não se conforma com o abandono do lugar e desabafou: "A associação está parada, abandonada, as autoridades não atendem nossos pedidos de conservação do galpão. Nem os fornos estão funcionando direito. As pessoas não se reúnem mais aqui, é cada um para o seu lado. Os homens não querem saber de trabalho não, só querem beber pinga, com o dinheiro do bolsa-família. Não consigo nem fazer os meu netos trabalharem, eles passam o dia todo sem fazer nada e vendo televisão. Estou velho e com problema de saúde, não sei mais o que fazer para esta associação voltar a andar para frente".

leiro (PAB) coordenada pelo MDIC (www.desenvolvimento.gov.br), em Brasília, em março deste ano, foi montada para homenagear os artesãos brasileiros: 19 de março é o Dia do Artesão. O PAB prepara comunidades de artesãos para tornar o artesanato uma fonte permanente de ocupação e renda, apoiando a preservação das culturas locais e a formação de empreendedores, com a preparação das organizações e de seus artesãos para o mercado. O Estatuto do Artesão está no Congresso Nacional, em Brasília, aguardando votação.

Desde 1997, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) apóia os artesãos e artesãs brasileiras, por meio de programas, projetos e ações de capacitação em empreendedorismo, gestão, *design*, entre outros temas. O Sebrae também patrocina a participação de cooperativas nos grandes eventos nacionais e regionais. A cada dois anos, o Sebrae premia os melhores trabalhos e o empreendedorismo em todas as regiões do país com o Prêmio Top 100 de Artesanato.

A exposição do Programa do Artesanato Brasi-

Onde Vender e Comprar



Artesã cria bolsas com plástico reciclado

Maria Eunice de Sá, presidente da Scaita, cria produtos a partir do material colhido na cidade de Itacarambi (MG) para reciclagem. A bolsa que ela mostra na foto é o destaque da sua produção: feita de garrafas de detergente prensadas e cortadas, as peças são unidas com pontos de crochê. A bolsa é uma ótima opção para substituir as sacolas de plástico usadas no comércio em geral, não apenas nos supermercados. Sendo de plástico, elas podem ser lavadas mais facilmente e mantidas sempre limpas. O trabalho da associação é uma boa alternativa para começar a reduzir o grande volume de sacolas plásticas que infestam as ruas e o lixo de algumas cidades da região, principalmente Januária (a cidade possui a maior população e movimento comercial na região do Mosaico SVP).



Professora viaja pelos Gerais

Anacirema Pereira Freitas - reside em Jacinto (MG) - é professora do curso de bordado e pintura em tecido, contratada pelo Senar para dar cursos em várias cidades do norte Estado de Minas Gerais. Grupos de senhoras e jovens interessadas em aprender e produzir peças que possam ser vendidas em feiras e eventos regionais se reúnem e trabalham sob a coordenação de Anacirema, na Secretaria Municipal do Turismo, Cultura e Lazer de Itacarambi.

Associação dos Catadores de Reciclagem de Itacarambi (Scaita)

Tel.: (38) 3613.1322 e Cel.: (38) 9192.0658
Prefeitura Municipal de Itacarambi
Praça Adolfo de Oliveira, S/N
39470-000 - Itacarambi (MG)
Tel.: (38) 3613.1100 - Fax: (38) 3613.1220

Associação dos Artesãos da Comunidade de Olaria e Adjacências

Povoado do Candeal
Tel.: (38) 3625.4054
Prefeitura Municipal de Cônego Marinho
Rua Bertolo Lopes Rocha, 25, Centro
39489-000 - Cônego Marinho (MG)
Tel.: (38) 3621.8113, 3621.8117 e 3621.8206
e-mail: admconeigo@conegomarinho.mg.gov.br
www.conegomarinho.mg.gov.br



São João das Missões investe no turismo ecocultural e na proteção da Reserva Indígena Xakriabá



O supervisor de Meio Ambiente e Turismo, da Secretaria de Agricultura de São João das Missões, Adailton José de Santana, é membro do Conselho Consultivo do Mosaico SVP e falou sobre o resgate das tradições no município: "A Prefeitura Municipal de São João das Missões quer desenvolver o turismo, aproveitando as tradições do município, como a festa junina de São João Batista, de mais de 300 anos. É uma festa turística, realizada de 21 a 25 de junho, e atrai de 10 a 30 mil visitantes, dependendo dos *shows* programados. Temos que resgatar a cultura do São João, porque a festa tem cachorro-quente, capeta (bebida muito consumida no Nordeste, preparada com vodka, leite condensado, canela em pó, mel, além de guaraná e achocolatado em pó), mas não tem pipoca e nem as comidas típicas das festas juninas, tradicionais de São João".

Para Santana, é preciso manter a tradição, atrair mais turistas e gerar renda durante o período de férias. As pessoas daqui não trabalham na festa, participam da festa. Os *shows* vêm de fora e o trabalho é feito por pessoas de outras cidades, que montam suas barracões aqui em São João. Poderia haver algum incentivo para que as pessoas da cidade assumissem a organização da festa. Queremos resgatar essa tradição com o turismo ecocultural por meio do Mosaico SVP." Outra atração do município é o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu que está inserido em quatro municípios, entre eles São João das Missões. Além do parque, o município possui belezas cênicas exuberantes, cavernas, sítios arqueológicos e

Programa de Pequenos Projetos Ecosociais

O Programa de Pequenos Projetos Ecosociais (PPP-ECOS) é coordenado pelo Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPEN) e financiado pelo Fundo para o Meio Ambiente Global (GEF) da Organização das Nações Unidas (ONU). É um dos poucos programas, no Brasil, que direciona seu apoio, exclusivamente, ao bioma Cerrado e suas áreas de transição com a Amazônia, Pantanal, Caatinga e a Mata Atlântica. A Associação Indígena Xakriabá Aldeia Barreiro Preto (AIXABP) desenvolve dois projetos: um deles é a criação e implantação do *Centro Xakriabá de Aproveitamento dos Recursos Naturais do Cerrado* para ampliar a Casa de Medicina Xakriabá com a instalação da cozinha experimental, construção de oficina de fabricação artesanal de sabão com utilização sustentável dos recursos naturais do Cerrado. O projeto tem 30 meses de duração e seu custo é de 33,2 mil dólares; o outro projeto - *Xakriabá de mãos dadas na recuperação da natureza: água é vida* - prevê a recuperação das principais nascentes e olhos d'água do território indígena, além da promoção da educação ambiental, com 18 meses de duração e aplicação de 16,8 mil dólares.

Dois outras aldeias da Terra Indígena Xakriabá, reunidas na Associação Indígena Xakriabá Aldeias Santa Cruz e São Domingos, trabalham no projeto *Xakriabá de mãos dadas* que recupera nascentes por meio do cercamento, e estimula a coleta de frutos do Cerrado. Esse projeto fortalece as atividades no viveiro da Aldeia Barreiro Preto e a distribuição das mudas para plantio nas áreas próximas às nascentes cercadas e casas da reserva. Também serão realizadas ações de conscientização da população em geral, com destaque para as crianças por meio da participação dos professores indígenas. O projeto é a replicação do que foi apoiado, em 2004, pelo PPP-ECOS, na Aldeia Xakriabá Barreiro Preto. Serão 18 meses de execução a um custo de 55,5 mil dólares.

São João das Missões

São João das Missões possui território de 675 km², foi desmembrado do município de Itacarambi e emancipado em 1995. É formado pelo distrito de Rancharia, 12 povoados e 21 aldeias na Terra Indígena Xakriabá (com área de 530,74 km², que corresponde a 78,07% da superfície total do município). Localizado no Vale do Peruaçu (Alto Médio São Francisco, norte de Minas Gerais), com 11.267 habitantes (IBGE/2009), entre população indígena e não-indígena. O município está classificado pela Agência de Desenvolvimento do Nordeste (Adene) como uma região onde "as condições são de extrema pobreza e pouco desenvolvimento socioeconômico". A maioria da população do município é indígena e muitos índios moram na cidade (mais de 100 famílias com um número de integrantes que varia de cinco a dez pessoas).

Xakriabá - I

N'Chatary, a farmácia indígena



Uma das espécies do viveiro de plantas medicinais

O projeto Casa da Medicina Tradicional é, para os Xakriabá, a N'Chatary (farmácia) onde os membros da comunidade que conhecem as indicações das plantas, cascas e raízes trabalham e produzem xaropes, pomadas, e preparam as espécies que são usadas como chás. Valdemar Xavier dos Santos (foto), conhecido como Valdim, 64 anos, liderança da Aldeia Barreiro Preto, conhece o poder de cura das plantas e fala sobre elas com muito cuidado: "Nossa gente conhece bem as plantas, eu conheço mais que alguns e toda vida tivemos costume de usar remédio caseiro, sempre que alguém precisava tomar um remédio, ia buscar no mato. Com o projeto é mais fácil para toda nossa comunidade tomar os remédios naturais. Nosso objetivo não é o lucro, isso é para beneficiar o Povo Xakriabá. Não pensamos em viver de uma renda disso, mas combater algumas doenças sem ocupar o médico."

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e a Prefeitura Municipal de São João das Missões apoiaram a construção da Casa da Medicina Tradicional, iniciada em 1997, e a comunidade participou com a mão de obra. Atualmente, funciona com voluntários e uma pessoa contratada pela prefeitura para os serviços gerais. Para Valdim, os médicos deveriam valorizar mais o uso desses remédios, usados no passado, quando não existiam médicos para atender os índios. "Isso não impede que a comunidade procure o médico, mas os postos de saúde estão cheios de pessoas que têm um problema simples que poderia ser curado com o remédio caseiro, mas essas pessoas ficam ocupando o lugar de doente grave", acrescentou. Com jeito um pouco triste, ele disse que "as novas gerações, principalmente, esqueceram esses remédios e quando levamos as crianças e jovens das escolas para visitar o viveiro de mudas ou para o campo, eles não conhecem quase nada, e a Casa da Medicina, pode ajudar a manter nossa tradição no uso das plantas."



Muitos rios estão secos e outros agonizam

Os Xakriabá - cerca de 8.000 índios - habitam a Reserva Indígena Xakriabá/Terra Indígena Xacriabá Rancharia, com área de 56.000 hectares (ha) que abrange os municípios de São João das Missões e Itacarambi, homologada em maio de 2003. Vários projetos são desenvolvidos na reserva: Aldeias Escolas, Projeto Tanque, Apicultura e Suinocultura, entre outros. Até 1996, a Prefeitura Municipal de Itacarambi respondia pelas relações com os Xacriabá. Com a criação do município de São João das Missões, em 1996, essa responsabilidade passa a ser do novo município.

Formam o maior grupo indígena aldeado de Minas Gerais, com uma população jovem - cerca de 45,0% dos indivíduos com até 14 anos - e apenas 4,0% com 65 anos e mais de idade. Nessa terra indígena existem 52 localidades, subdivididas em 27 aldeias e 25 subaldeias, com 1.224 casas ocupadas, distribuídas em duas áreas contíguas que têm, respectivamente, 46.415 e 6.660 ha. A área maior foi delimitada em 1978 e demarcada em 1987, e a outra, ainda não demarcada, foi identificada e delimitada somente em 1999 (Funai/2007).

A Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste Minas Gerais e Espírito Santo (Apoime) reúne representantes de 64 povos - entre eles os Xakriabá - e organizações indígenas dos estados da Região Nordeste, além de Minas Gerais e Espírito Santo. A Apoime trabalha na identificação, demarcação, homologação e desintrusão das terras indígenas, garantia da educação escolar diferenciada que respeite os costumes, crenças e tradições, atendimento à saúde que respeite diversidades e modos próprios de aprendizagens, assistência técnica e extensão rural para as comunidades indígenas, proteção ao meio ambiente e atividades econômicas que garantam a sobrevivência física e cultural dos indígenas.

Rios da reserva - Muitos rios estão morrendo e diversas aldeias usam água de poços artesianos com bombeamento e distribuição racionada, em determinadas épocas do ano. A população busca água distante de suas casas nos ribeirões que ainda resistem às condições do clima seco e árido. Durante a viagem até à Aldeia do Barreiro Preto, a equipe do **Jornal do Mosaico** observou, no mês de agosto deste ano, que, em alguns ribeirões, ainda corre um pequeno volume de água, mas muitos secaram e a água não voltou nos anos seguintes. Segundo relatório da Secretaria Geral da Prefeitura de São João das Missões, vários rios da reserva estão em agonia há quase uma década.

O estudo, publicado em 2002, indica que "estão em visível agonia", o rio Itacarambi e os riachos do Brejo de Mata Fome e Olhos D'Água. Outros riachos foram considerados cortados e/ou secos: Sumaré, Prata, Pindaibas, Imbaúba, Vargens, Sapé, Buritis, Caatinguinha e Itacarambzinho. Os açudes e cacimbas estão totalmente secos. A terra indígena possui 18 poços tubulares (Sumaré I, Sumaré II, Barreiro Preto, Defuntos, Muringa, Pedra Redonda, Terra Preta, Santa Cruz, Coqueiros, Prata, Sabonete, Bebedouro, Simão Corrêa, Rancharia I e II, Sítio e São Bernardo) com captação da água por meio de compressores, sucção e bomba.

Ainda de acordo com o relatório, "os Xakriabá são, fundamentalmente, pequenos agricultores e criadores de gado, em um processo por um lado de imposição cultural, que caracterizou os aldeamentos indígenas e de intensa troca com outras populações, como os negros libertos no período após a escravidão". A luta pela terra nas décadas de 1970 e 1980 dividiu a população, e permaneceu na reserva quem afirmou a própria ancestralidade indígena.

Extermínio - Desde os primeiros contatos com os colonizadores, no século XVI, fo-

ram vítimas de violência, por meio de guerrilhas de repressão e extermínio, o que resultou em verdadeiro genocídio. Os sobreviventes desenvolveram diversificados meios e estratégias para garantir a vida, mas perderam suas tradições: os Xakriabá foram desenraizados do seu mundo original, abandonando a língua, seus usos e costumes, que os tornavam vulneráveis à violência dos colonizadores. No passado, eram chamados Acroá e Coroá e habitavam a Bahia. No Piauí e Goiás eram chamados Gamela. Os Xakriabá são a mistura de índio com negro: os primeiros escravos trazidos para Minas Gerais se relacionaram com os índios locais, formando, então, os Xakriabá.

A partir do século XIX, estabeleceram contato com retirantes baianos, migrantes da região seca do sul da Bahia e negros alforriados. Sabendo que ali se tratava de terras dos índios, os imigrantes pediam permissão ao cacique para cultivar a terra, fazer roçados e moradas. Com a permissão concedida, estabelecia-se o pacto e o líder determinava o local para compartilhar o território. Entretanto, novos

conflitos surgiram entre os filhos de ocupantes que reivindicaram a propriedade da terra e com fazendeiros instalados na região. E, em 1927, aconteceu um dos maiores conflitos, com a morte de um grande número de indígenas. Ao longo do século XX, índios e não-índios disputaram as terras com ações na Justiça e participação de órgãos do governo federal.

Fundação Nacional do Índio (Funai) Administração Executiva Regional de Governador Valadares

Avenida Brasil, Nº. 2.560, Centro
35020-070 - Governador Valadares (MG)
Tel.: (33) 3271.1694 - Fax: (33) 3271.1847
e-mail: funaigvr@veloxmail.com.br
Tel.: (33) 3255.1248 e 8805.8827



Escola na Aldeia Barreiro Preto

Educação diferenciada reforça identidade indígena

O estudo *O processo de escolarização entre os Xacriabá: explorando alternativas de análise na antropologia da educação*, de Ana Maria R. Gomes, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), publicado em 2003, mostra que a criação das escolas estaduais indígenas pelo Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI-MG), em 1997, foi um fato marcante para os povos Maxakali, Pataxó, Krenak e Xakriabá.

As escolas indígenas garantem o direito à educação diferenciada, estabelecem seus parâmetros de funcionamento, criam formas específicas de organização e condução das atividades didáticas, de acordo com as características de cada povo indígena. Entre os Xakriabá, no entanto, o processo de escolarização teve seu início pelo menos 20 anos antes do reconhecimento, pela Fundação Nacional do Índio (Funai), da existência da população indígena local, ao final dos anos 1970, a demarcação do seu território e a homologação em 1987. Durante esse período, o acesso à instrução cresceu progressivamente.

A escola indígena trouxe profundas alterações. A facilidade com que hoje, nas diferentes classes Xakriabá, se torna possível acolher crianças de diferentes idades e que participam em modo diferencia-

do do contexto escolar é uma característica difícil de encontrar em escolas do meio urbano. O processo crescente de reconstrução da identidade indígena tem estreita relação com a escola. Em 2003, a reserva possuía 26 aldeias, com escolas em todas elas e ainda em três subaldeias, organizadas em duas unidades administrativas: Escola Estadual Indígena Bukimuju (15 endereços, 56 turmas e 1187 alunos) e Escola Estadual Indígena Xukurank (14 endereços, 38 turmas e 840 alunos). Havia 104 professores indígenas contratados pelo Estado e a maioria atuava na própria comunidade, atendendo de 1ª. a 8ª. séries. A primeira turma foi diplomada em dezembro de 2003.

Luciano Evangelista Moreira, mestre em Ciências Biológicas pela Faculdade de Ciências da Saúde do Rio Doce, em estudo sobre indígenas de Minas Gerais, divulgado em 2008, explicou que "a identidade étnica dos Xakriabá foi e ainda é ignorada por muitos, inclusive por órgãos governamentais" e acrescentou que "entretanto, não é necessária uma análise cultural muito profunda para perceber que os Xakriabá possuem identidade própria e consciência da sua indianidade, evidenciadas, principalmente, pela religiosidade e posse comunitária da terra".



Jornal do mosaico

número 03, publicação trimestral
terceiro e quarto trimestres de 2010

Projeto de Gestão Integrada do Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu
Convênio FUNATURA/IEF

Veja como
apresentar
projetos ao
FNMA

3



Importância
da capacitação
para turismo
ecocultural
é o tema da
entrevista com
Rosivaldo
Cardoso

6

Conselheiros do
Mosaico SVP e
representantes
de empresas
debatem o
plantio de
eucalipto

7/8

Ministra do Meio Ambiente assina edital do FNMA para implementar o Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (DTBC) do Mosaico SVP



A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, assinou, no dia 14 de dezembro, durante a solenidade de comemoração dos 10 anos do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), o edital – um Termo de Referência – que estabelece as normas para o Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) selecionar os projetos de implementação do Plano DTBC do Mosaico SVP, nos eixos extrativismo vegetal sustentável e turismo ecocultural. Os recursos serão liberados pelo Fundo Socioambiental da CAIXA. (Leia mais nas págs. 3, 4 e 5)

Comunidade tradicional participa de aniversário do SNUC



O Grupo Manzuá - da comunidade localizada à margem do rio Carinhanha, no entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, município de Januária (MG) - foi um dos destaques da comemoração que marcou o aniversário de criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Mulheres e homens cantaram, tocaram e dançaram em espaço montado no Parque Nacional de Brasília. Após o evento, o grupo foi cumprimentado pela ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira.



Chegamos ao fim do primeiro ano de funcionamento do Conselho do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu com a realização de três reuniões. Acredito que os trabalhos estão sendo muito importantes para o território. Ressalto o imprescindível apoio do IEF-MG e do Ministério do Meio Ambiente e Fundo Nacional do Meio Ambiente (MMA/FNMA), sem os quais dificilmente teríamos condições de mobilizarmos o Conselho e colocarmos em prática as ações que foram desenvolvidas. É evidente que todas as entidades que compõem o Conselho têm, em seu conjunto, a maior parcela de responsabilidade para que a proposta do Mosaico siga em frente e se fortaleça.

Aprovamos o regimento interno do Conselho; definimos a criação da câmara temática para acompanhar processos de licenciamentos com significativos impactos ambientais no território do Mosaico e a criação de câmara temática sobre a abertura dos parques do Mosaico; promovemos as capacitações sobre gestão integrada de unidades de conservação (UCs) e sobre o papel do conselheiro; realizamos um seminário sobre a retomada do plantio de eucalipto no território; estamos trabalhando na proposta de parceria com o Parque Natural Regional Scarpe – Escaut, da Região Nord-Pas de Calais (França); e publicamos três números do **Jornal do Mosaico**.

No próximo ano, os desafios serão grandes. Além de iniciarmos a implementação de atividades importantes previstas no Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (DTBC) do Mosaico, daremos sequência aos debates que definirão critérios socioambientais necessários à retomada do processo de plantio de eucalipto no território do Mosaico. É preciso agir no sentido de minimizar os impactos e não permitir que se repitam os fatos do passado que deixaram um passivo ambiental e social de uma atividade muito mal conduzida. Atualmente, existem várias UCs no território que se constituem em um Mosaico e deve ser respeitado. Além disso, entendemos que outras formas de desenvolvimento são mais adequadas à região e atendem populações tradicionais e comunidades das UCs e, em especial, atividades ligadas ao extrativismo sustentável e turismo ecocultural.

Nesse sentido, em 15 dezembro de 2010, houve a publicação do Termo de Referência para a Implementação do Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu que receberá apoio do FNMA/MMA e recursos do Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal no valor total de R\$ 2.668.516,00 (dois milhões, seiscentos e sessenta e oito mil, quinhentos e dezesseis reais), por um período de dois anos, para aplicação em extrativismo vegetal sustentável e turismo ecocultural. É importante ressaltar a relevância dessa questão para o território, tendo em vista que o Governo Federal reconheceu a importância de destinar recursos ao desenvolvimento da região, considerando a existência de UCs que compõem um Mosaico. Grande notícia para fechar o ano.

Esperamos que 2011 seja um ano de muito trabalho e realizações, e desejamos a todas e todos muita paz e saúde.

Cesar Victor do Espírito Santo
Superintendente-executivo da Funatura
Secretário-executivo do Conselho Consultivo do Mosaico SVP

Veredas

Esculturas naturais



Bonito de Minas - Município pequeno com 3.925,5 km² e cerca de 10 mil habitantes é uma localidade acolhedora, situada no norte do Estado de Minas Gerais. Entre seus atrativos destacam-se o rio Pandeiros (com as cachoeiras do Gibão e do Gavião), as belas praias do rio Catulé, além do rio Carinhonha. Mas a natureza também presenteou a região com formações rochosas, verdadeiras esculturas naturais na Serra da Flexeira, que atraem visitantes de várias localidades.

Contato

Prefeitura Municipal de Bonito de Minas
Rua José Borges Monteiro, S/N, Centro
39490-000 – Bonito de Minas (MG)
Tel.: (38) 3625.6117



Fotos: Arquivo Prefeitura Municipal de Bonito de Minas

Cooperação Franco-Brasileira e Plano DTBC - I

Edital do FNMA assinado pela ministra Isabella Teixeira apresenta normas para seleção de organizações que implementarão o Plano DTBC do Mosaico SVP



O Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) divulgou o Termo de Referência No. 01/2010 que selecionará instituições para implementação do Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (DTBC) do Mosaico SVP. O FNMA está vinculado às secretarias Executiva e de Biodiversidade e Florestas, do Ministério do Meio Ambiente (MMA). O Termo de Referência foi assinado pela ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira (foto), no dia 14 de dezembro, durante a solenidade de comemoração dos 10 anos do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (Snuc). Esse documento é fruto de uma parceria interinstitucional entre o MMA e o Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal (CAIXA). O objetivo é implementar ações que integrem os eixos extrativismo vegetal sustentável e turismo ecocultural e estão no Plano DTBC.

O Fundo Socioambiental atua diretamente como executor da ação, por meio do fomento financeiro a um projeto estratégico de abrangência regional, com apoio do MMA na seleção e acompanhamento de projetos considerados relevantes. As propostas deverão ser enviadas ao FNMA até **18 de fevereiro de 2011**. Os recursos previstos são R\$ 1.105.299,00 para extrativismo vegetal sustentável e R\$ 1.563.217,00 para turismo ecocultural, com execução de dois anos para cada área. O investimento, nessa fase, destina-se, exclusivamente, às metas e atividades apresentadas no Plano DTBC elaborado para o Mosaico SVP.

Entre os oito projetos de mosaicos financiados pelo FNMA, a partir do Edital No. 01/2005, o Mosaico SVP é um dos reconhecidos oficialmente pelo MMA. Poderão concorrer aos recursos desse Termo de Referência as instituições públicas e privadas brasileiras sem fins lucrativos, que tenham atuação comprovada na área do Mosaico SVP. O Plano DTBC é produto de um dos

projetos financiados pelo FNMA, no âmbito do Edital No. 01/2005 Mosaico de Áreas Protegidas: Uma Estratégia de Desenvolvimento Territorial com Base Conservacionista. Entre os resultados desse edital, está a formatação do Mosaico SVP, a instituição do seu Conselho Consultivo e elaboração do Plano DTBC, com intensa participação dos beneficiários.

Segundo o Termo de Referência, o novo desafio é a implementação do resultado das discussões e concertações empreendidas durante a elaboração do Plano DTBC, que apontaram atividades produtivas e de negócios. Essas atividades devem ser implementadas na área de abrangência do Mosaico e entorno, possibilitando geração de renda para as comunidades que habitam essas áreas e garantindo a sustentabilidade ambiental. A Lei Federal No. 9.985-00, artigo 26, determina: “Quando existir um conjunto de unidades de conservação de categorias diferentes ou não, próximas, justapostas ou sobrepostas, e outras áreas protegidas públicas ou privadas, constituindo um mosaico, a gestão do conjunto deverá ser feita de forma integrada e participativa, considerando-se os seus distintos objetivos de conservação, de forma a compatibilizar a presença da biodiversidade, a valorização da sociodiversidade e o desenvolvimento sustentável no contexto regional”.

O território do Mosaico SVP abrange 13 áreas legalmente protegidas, na categoria proteção integral e na categoria uso sustentável e terra indígena. Seu Conselho Consultivo foi empossado em 17/03/2010, em Januária (MG). O Plano DTBC estabelece formas de associação entre desenvolvimento e conservação da natureza em um determinado território composto por UCs, outras áreas legalmente protegidas e as zonas de interstícios entre elas. O principal objetivo é estabelecer e fortalecer cadeias produtivas/econômicas de produtos e serviços com base no manejo sustentável dos recursos naturais, trazendo para os atores sociais do território alternativas sustentáveis de geração de renda.

O projeto que resultou no Plano DTBC usou metodologia participativa durante a elaboração das propostas aprovadas. A implementação de atividades produtivas e de serviços previstas no plano devem alcançar resultados que tragam a estruturação produtiva da área de abrangência do Mosaico, nos aspectos humanos e materiais, conduzida a partir do estímulo à implementação de um modelo econômico que valorize o saber local, garanta a sustentabilidade da geração de renda e a manutenção dos ativos ambientais. Nos municípios beneficiados, será dada especial atenção às famílias de pequenos agricultores e extrativistas, comunidades cujo perfil econômico é representado por pessoas com baixa renda familiar.

Como apresentar os projetos

As informações para as organizações que apresentarão projetos estão na página eletrônica www.mma.gov.br/fnma, no item *Programa de Elaboração de Projetos do FNMA – Façaprojeto*. O projeto de implementação do Plano DTBC do Mosaico SVP deverá atender às seguintes exigências: criar mecanismos que garantam a participação dos diferentes atores – considerando as relações de gênero, etnia e geração – em todas as suas etapas, especialmente nas instâncias de decisão; estabelecer formas de acompanhamento de todas as etapas de implementação do plano; criar instrumentos de monitoramento e avaliação dos processos; criar instrumentos de divulgação e comunicação de todas as etapas de implementação do plano; conciliar a execução do projeto com os programas de governo previstos no território; e prever a participação de gestores municipais na sua execução.

Crítérios - A instituição proponente deverá apresentar parcerias institucionais para a execução da proposta de implementação do Plano DTBC, ter atuação comprovada na região e informar sua participação em outros projetos regionais. As instituições parceiras deverão ser pessoa jurídica, e as parcerias estabelecidas devem ser multissetoriais, sendo este um item de pontuação, cuja comprovação deve seguir as orientações: comprovar a parceria por meio de documento formal (carta ou ofício assinado pelo representante legal) de cada uma das instituições parceiras dando ciência do conteúdo da proposta de implementação do Plano DTBC e descrevendo, de forma resumida, a natureza de sua participação.

As instituições também devem comprovar: conhecimento da realidade local, capacidade de interlocução com diferentes segmentos sociais, para garantir bom trânsito no cenário de pluralidade política no qual atuará; experiência prévia em projetos de desenvolvimento territorial e desenvolvimento sustentável; domínio teórico e prático das questões de desenvolvimento sustentável com experiência em extrativismo vegetal sustentável e turismo ecocultural; capacidade de mobilização junto a atores locais; e domínio de técnicas pedagógicas e de mediação que facilitem o processo de implementação, que tem no debate e na participação da sociedade civil elementos imprescindíveis.

As propostas serão recebidas, impreterivelmente, até o dia 18/02/2011. Enviar ao endereço:

Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA/SECEX/MMA)
SEPN 505, Bloco B, Ed. Marie Prendi Cruz, 3º. Andar
70230-542 – Brasília (DF)
Tel.: (61) 2028.2160 - Fax: (61) 2028.2161
e-mail: fnma@mma.gov.br

Secretária-executiva do FNMA destaca importância das ONGs



Em 2005, o Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) e a Secretaria de Biodiversidade e Florestas (SBF/MMA) lançaram um edital - Edital FNMA No. 01/2005 - como estratégia de implementação de mosaicos nos biomas brasileiros. Foram aprovados, inicialmente, oito projetos que receberam recursos de R\$ 3 milhões. Naquela ocasião, também foram criados os planos de desenvolvimento territorial com base conservacionista, que continham propostas de alternativas produtivas e geração de renda nas UCs. Criado pela Lei No. 7.797, de 10/07/1989, o FNMA/MMA tem por missão contribuir, como agente financiador e por meio da participação social, para implementar a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA).

A secretária-executiva do FNMA, Ana Beatriz de Oliveira (foto) participou das comemorações dos 10 anos do Snuc, no Parque Nacional de Brasília. Em entrevista publicada pela revista do Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bid), ela declarou que “as organizações da sociedade civil estão se tornando cada vez mais importantes no Brasil, e a maioria dos projetos que financiamos é proposta e executada por essas organizações”. Segundo Oliveira, essas ONGs “são particularmente relevantes por realizarem projetos sociais e ambientais em áreas onde a autoridade pública está ausente, mas a organização precisa ter quadros técnicos adequados e capacidade para administrar orçamentos e finanças, ser capaz de seguir todos os nossos procedimentos”.



Rio Catarina: região da Serra das Araras, distrito do município de Chapada Gaúcha

França e Brasil lançam livro *Mosaico de Áreas Protegidas*



Entre os parceiros desse trabalho estão o Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (IEF-MG), Região *Nord-Pas de Calais* (França), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), Fundação Pró-Natureza (Funatura) e a Federação dos Parques Naturais Regionais da França. A obra apresenta o detalhamento das atividades realizadas e resultados da cooperação, que se divide em **cooperação bilateral** (formulada e executada pelas instituições nacionais de meio ambiente dos dois países) e a **cooperação descentralizada e federativa** (que envolve regiões, estados e municípios).

Os resultados da parceria entre o Brasil e a França estão no livro *Mosaico de Áreas Protegidas – Reflexões e Propostas da Cooperação Franco-Brasileira* da série *Áreas Protegidas* (Brasília/2010), produzido pelo Ministério do Meio Ambiente/Secretaria de Biodiversidade e Florestas (MMA/SBF) e Embaixada da França no Brasil/Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS/UnB). O livro foi lançado, no Brasil, durante a comemoração do décimo aniversário do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Snuc), em 14 de dezembro, pela ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, e o Embaixador da França, no Brasil, Yves Saint-Geours. Os autores deste trabalho são Caroline Jeanne Delelis, Tatiana Rehder e Thiago Mota Cardoso, com a participação de vários colaboradores.

Para o embaixador Yves Saint-Geours, "a cooperação e o intercâmbio entre o Brasil e a França deu resultados tangíveis como este livro, muito fácil de ser usado neste momento de ampliação dos mosaicos, no Brasil, e com todos os conceitos e resultados dos seminários realizados durante anos de trabalho". Ele lembrou que o décimo aniversário do Snuc coincidiu com o décimo ano da assinatura da Cooperação Franco-Brasileira para implantação dos mosaicos, e destacou a importância do trabalho desenvolvido pelas organizações não governamentais (ONGs) no planejamento e implementação dos mosaicos, no Brasil.

O livro *Mosaico de Áreas Protegidas* destaca, ainda, como se desenvolvem as três cooperações descentralizadas entre regiões francesas e estados brasileiros para fortalecer os mosaicos: Minas Gerais - *Nord-Pas de Calais* (proteção do meio ambiente, biodiversidade, energias limpas, pesquisa, ensino superior, inovação, desenvolvimento cultural e social, entre outros temas); e as cooperações entre São Paulo - *Provence-Alpes-Côte d'Azur* e Paraná - *Rhône-Alpes*.

Os parques naturais regionais (PRNs) franceses são criados em territórios nacionalmente reconhecidos pelo seu grande valor patrimonial e paisagístico, por iniciativa das populações regionais. Atualmente, existem 46 parques (44 no território francês europeu e dois nos territórios de além-mar). O último a ser criado foi o Parque dos Pireneus, no departamento de Ariège, em 2009. Os parques naturais regionais representam 13% do território francês, em mais de 3.900 municípios, 69 departamentos e 23 regiões.

Informações

Caroline Jeanne Delelis
carol.cds.unb@gmail.com
www.unbcds.pro.br

Técnico do Parque Natural Regional *Scarpe-Escout*, da França, visita unidades de conservação



O agrônomo e geógrafo francês, Christophe Tesniere (foto), visitou a região do Mosaico SVP, no segundo semestre de 2010, e esteve nos parques nacionais Cavernas do Peruaçu e Grande Sertão Veredas, no Refúgio de Vida Silvestre (RVS) do Rio Pandeiros, onde também conheceu uma comunidade tradicional. Visitou, ainda, a vila Serra das Araras e a Cooperativa Regional de Produtores Agrossilvicultoristas Sertão Veredas, em Chapada Gaúcha. Tesniere mostrou-se "admirado com as enormes dimensões das áreas protegidas do Brasil" e declarou que "na França, é tudo menor do que no Brasil, nossas áreas protegidas são muito pequenas, em comparação com as que visitei". Ele disse que ficou "deslumbrado com a beleza do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu" e considerou o Brasil "um país muito agradável, com pessoas acolhedoras e simpáticas".

Atualmente, Tesniere administra o Sistema de Informação Geográfica do Parque Natural Regional *Scarpe-Escout*, na Região *Nord-Pas de Calais* (França), onde trabalha com uma equipe multidisciplinar na criação de uma base de dados sobre essa área. Ele esteve no Parque do Rio Doce (MG) em evento que reuniu representantes de todos os mosaicos mineiros. Além de conhecer áreas do Mosaico SVP, o geógrafo francês também visitou o Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), para iniciar troca de experiências e informações técnicas sobre cooperação entre a Unimontes e a Região de *Nord-Pas de Calais*.

Ao explicar as características do parque francês *Scarpe-Escout*, Tesniere informou que lá também existem problemas: "O parque está envolvido por

Fundo Socioambiental da CAIXA vai liberar recursos para projetos aprovados pelo FNMA



O Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal (CAIXA) pode efetuar aplicações não reembolsáveis ou reembolsáveis e, ainda que parcialmente, apoiar projetos e investimentos de caráter social e ambiental, que se enquadrem em programas e ações da CAIXA. Essas aplicações destinam-se, principalmente, à habitação de interesse social, saneamento e gestão ambiental, geração de trabalho e renda, saúde, educação, desportos, cultura, justiça, alimentação, desenvolvimento institucional e rural, entre outras atividades vinculadas ao desenvolvimento sustentável que beneficiem, prioritariamente, a população de baixa renda.

O gerente Nacional de Meio Ambiente, Jean Rodrigues Benevides (foto), participou das comemorações que marcam os 10 anos de criação do Snuc e disse que o fundo está aplicando, desde 2004, 2% dos lucros da CAIXA em projetos de desenvolvimento sustentável. "Nesse contexto, o Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (DTBC) do Mosaico SVP é considerado de grande importância estratégica, e de relevante importância ambiental na conservação do Cerrado", acrescentou Benevides.

Municípios beneficiados - O projeto financiado abrangerá o Mosaico SVP, na margem esquerda do rio São Francisco, macrorregiões Norte e Nordeste do Estado de Minas Gerais e parte do município de Cocos, no sudoeste da Bahia, com mais de 1 milhão 500 mil hectares. Os municípios beneficiados são Arinos, Bonito de Minas, Chapada Gaúcha, Cônego Marinho, Formoso, Itacarambi, Januária, Manga, Uruçuia e São João das Missões (Minas Gerais) e Cocos (Bahia). O Termo de Referência lançado pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) prevê duas chamadas para apresentação das propostas de implementação do Plano DTBC do Mosaico SVP: ações para o extrativismo vegetal sustentável, e ações para o turismo ecocultural.



Os municípios de Itacarambi (fotos acima) e de Bonito de Minas (fotos abaixo) são exemplos dos que terão projetos beneficiados pelo Fundo Socioambiental da CAIXA.



Funatura lembra participação na criação do Snuc

Entre 1988 e 1989, a Fundação Pró-Natureza (Funatura) - por meio de convênio com o então Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), atual Ibama, e o Programa Nacional de Meio Ambiente (PNMA) - executou o projeto de revisão e atualização conceitual do conjunto de categorias de unidades de conservação (UCs) brasileiras e elaborou um anteprojeto de lei para dar suporte legal ao sistema que seria criado, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Snuc). Esse trabalho foi realizado por uma equipe de especialistas no tema, formada por Maria Tereza Jorge Pádua, Maurício Mercadante Coutinho, Ibsen de Gusmão Câmara, Miguel Serediuk Milano, Jesus Manoel Delgado, Ângela Tresinari Bernardes, José Pedro de Oliveira Costa e Cesar Victor do Espírito Santo.

No governo federal, dois órgãos administravam as UCs: o IBDF, vinculado ao Ministério da Agricultura, era responsável pelos parques nacionais, reservas biológicas e florestas nacionais; e a Secretaria do Meio Ambiente (Sema), vinculada ao Ministério do Interior, respondia pelas estações ecológicas e áreas de proteção ambiental. A proposta de criação do Snuc, elaborada pela Funatura, foi entregue ao Ibama (em 1989), que o submeteu ao Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama). Em 1992, a Presidência da República encaminhou o Projeto de Lei do Snuc ao Congresso Nacional, onde tramitou durante oito anos. Novas propostas e modificações foram acrescentadas ao texto original e, em 18/07/2000, foi aprovada a Lei No. 9.985 que instituiu o Snuc.

A Funatura participou ativamente das audiências públicas, seminários, reuniões técnicas, entre outros eventos que aconteceram nesse período, lembrado por Cesar Victor: "Apesar dos fortes embates e do longo tempo de tramitação, a proposta elaborada pela Funatura foi um bom começo e resultou em uma lei que se mostrou equilibrada, ampla, avançada e moderna. Após dez anos de sua promulgação, verificamos que a lei está cumprindo o seu papel de forma satisfatória. Nesse período, foram criadas muitas UCs, e a gestão



vem sendo feita de forma mais participativa (ainda tímida), em função da existência dos conselhos dessas unidades."

Maior sistema de áreas protegidas do mundo - O secretário de Biodiversidade e Florestas do MMA, Braúlio Dias (foto) afirmou, durante as comemorações do aniversário do Snuc, que a criação desse sistema gerou muitos debates porque as UCs não tratam apenas do meio ambiente e da biodiversidade, mas de comunidades locais que vivem nas áreas de uso sustentável, o que é um grande diferencial nacional em relação às UCs de outros países: "O Snuc é talvez, hoje, o maior sistema de áreas protegidas do mundo em termos de extensão e importância para a conservação da biodiversidade, formado por uma série de UCs sob gestão do governo federal e propriedades privadas (as RPPNs). Um dos destaques atuais é a valorização da criação de mosaicos de conservação para fortalecer a gestão integrada de áreas protegidas, o estabelecimento de espaços de articulação e o desenvolvimento da identidade territorial com resolução e gestão de conflitos existentes".

Guia turístico pioneiro fala sobre interesse de visitantes pelos atrativos naturais



Rosivaldo da Silva Cardoso (foto) é um guia turístico pioneiro na região do Mosaico SVP. Nasceu em Januária, foi fuzileiro naval e viveu oito anos em Brasília. Desde então, praticava rapel, fazia caminhadas e quando voltou à Januária estava habituado com essas atividades. Conheceu as cavernas do Peruaçu e começou a estudar o tema. Primeiro, um curso básico de espeleologia, em 2003. Continua buscando mais conhecimento e cursa Geografia e Educação Ambiental no campus da Universidade de Uberaba (Uniuub), em Montes Claros. Uniu seu interesse por aventuras e esportes radicais e, com a capacitação, se tornou guia de ecoturismo, turismo de aventura e científico. Pretende apresentar um projeto de turismo educacional à Prefeitura Municipal de Januária para trabalhar com escolas, sem custo nenhum para o poder público. Nesta entrevista ao **Jornal do Mosaico**, Cardoso falou de suas experiências, que confirmam a necessidade de capacitação dos interessados em atender visitantes que chegam à região:

“Eu não conhecia aquele mundo subterrâneo, nem as características e potencialidades que Januária poderia oferecer, mas todos os finais de semana ia estudar as cavernas e ver belezas naturais. Aqui, na região, ninguém frequentava as cavernas. Quando surgiram os primeiros interessados de outras cidades, os responsáveis pelos hotéis começaram a me procurar para fazer o receptivo (receber os turistas, levar visitantes às cavernas). Tudo isso me fez buscar capacitação, cursos de ecoturismo e guia. Comecei a participar de eventos nacionais de ecoturismo, do qual o Sesc era parceiro, inclusive em São Paulo. Sou espeleólogo (estudo e exploro cavernas), fiz curso de técnica em abismo, voltado para espeleologia. As cavernas são muito sensíveis, é preciso saber conduzir os grupos de turistas, conhecer a capacidade desses locais (quantas pessoas podem visitá-los ao mesmo tempo). Precisamos respeitar as condições de cada atrativo natural. Por exemplo, no Refúgio de Vida Silvestre do Rio Pandeiros não é permitido passeios de barco com 50 pessoas.

Sou instrutor de técnica vertical, trabalho com montanhismo e sou filiado à Associação Brasileira de Turismo de Esporte de Aventura (Abeta). Além de me capacitar, regularizei uma empresa de receptivo, com CNPJ e funcionando direitinho. Nós - eu e mais dois guias que trabalham comigo - fazemos o receptivo do Sertão e estou há mais de oito anos no mercado, trabalhando com rapel, *trekking* (mais procurado, é uma caminhada de longa distância) e travessias. Nosso trabalho com o turista inclui segurança, responsabilidade, atenção às suas necessidades.

O pacote turístico inclui o guia e equipamento usado durante a atividade escolhida. Temos pacotes turísticos de visita às cavernas, esporte de aventura, *city tour* (passeio pela cidade e principais pontos e atrativos) e expedição. O preço da visita a um atrativo varia de R\$ 180,00 a R\$ 580,00 por grupo de, no máximo, seis pessoas. O turista recebe uma cartilha, um passaporte ecologicamente correto, assiste à apresentação da nossa empresa e conhece o guia que vai acompanhá-lo. Recebemos crianças (em menor número), adultos, grupos de amigos e da terceira idade. Pessoas na faixa de 30 a 40 anos gostam de visitar cavernas, os mais jovens preferem o turismo de aventura. Januária está em uma rota: Brasília - Parque Nacional Grande Sertão Veredas - Parque Nacional Cavernas do Peruaçu e a Serra das Capivaras (no Nordeste)

Cerca de 80% dos turistas vêm de São Paulo e têm alguma coisa em mente: os parques nacionais Grande Sertão Veredas e Cavernas do Peruaçu, por exemplo. Sempre desembarcam em Brasília ou Belo Horizonte e seguem diretamente para cá, em

carro alugado. Para ir ao Grande Sertão Veredas o ponto de apoio é Chapada Gaúcha, cidade próxima à entrada do parque. No Mosaico SVP, os atrativos são diferenciados: Grande Sertão Veredas é mais cultural, literatura. O turista sai do turismo ecocultural (Guimaraes Rosa) para o turismo de aventura e depois o turismo científico, visitando sítios arqueológicos. Alguns chegam de avião até Montes Claros e outros de carro próprio traçado (tração nas quatro rodas), para passeios *off road* (fora da estrada).

Apesar do potencial de nossa região, muitas coisas dificultam nosso trabalho: para chegar aos atrativos passamos por locais onde há muito lixo espalhado. Isso depõe contra a cidade. Um cliente me liga: '- Rosivaldo, estou aqui na praça da cidade, há dez minutos, preocupado com uma coisa. Onde vou jogar três garrafinhas de água? Não estou vendo uma lixeira na cidade'. É preciso acabar com os grandes lixões, garrafas *pet* e sacolas plásticas jogadas por todos os lugares. Uma usina de lixo virou atrativo em Cônego Marinho, que é um município bem menor. Por que Januária não tem uma usina de lixo? ”



Onde Encontrar



Hotel Rondônia
Praça Getúlio Vargas, 47, Centro
39480-000 - Januária (MG)
Tel.: 38.3621.1592

Hotel Viva Maria
Av. São Francisco, 448, Centro
39480-000 - Januária (MG)
Tel.: 38.3621.1414
e-mail: hotelvivamaria@hotelvivamaria.com.br
www.hotelvivamaria.com.br

Januária Viagens e Turismo
Receptivo Sesc Pousada Januária
39480-000 - Januária (MG)
Tels.: 38.9969.1943 e 38.9116.7164

Marujo Turismo e Serviços
Rua Mestra Maria das Dores, 426, Centro
39480-000 - Januária (MG)
Tels.: 38.3621.6857, 9941.4416 e 8818.1987
e-mail: marujoturismo@hotmail.com
www.marujoturismo.com.br



Sesc Pousada Januária
Av. Aeroporto, 250
39480-000 - Januária (MG)
Informações e reservas
Tel.: 38.3621.1089 - Fax: 38.3621.1191
e-mail: reservas@januariaturismo.com.br

Terra Sertão
Ecoturismo e esporte de aventura
Rosivaldo Cardoso
Tel.: 38.9947.2463
Januária (MG)
www.terrasertao.com.br

Terra do Sol Turismo
Rua Monsenhor José Camilo, 48 C, Centro
39480-000 - Januária (MG)
Tels.: 38.3621.2972, 9963.5585 e 9123.6066
www.terradosolturismo.com.br

Prefeitura Municipal de Januária
Rua Coronel Serrão, 301, Centro
39480-000 - Januária (MG)
Tels.: 38.3621.1406 e 3621.1408

Fotos: Rosivaldo Cardoso

Eucalipto I

Conselho Consultivo promove, em Januária, seminário sobre plantio de eucalipto



O Seminário sobre Plantio de Eucalipto no Território do Mosaico SVP promovido pelo Conselho Consultivo do Mosaico SVP, em 29 de setembro, no auditório do Sesc-Laces, em Januária, reuniu conselheiros, lideranças comunitárias, representantes de entidades governamentais e não governamentais, e de empresas reflorestadoras (foto). O conselho definiu dois encaminhamentos sobre a questão do eucalipto no território do Mosaico: o IEF - MG e a Superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Supram) elaborará uma proposta de documento contendo critérios técnicos e condicionantes para servir de base ao licenciamento de plantios de eucalipto nesse território, que será submetida ao conselho, na próxima reunião; e envio de moção ao IEF-MG para a elaboração, com a maior urgência possível, dos planos de gestão das APAs do Pandeiros e do Cochá e Gibão.

O promotor de Justiça da Bacia do Rio São Francisco e Sub-Bacia do Rio Verde Grande, Paulo César Vicente Lima (foto da mesa, ao centro), participou como mediador do debate e afirmou que "o passivo ambiental da região causado pelo plantio de eucalipto em décadas passadas foi relatado ao Ministério Público, e esta região é prioridade das ações da Promotoria, devido à riqueza de seus recursos naturais". Segundo o promotor, o plantio de eucalipto deve ser feito em áreas subutilizadas como forma de minimizar a resistência a essa cultura.

Várias UCs podem servir às comunidades e é possível a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) na Comunidade do Pau Preto e da Área de Proteção Ambiental (APA) São Romão. "A região é prio-

ritária para conservação e as anuências não podem ser dadas sem estudos, sem planos de manejo e de gestão e, se fizer isto, o servidor público pode incorrer até em improbidade administrativa", explicou Vicente Lima. Para Cesar Victor do Espírito Santo, superintendente-executivo da Funatura, o eucalipto está na área de abrangência do Mosaico SVP desde a década de 1970 e os primeiros monocultivos foram abandonados, mas deixaram significativos impactos ambientais: "Não existe posicionamento do conselho do Mosaico em desfavor do plantio de eucalipto, mas essa cultura deve ser manejada para minimizar esses impactos".

O representante da Comunidade Quilombola de São Félix, José Ferreira dos Santos - Zefino (foto da mesa, 1º, à esquerda) lembrou que "havia grande disponibilidade de água na região, na década de 1970, as pessoas atravessavam as veredas com água até à cintura e, atualmente, quase não conseguem molhar os pés, as veredas estão quase secas". Zefino declarou que não é contra o plantio de eucalipto, desde que não haja prejuízo para os pequenos produtores, comunidades e

meio ambiente. Ele afirmou que sua comunidade "só não foi expulsa pelas grandes empresas, por causa das parcerias com a Prefeitura Municipal de Chapada Gaúcha, Ministério Público e Instituto Estadual de Florestas (IEF- MG)".

O promotor acrescentou que o discurso da sustentabilidade não é posto em prática: "É necessário buscar alternativas que resolvam efetivamente os problemas e criem mecanismos para que as propostas de sustentabilidade sejam efetivas. No passado, o eucalipto foi responsável por danos ambientais, mas é preciso trabalhar esta temática no contexto atual, expondo que as UCs - com as RDS - são importantes em áreas sem perfil agrícola. Os estudos ambientais podem ser questionados pelo órgão ambiental e pelo cidadão comum, e o índice de sustentabilidade deve ser medido pelos conselheiros, prefeituras, servidores, população local e não apenas pelo mercado. Os órgãos ambientais e os silvicultores entendem a necessidade de estudos técnicos que embasem decisões sobre este e outros temas."



Reunião do Conselho Consultivo - A 3ª. reunião do Conselho Consultivo do Mosaico SVP - realizada no dia seguinte ao seminário - debateu, além de outros itens da pauta, as propostas de parcerias entre o Mosaico SVP e o Parque Natural Regional *Scarpe-Escout*, da Região *Nord-Pas de Calais* (França); e entre a Funatura e o Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPAN) para realização de estudos de viabilização da Estrada-Parque Guimaraes Rosa (foto) e capacitação em turismo ecocultural. O representante do Ibama, Berilo Prates, disse que "as estradas vicinais são importantes, mas se encontram em estado muito precário e devemos pensar na construção de estradas ecológicas, com técnicas de menor impacto ambiental".

Dirigente do Sindicato dos Produtores Rurais de Januária defende os seus associados e diz que não são os vilões



Valdivino Rodrigues Mota é secretário-executivo do Sindicato dos Produtores Rurais de Januária e desenvolve essa função há anos. Ele também trabalha como mobilizador dos cursos e capacitações do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-MG) realizadas por meio de convênio que o sindicato mantém com o Senar, desde 1993. “Atendemos pequenos produtores rurais, produtores rurais, trabalhadores e suas famílias promovendo cursos de formação profissional e promoção social, e nosso

objetivo é aperfeiçoar a mão de obra, de acordo com a realidade de cada local”, informou.

“No sindicato, estamos muito preocupados com o desenvolvimento em todos os setores do meio rural, na área social, econômica, ambiental e de preservação. Com comunidades, trabalhamos na transformação de produtos: mandioca em farinha e polvilho, por exemplo, produção de rapadura, cachaça e mel, olericultura, hortas comunitárias, criação do frango caipira, bovinocultura de corte que é uma tradição nossa, além da caprinocultura. Na promoção social, procuramos focar na saúde e no artesanato, muito rico aqui na região. Em 2009, atendemos cerca de 700 pessoas, com 68 treinamentos e uma média de 10 a 12 participantes por treinamento. Além da capacitação para atividades produtivas, há uma mudança na autoestima dessas pessoas, que passam a acreditar naquilo que fazem, conseguem ganho financeiro, social e, como consequência, melhoria da qualidade de vida.”

Segundo Valdivino Mota, algumas pessoas estão vendendo produtos para a merenda escolar por meio da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e outras vendem e entregam leite e derivados, na cidade. Ele disse que o Projeto Mosaico SVP é muito importante: “Esse projeto levanta algumas histórias que até nós mesmos, aqui da região, desconhecemos, não valorizamos. Traz grande benefício para nossa região. O sindicato não participou por falta de conhecimento do projeto e se essa mensagem chegar à nossa diretoria haverá interesse em nomear um participante para integrar essa equipe”.

“Na economia rural precisamos estar atentos a tudo. Às vezes, as pessoas falam: ‘- *Produtor rural é poluidor, é devastador*’. É muito deturpada essa idéia de que o produtor rural é o vilão da história. A orientação do sindicato aos associados, de acordo com a representação desse setor produtivo é a seguinte: o produtor é uma pessoa que no meio rural, tem um grande valor, produz alimento e deve ter a consciência de que é preciso preservar e cuidar dos recursos naturais como fonte de sobrevivência. O sindicato está de portas abertas para que possamos continuar com nossas atividades, valorizando a área do Mosaico SVP, a proteção do meio ambiente. Todos os segmentos são importantes. O segmento da produção é o que segura os jovens aqui. Muitos vão procurar meios de sobrevivência em outras regiões, mas não se dão bem e, às vezes, voltam de outra forma. Temos que contribuir para evitar isso, valorizar os jovens para que permaneçam e prosperem na região em que vivem.”

Contato

Sindicato dos Produtores Rurais de Januária
Travessa Humaitá, No. 94
39480-000 - Januária (MG)
Tel.: 38.3625.1964

Empresas devem apresentar estudo de impacto ambiental

Um dos pontos comuns defendidos por vários participantes do *Seminário sobre Plantio de Eucalipto no Mosaico SVP*, promovido pelo Conselho Consultivo do Mosaico, dia 29 de setembro, em Januária, foi a obrigatoriedade de apresentar os estudos de impacto ambiental pelos interessados nessa atividade. Vários representantes de empresas participaram do debate, entre eles, Fabiano Lopes, da Plantar, que considera “o plantio de eucalipto um mercado promissor para o grande e pequeno produtor, um potencial de geração de empregos e desenvolvimento de projetos sociais, e Minas Gerais é largamente dependente da exploração de madeira, mas apenas pequena parte dela vem dos plantios de eucalipto”. O Conselho Estadual de Política Ambiental de Minas Gerais (Copam) está analisando licenças e dando as anuências. Os pequenos e médios produtores buscam a anuência em Januária, no Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG), e os grandes empreendimentos são liberados pelo Copam e Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam), em Belo Horizonte.

José Raimundo Viana, prefeito de Bonito de Minas, atribuiu o processo de ocupação pelo eucalipto, na região, às autorizações dadas pelo governo e exigiu um posicionamento do Ministério Público sobre o tema. Segundo a direção da empresa Brasil Agro, quem determina se uma empresa é sustentável ou não é o mercado e o que deixa seco o terreno das veredas é o manejo mal conduzido do solo. A Brasil Agro exigiu o cumprimento da lei e quer processos analisados com critérios técnicos pelo órgão responsável. O conselheiro do Mosaico, Edilson Araújo, também de Bonito de Minas, informou que um dos grandes produtores de madeira - a Plantar - pretende desenvolver um projeto de 500 mil hectares (ha) de eucaliptos na Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Pandeiros: “O objetivo dessa empresa é recuperar áreas plantadas anteriormente e expandir suas plantações, as áreas de recuperação somam mais de 300 mil hectares”.

Na opinião de Fabiano Lopes, as florestas plantadas são importantes e o Brasil, desde sua descoberta, teve como principal atividade a exploração de madeira: “Dois terços da demanda de madeira do Brasil são de origem nativa. Os plantios da década de 1970 foram incentivados pelo governo federal, administrados e aprovados pelo extinto Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF). As chapadas são áreas de recarga hídrica e o eucalipto tem papel significativo para infiltração da água. O insucesso dos plantios é provocado pelas espécies inadequadas, tecnologia inapropriada e inexistência de legislação ambiental rígida como a que temos hoje. A Plantar realiza diversos trabalhos de recuperação de veredas e proteção do Cerrado, com práticas como corredores ecológicos, barragens de contenção, prevenção de incêndios florestais e outras medidas, o que mostra a preocupação da empresa com impactos ambientais locais e em maior escala”.



Flagrante: flores de área protegida atraem as abelhas



O período de estiagem de 2010 deixou um rastro de fogo em grande parte do Cerrado, destruindo a fauna e a flora, mas nas unidades de conservação como a Área de Proteção Ambiental (APA) Estadual do Rio Pandeiros a vida continuou seu curso: um delicado exemplo disso é a abelha em busca do alimento nas flores do assa-peixe, espécie que garante o mel produzido por moradores das comunidades da região.





Jornal do mosaico

número 04
agosto de 2011

Projeto de Gestão Integrada do Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu
Convênio FUNATURA/IEF

Presidente do
conselho
chama a
atenção para
licenciamento
ambiental

3

Inauguração de
agroindústria
movimenta
COOP Sertão
Veredas

6



Pousadas
familiares
recebem
pesquisadores
no PN Cavernas
do Peruaçu

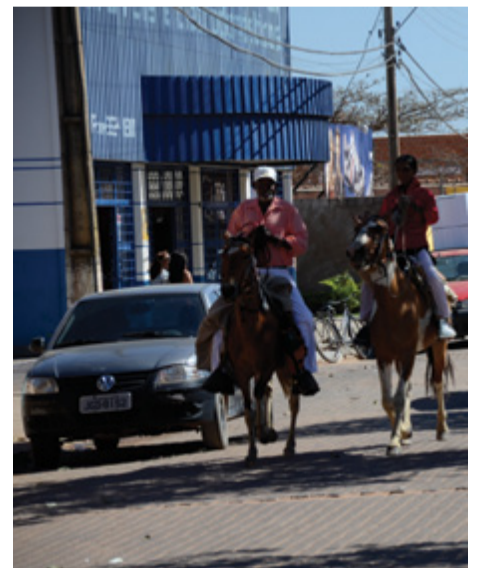
8

Projeto propõe oficialização da Estrada-Parque Guimarães Rosa

A estrada que margeia as unidades de conservação do Mosaico SVP precisa de um tratamento especial, com benefícios para comunidades locais e turistas. A fauna da região também deve ser protegida com travessias especiais que evitem atropelamentos. (Leia mais nas págs. 4/5)



Chapada Gaúcha



O X Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas que acontece, anualmente, no município de Chapada Gaúcha (MG) está incorporado ao calendário dos mais importantes eventos da região e reúne milhares de pessoas das comunidades locais e cidades vizinhas. O município possui população estimada de 11.368 habitantes (IBGE, 2009) e situa-se no norte do Estado de Minas Gerais, tendo limites com os municípios de Januária, São Francisco e Arinos (MG) e Cocos (BA). Antiga Vila dos Gaúchos, este município é o mais novo da região: o povoamento do local foi iniciado em 1976, com os primeiros moradores vindos do Rio Grande do Sul para o Projeto de Assentamento Dirigido à Serra das Araras (Padsa), que integrava os municípios de Formoso, Arinos, Januária e São Francisco. Recebe recursos do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) Ecológico provenientes do Parque Nacional Grande Sertão Veredas e do Parque Estadual Serra das Araras.

Editorial

A estratégia de trabalhar a conservação e o uso sustentável da biodiversidade por meio de mosaicos de áreas protegidas está ganhando força em âmbito nacional e no Estado de Minas Gerais, tanto na esfera governamental quanto na sociedade civil organizada.

Representantes de vários mosaicos reconhecidos oficialmente ou em vias de reconhecimento criaram, neste ano, a Rede de Mosaicos de Áreas Protegidas que busca conectar atores (pessoas e instituições) interessados no fortalecimento dos mosaicos de áreas protegidas, no Brasil. Os princípios organizacionais da rede são baseados na ação voluntária, sem hierarquia e burocracia, com circulação constante de informação e livre intercomunicação. O site www.redemosaicos.com.br foi lançado em julho de 2011 e traz importantes informações, além de servir como um espaço democrático para debates sobre o tema.

O poder público, por sua vez, tem apoiado não só o reconhecimento de novos mosaicos, como destinado recursos para a implementação de ações que visam fortalecer os mosaicos existentes. Está claro que a estratégia de trabalhar a gestão de áreas protegidas em um determinado território de forma integrada – não só entre os gestores das áreas, mas, também, com o envolvimento das

populações que habitam aquele território – proporciona ganhos para a conservação da natureza e para as comunidades locais.

Nesse sentido, o Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu está se fortalecendo e as ações até agora desenvolvidas transformam-se em exemplos para outros mosaicos brasileiros. Em pouco tempo, conseguimos o reconhecimento oficial do Mosaico, a elaboração do Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (DTBC), a capacitação dos gestores das UCs e dos conselheiros do Mosaico, a implantação do **Jornal do Mosaico**, além da alocação de recursos para o desenvolvimento de ações planejadas. O Conselho do Mosaico está se tornando um importante fórum de discussões do território do norte e noroeste de Minas Gerais.

Nessa edição do **Jornal do Mosaico**, temos interessantes matérias sobre a Estrada-Parque Guimarães Rosa, o turismo sustentável, além de entrevistas com lideranças comunitárias e prefeitos municipais da região. Boa leitura!

Cesar Victor do Espírito Santo
Superintendente-executivo da Funatura
Secretário-executivo do Conselho Consultivo do Mosaico SVP

Professor analisa função do Jornal do Mosaico

O professor Cássio Alexandre da Silva, do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), que a representa no Conselho Consultivo do Mosaico SVP, analisou a divulgação realizada pelo **Jornal do Mosaico**. Para ele, esse trabalho tende a se expandir, mesmo com as dificuldades de comunicação nos municípios que fazem parte desse projeto. “É sempre importante lembrar que a Unimontes é parceira do Mosaico e que o próprio jornal é o elemento primário das nossas discussões, das nossas propostas e, em longo prazo, porém, essa discussão está inserida em uma parceria do Mosaico com os órgãos federais. Sabemos que o poder da comunicação desses órgãos é de grande dimensão, mas deve estar associado ao pensamento do jornal, para dar continuidade às nossas discussões. Os dados do **Jornal do Mosaico** são dados primários das discussões entre os conselheiros.”

“Na Unimontes existe uma fomentação do debate sobre o Mosaico SVP, por meio do próprio jornal, distribuído entre esses departamentos e a biblioteca. É a maneira que temos para divulgar, porque cada departamento ainda trabalha de forma independente, mas está sendo criada uma maneira de vincular os conhecimentos interdisciplinares. O Departamento de Biologia, por exemplo, está iniciando um trabalho no Refúgio de Vida Silvestre do Rio Pandeiros, em parceria com o Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG). As pesquisas são importantes para o resultado que se pretende com o Mosaico SVP, envolvendo as comunidades tradicionais, realizando o mapeamento territorial e valorizando as questões culturais.”



Empreendedores precisam conhecer e seguir a legislação ambiental



A 5ª. Reunião Ordinária do Conselho Consultivo do Mosaico SVP aconteceu na Câmara Municipal de Chapada Gaúcha, cidade vizinha à entrada do Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PN GSV). A pauta de discussões do conselho incluiu a apresentação, pela Fundação Pró-Natureza (Funatura), do Projeto de Viabilização da Estrada-Parque Guimarães Rosa que propõe o reconhecimento oficial dessa estrada, com apoio Projeto Florestas/Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPAN). Também foram analisadas a repercussão - entre os produtores agrícolas e extrativistas - das medidas tomadas pelo Ministério Público (MP) de Minas Gerais sobre a suspensão dos licenciamentos para o plantio de eucalipto na região do Mosaico SVP. A organização não governamental WWF Brasil apresentou o *Programa Cerrado/Pantanal - Atuação no Mosaico SVP*, e foram divulgadas informações sobre os projetos de extrativismo e de turismo ecocultural a serem executados pela Cooperativa Sertão Veredas e Instituto Rosa e Sertão, respectivamente, e financiados pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA/MMA) e Fundo Socioambiental da CAIXA.

A presidente do conselho, bióloga Helen Duarte - gerente das áreas de Proteção Ambiental do Rio Pandeiros, e Cochá e Gibão - lembrou que a constituição do conselho está completando um ano e “deu alguns frutos como o convênio firmado com o Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG) que possibilitou a própria estruturação do conselho e a criação do **Jornal do Mosaico**”. Para Helen, o resultado positivo é esse movimento e agrupamento de pessoas debatendo as questões da região, como o retorno da monocultura, não só de eucalipto, mas monoculturas em geral.

“Em consequência do encontro, após analisar os prós e os contras, o MP decidiu emitir uma recomendação ao IEF-MG e aos conselhos consultivos das unidades de conservação (UCs) para que não seja feito nenhum licenciamento acima de 100 hectares (ha), até que cada UC tenha seu plano de manejo ou o zoneamento ecológico-econômico (ZEE)”, explicou Helen Duarte. Segundo ela, havia muitas solicitações de licenciamentos para plantio de eucalipto, principalmente nas áreas de Cochá e Gibão, áreas com uma altitude que os técnicos consideram propícia à cultura do eucalipto.

“Como essas áreas são de uso sustentável e ainda não possuem plano de manejo, estava muito difícil licenciar o plantio de eucalipto. Não tínhamos embasa-

mento técnico para negar ou dar anuência. Recebi solicitação de licenciamento de 4.791 ha de eucalipto, mas licenciar quase 5.000 ha, em um ano, é uma escala muito grande. Os produtores reagiram negativamente, mas não recebi nenhuma manifestação formal. O processo de licenciamento é feito a partir da anuência que assino e encaminhado o documento ao setor que prosegue com o processo. Não tenho contato direto com o empreendedor e, até o momento, não recebi informação sobre mandados de segurança contra a decisão do MP.”

O licenciamento ambiental é necessário para todos os empreendimentos, inclusive no setor de turismo que é um dos principais temas da pauta de deliberações do Conselho Consultivo do Mosaico SVP. A presidente do conselho descreveu exemplo de áreas exploradas para o turismo local e regional: “Onde ainda não é parque, o turismo não está estruturado ou organizado, mesmo para o turismo local, as pessoas da região vão aos balneários para nadar nos rios, se divertir. Esses balneários não têm infraestrutura e a que existe é deficiente. Os balneários estão em APPs, não são licenciados, o esgotamento sanitário é feito irregularmente. As pessoas constroem quiosques, banheiros à beira dos rios, sem licença. Temos problemas sérios de acesso a esses rios. Os espaços são desorganizados e sem infraestrutura para receber turistas. Nos parques é onde o poder público pode intervir. Os proprietários de terras criam balneários e áreas de lazer particulares - são vários - e caberia a cada município fomentar a melhoria dessas instalações, buscar parcerias e articulação, inclusive, com o IEF-MG. É preciso seguir as normas de proteção ambiental, antes de ampliar os empreendimentos turísticos na região, que todas as comunidades esperam há anos.”

Nessas áreas de uso sustentável é possível instalar projetos legalmente. Qualquer empreendimento precisa ser licenciado: construção de uma área de lazer, matadouro, agropecuária, turismo, indústria e fábrica, entre outros. “O licenciamento é facilitado porque em uma área de uso sustentável, o objetivo é existir o uso pela população e a proteção ambiental, ou seja, o desenvolvimento sustentável que buscamos com a gestão dessas áreas. A prioridade do nosso trabalho é a agricultura de subsistência porque os moradores das APAs são posseiros em grandes propriedades”.

Diretor presidente da Funatura participa de reunião do Conselho Consultivo do Mosaico SVP



O diretor presidente da Funatura, Henrique Brandão Cavalcanti, participou da reunião do Conselho Consultivo do Mosaico SVP e dos debates realizados durante o X Encontro dos Povos do Sertão, em Chapada Gaúcha. “Considero extraordinária a oportunidade de ter contato direto com os membros das comunidades do Mosaico SVP e esta é uma experiência que precisa ser replicada neste Estado e em outras regiões do Brasil”, afirmou Cavalcanti, um dos mais importantes nomes do país no que se refere às questões ambientais. Ao longo de sua carreira profissional tem participado de importantes fóruns mundiais e dirigido instituições, e foi Ministro do Meio Ambiente, durante o governo do então Presidente da República, Itamar Franco.

Veredas

Água que borbulha e encanta no Poço Azul

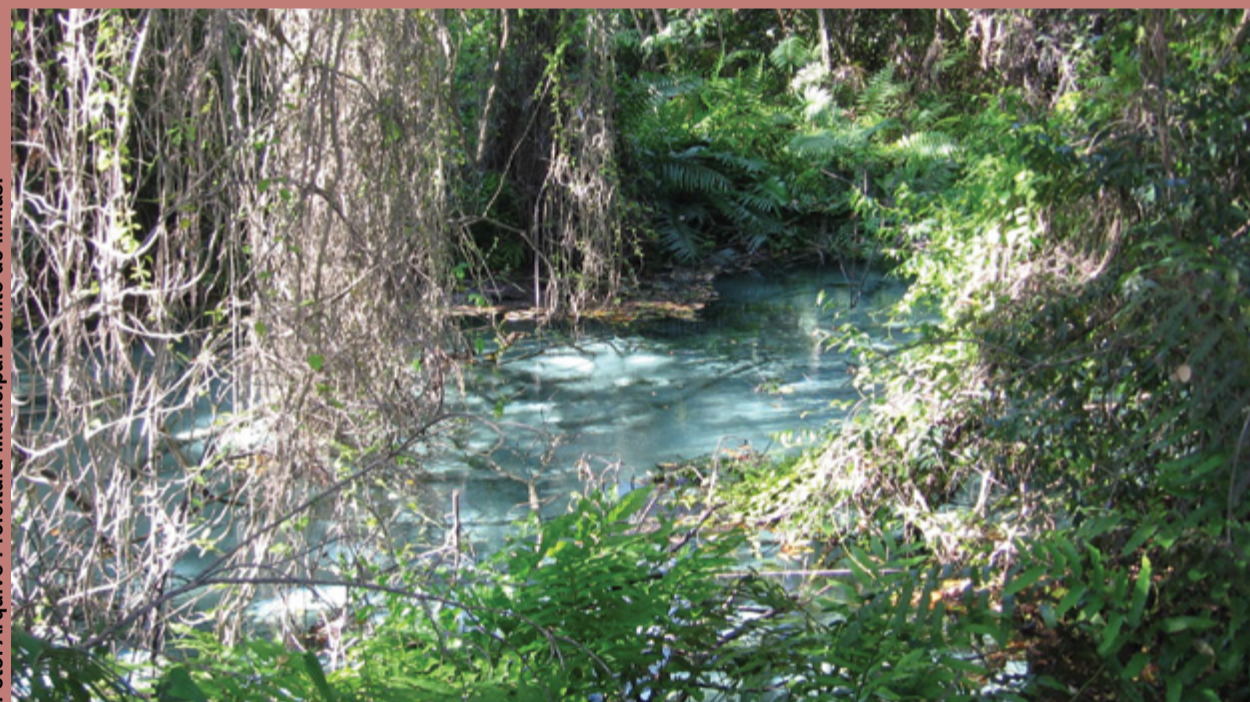


Foto: Arquivo Prefeitura Municipal Bonito de Minas.

O Poço Azul, no município de Bonito de Minas, é um local que impressiona os visitantes. Contam, na cidade, que o poço era encantado. Quando alguém chegava perto e batia os pés no chão ou começava a conversar, a água borbulhava. Quando a notícia se espalhou, muitos moradores do município foram lá conferir. Os moradores falam com entusiasmo e espanto, e um deles conta o que viu quando foi conhecer o poço: “O lugar é muito bonito e preservado, existem muitas árvores bastante antigas, mas é um local de difícil acesso. Se a gente conversasse com a água ficava borbulhando e se batesse o pé no chão, borbulhava do mesmo jeito. É uma coisa impressionante, a água bem limpinha. Quanto mais a gente conversava, mais rápido borbulhava.” A terra onde está o Poço Azul mudou de dono, foi cercada e está sendo preservada e, dizem os moradores locais, pessoas de fora estão pesquisando a água, mas os resultados ainda não são conhecidos, na região.

Ministério Público de Minas Gerais mantém licenciamentos suspensos para o eucalipto

A recomendação feita ao Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG), pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais sobre o plantio de eucalipto no Refúgio Estadual de Vida Silvestre do Rio Pandeiros, na Área de Proteção Ambiental Estadual do Rio Pandeiros (município de Januária), e na Área de Proteção Ambiental Estadual Cochá e Gibão (municípios de Januária, Cônego Marinho e Bonito de Minas) continua sendo atendida pelos conselheiros consultivos dessas unidades de conservação (UCs). A ação ou omissão das pessoas físicas ou jurídicas que importem inobservância aos preceitos desta Lei e a seus regulamentos ou resultem em dano à flora, à fauna e aos demais atributos naturais sujeitam os infratores às sanções previstas em lei, principalmente na Lei no. 9.605, de 12/02/1998, e seus decretos regulamentadores.

O Ministério Público recomendou que fossem suspensas as anuências, autorizações e licenciamentos de empreendimentos ou atividades de uso alternativo do solo em áreas de Cerrado superiores a 100 hectares (ha), localizadas nos limites das UCs, ou seu entorno, conforme o caso, enquanto não for aprovado o zoneamento ecológico-econômico (ZEE) específico de cada uma dessas UCs, seus respectivos planos de manejo, sob pena de instauração de inquérito para apuração e responsabilização civil, penal e administrativa de todos os envolvidos. A Resolução Conama no. 10/1988 exige a elaboração do ZEE das áreas de proteção ambiental (APAs), que estabelecerá normas de uso, de acordo com as condições locais da biodiversidade, agropecuária, extrativistas, culturais e urbanas, entre outras.

Os requerimentos de anuência prévia também devem estar de acordo com a legislação, assim como nas autorizações para intervenção ambiental (AIAs), autorizações ambientais de funcionamento (AAFs) ou licenciamento ambiental de empreendimentos em áreas com ocorrência de floresta estacional decidual (mata seca) e seus ecossistemas associados, inclusive quanto ao regime aplicável à pequena propriedade ou posse rural familiar. A Promotora de Justiça da Comarca de Januária, Ana Eloisa Marcondes da Silveira, e o Coordenador das Promotorias de Justiça de Defesa do Rio São Francisco – Sub-bacia do Rio Verde Grande, Paulo César Vicente de Lima, assinaram a recomendação, em Montes Claros.

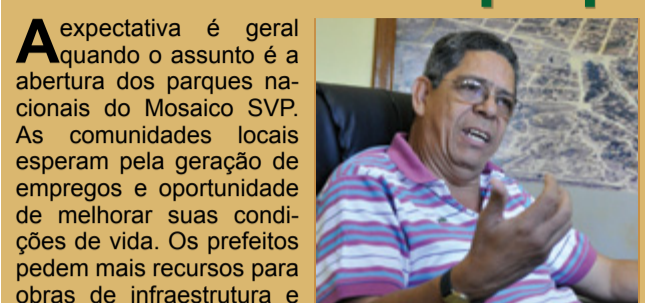
Segundo a legislação atual, são vedadas quaisquer intervenções nas áreas de veredas, salvo em caso de utilidade pública, de desdemonstração de animais ou de uso doméstico. A mata seca é protegida pela Lei no. 11.428/2006, que também considera integrantes do Bioma Mata Atlântica as formações florestais nativas e ecossistemas associados, com as respectivas delimitações estabelecidas em mapa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As áreas de proteção ambiental (APAs) são áreas em geral extensas, constituídas por terras públicas ou privadas, com certo grau de ocupação humana, especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e têm como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. O plano de manejo dessas áreas é uma exigência do Decreto no. 4.340, de 22/08/2002, que regulamenta a Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Snuac), elaborado pelo órgão gestor ou pelo proprietário, quando for o caso, e aprovado em portaria do órgão executor, no caso de estação ecológica, reserva biológica, parque nacional, monumento natural, refúgio de vida silvestre, área de proteção ambiental, área de relevante interesse ecológico, floresta nacional, reserva de fauna e reserva particular do patrimônio natural.

Onde saber mais

www.ibama.gov.br/licenciamento
www.mma.gov.br/conama
www.direitoambiental.adv.br/ambiental

Prefeitos confiam na geração de empregos com abertura dos parques nacionais



Expectativa é geral quando o assunto é a abertura dos parques nacionais do Mosaico SVP. As comunidades locais esperam pela geração de empregos e oportunidade de melhorar suas condições de vida. Os prefeitos pedem mais recursos para obras de infraestrutura e muitos empresários aguardam "medidas concretas" antes de decidirem fazer seus investimentos no segmento turístico.

"É fácil chegar lá, tem que haver comodidade para os que vêm conhecer, porque se não temos, pelo menos, locais onde se hospedem, onde bebam água ou façam um lanche, dificultamos a vida desses turistas, mas aqui em Itacarambi estamos nos preparando para isso com hotéis, pousadas, e outros investimentos", acrescentou o prefeito.

O secretário Municipal do Turismo, Cultura e Lazer, Paulo Roberto Ferreira de Souza, afirmou que, com o Projeto Mosaico foram agregados importantes parceiros no desenvolvimento do turismo e da conservação ambiental. "Temos o privilégio de ter o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, o

Parque Estadual Veredas do Peruaçu, e a Área de Proteção Ambiental (APA) do Peruaçu, em território do município de Itacarambi, e potencial para todos os tipos de turismo, como o ecoturismo, turismo cultural e religioso, e nosso forte é o turismo ecológico e o de pesca".

O principal atrativo natural do município é o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu (a cidade está a 13 km do portão de entrada do parque) e outro atrativo é rio São Francisco. O secretário apontou uma causa comum a todos os municípios que pretendem desenvolver o turismo local: falta de recursos humanos e financeiros, e explicou que o Ministério do Turismo assume alguns custos por meio de convênios, principalmente para infraestrutura, setor onde aplicou R\$ 1 milhão em manilhamento de ruas para canalização da água pluvial. A pista de supercross foi construída em uma área degradada e recebeu a 10ª Etapa de Supercross, promovida pela administração municipal.



Grande Sertão Veredas - O prefeito de Chapada Gaúcha, José Raimundo Ribeiro Gomes, participou da reunião do Conselho Consultivo do Mosaico SVP, realizado na sede da Câmara dos Vereadores e, entre outros temas, falou sobre a abertura do Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PN GSV): "Estamos trabalhando em vá-

rias frentes, não apenas na atração de turistas para nossa região, e um dos principais problemas que precisamos resolver é melhorar as estradas usadas pelas comunidades locais e também pelos visitantes".

As características ambientais da região desse parque e os municípios do seu entorno são bem diversas do que existe no entorno do PN Cavernas do Peruaçu, principalmente a condição dos acessos aos parques. Segundo o prefeito, Chapada Gaúcha tem muito a oferecer aos turistas, que poderão associar os passeios para ver as belezas do parque com o conhecimento das manifestações culturais do município que cada vez são mais valorizadas e reconhecidas, principalmente no Encontro dos Povos, que acontece anualmente.

Estrada-Parque Guimarães Rosa poderá ser oficializada pelo poder público de Minas Gerais



O Projeto de Viabilização da Estrada-Parque Guimarães Rosa, apresentado durante a última reunião do Conselho Consultivo do Mosaico SVP, realizada em Chapada Gaúcha, propõe o reconhecimento oficial da estrada, que está prevista no Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista do Mosaico SVP (DTBC). A iniciativa é da Funatura, com apoio do ISPN/Florelas, que encaminhará o projeto à Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais após análise e aprovação pelos municípios e pelo Conselho Consultivo.

O projeto enfatiza a criação de um modelo próprio de gestão e manutenção da estrada-parque, com patrulhas mecanizadas distribuídas por trechos e absorção da mão de obra local com a geração de postos de trabalho para a população. Durante a primeira etapa será elaborado o diagnóstico socioeconômico e ambiental da área de influência da estrada-parque, para seu reconhecimento oficial; na segunda, serão realizadas reuniões com as prefeituras e câmaras de vereadores, nos municípios atendidos pela estrada; e na terceira etapa haverá a apresentação e discussão do anteprojeto de lei com os poderes Executivo e Legislativo do Estado de Minas.

Durante as reuniões nos municípios será apresentada a proposta e colhidas sugestões para a elaboração do anteprojeto de lei que levará ao seu reconhecimento oficial. "É muito importante que as lideranças locais e regionais entendam a importância da estrada-parque para a região. Os grandes beneficiados com esse reconhecimento serão as populações que vivem no território do Mosaico, além de turistas que visitarão a região e os produtores agropecuários e extrativistas dos municípios atravessados pela estrada", afirmou a geógrafa e consultora da Funatura, Mara Moscoso.

Existem várias estradas que cortam a região do Mosaico SVP, e a maioria não é pavimentada. Uma delas é a estrada-parque que margeia, praticamente, toda a extensão do Mosaico e foi batizada como Estrada-Parque Guimarães Rosa. Liga as cidades de Formoso e Manga, em Minas Gerais, com uma extensão de cerca de 400 km. Uma estrada-parque apresenta características específicas e integra os esforços das instâncias governamentais e das populações que vivem na sua área de influência para a conservação ambiental e valorização do patrimônio do seu entorno.

Todas as melhorias beneficiarão as comunidades, para que tenham oportunidade de oferecer atrativos aos turistas, que poderão ampliar a estadia ao longo da estrada, além de valorizar os aspectos naturais e culturais da região do Mosaico SVP, contribuindo para que os atrativos turísticos possam trazer benefícios, também, às comunidades locais, com o transporte coletivo adequado, que facilitará o acesso, deslocamento, circulação de mercadorias e integração das unidades de conservação (UCs) do Mosaico, além da comunicação e integração de inúmeras cidades, comunidades rurais e tradicionais. Uma vez implementada, gravará o destino Sertão, o Mosaico e o Estado de Minas Gerais com selo de qualidade que poucos destinos turísticos possuem, não apenas no Brasil, mas no mundo.

Segundo a Funatura, o estudo preliminar destacou a necessidade de melhoria das condições de tráfego para veículos de passeio, transporte de passageiros e de carga. A preservação e/ou construção de passagens de animais silvestres é uma necessidade urgente, porque muitos animais são atropelados por veículos que trafegam, atualmente, nesse percurso. Os pontos de parada e mirantes para observação de paisagens e outros fenômenos naturais relevantes, com estacionamento, estão previstos no projeto: definição de limite de velocidade, instalação de sistema de comunicação para socorro, sistema de sinalização e informação turística, construção de paradas de transporte coletivo dissimuladas na paisagem e com estética própria do Sertão, adequação para pessoas portadoras de necessidades especiais, fiscalização e adequação aos planos de manejo das UCs do Mosaico, e sistemas de preservação dos cursos d' água, com amortecimento de fluxos de enxurradas.

Empresária de Chapada Gaúcha diz que investiu e espera há 13 anos a abertura do PN Grande Sertão Veredas



Os debates sobre o turismo sustentável que ocorreram durante o X Encontro dos Povos do Sertão, em Chapada Gaúcha, motivaram críticas sobre o processo de abertura do Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PN GSV) à visitação pública. Angela Maier administra, com o marido, o Hotel Veredas e falou sobre os investimentos feitos e o retorno que não chegou como se esperava: "Primeiro foi criada uma expectativa de que nosso público-alvo é formado pelos turistas que viriam para a cidade por causa do parque, mas esses turistas não chegaram. Há uma frustração que dura 13 anos. Não interessa se estamos em situação pior ou melhor, a questão é a expectativa criada. Tínhamos outros planos para melhorar o nosso atendimento como a criação de uma agência de turismo para atender um número maior de visitantes".

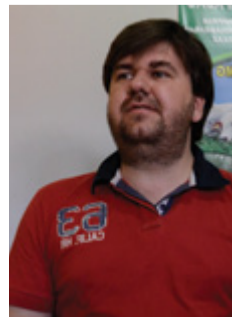
"Gostaria que as autoridades responsáveis se sensibilizassem com nossos problemas, o parque foi ampliado e não estamos sendo beneficiados diretamente" afirmou a empresária. "O ganho do meio ambiente é muito bom, mas o ser humano também precisa ser incluído e valorizado nesses projetos de preservação". Apesar de reclamar da demora, ela informou que nunca fez nenhuma reclamação direta ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), que é o gestor do parque: "Se eu tivesse procurado o prefeito de Chapada Gaúcha (o Mundinho) oficialmente, com certeza ele teria levado essa questão à frente e acredito que tenha feito isso. Estamos reativando a associação comercial e vamos fazer nossa parte, tratar da abertura do parque".

"O parque é conhecido pela obra de João Guimarães Rosa, de renome internacional, e mesmo sem a abertura recebemos alguns visitantes da Holanda, Portugal e França. Imagine com o parque aberto para turistas e com divulgação na internet e outros meios de comunicação! A abertura do parque viabilizaria a geração de empregos e de renda - serão necessários guias, por exemplo.

Muitas pessoas deixam o município à procura de melhores condições de vida. Com esse movimento na cidade, nossos filhos que saem para estudar fora, voltarão para trabalhar aqui na região e haverá outros ganhos para o município."

Angela Maier considerou o relacionamento com o pessoal do ICMbio muito bom, mas nunca houve uma manifestação ou um pedido oficial. Segundo ela, nada foi feito nesse sentido, por nenhum morador da cidade, mas eles (o ICMbio) devem ver essa necessidade. "Quanto empregos geram, atualmente, lá? Se fosse aberto à visitação quantos empregos geraria? Vamos fazer isso por meios oficiais, para ver se a coisa anda, se sai desse mito. Até agora é uma lenda, na qual a gente acreditou. O processo para abertura está bem avançado, foi feito o plano de manejo, mas a abertura não acontece." A empresária não conversou com a Cooperativa Regional de Produtores Agrossilvextrativista Sertão Veredas (Coop. Sertão Veredas), mas disse acreditar na união, porque "os produtos da cooperativa são extraídos no nosso Cerrado, utilizamos polpas de frutas para sucos e vendemos os produtos da cooperativa no hotel, existe parceria ainda que não conversada, oficialmente ou formalmente."

Falta estrutura para atender turistas - Ricardo Luiz Baron é o responsável administrativo pelo empreendimento da família, o Hotel e Restaurante Recanto de Minas, em Chapada Gaúcha. Ele é filho dos proprietários do hotel, comprado em 2010, e não participou dos debates sobre a abertura do PN GSV e o turismo sustentável. Baron disse que o turismo é uma atividade muito próspera e a família pretende construir outro hotel: "Queremos fazer uma coisa mais à altura de quem visita nosso município, mas ainda não temos boa estrutura para atender turistas. O município é carente, ainda necessita de melhorias, falta um bom hotel, boa lanchonete e churrascaria, mas aos pouquinhos isso melhora." Ele lembrou que "o parque ainda não tem muita visitação, mas o asfalto vai melhorar muito nossas condições, em geral (a estrada que liga Chapada Gaúcha a Arinos foi asfaltada recentemente)".

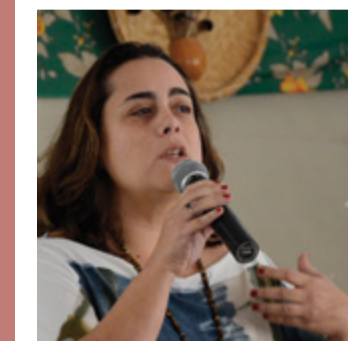


O Parque Nacional Grande Sertão Veredas é o maior parque nacional do bioma Cerrado, e é única unidade de conservação que possui parcelas representativas da fitofisionomia de carrossos, tipo de vegetação com elementos da flora e da fauna presentes no Cerrado e na Caatinga. É considerado um hotspot mundial (área prioritária para conservação, de alta biodiversidade e ameaçada no mais alto grau). Ainda está extremamente ameaçada pelo fogo e merece uma atenção especial para implementação de ações de prevenção e combate aos incêndios florestais. Foi criado em 1989, por meio do Decreto 97.658, com uma área total inicial de 83.364 hectares (ha), e ampliado em 2004 para 230.671 ha, no noroeste de Minas Gerais e oeste da Bahia. A área do parque divide-se entre os municípios de Cocos, na Bahia, e Formoso, Chapada Gaúcha e Arinos, em Minas Gerais.



O Parque Nacional Cavernas do Peruaçu foi criado em 1999, nos municípios de Itacarambi, Januária e São João das Missões, por meio do Decreto de 21/09/1999, no norte do Estado de Minas Gerais. Com 56.500 hectares (ha), se estende ao longo de 98 km do rio Peruaçu, afluente do São Francisco. O parque está localizado no interior da Área de Proteção Ambiental (APA) Federal Cavernas do Peruaçu, possuiu mais de 140 cavernas e 80 sítios arqueológicos catalogados, além de amostras representativas de Cerrado e inúmeras outras formas de vegetação natural. Em sua rica fauna, encontram-se mais de 250 espécies, entre elas a maritaca, a seriema, a maria-preta, o arapaçu e o beija-flor-de-asa-de-sabre. Veado-mateiro, jaguatirica, moco, mico-estrela, tatu, capivara, lobo-guará e lagarto teiú são outros representantes da fauna local. O acesso ao parque está a cerca de 45 km de Januária, por estrada em boa condição de tráfego.

Especialista apresenta estudo sobre turismo de base comunitária



Um dos temas dos painéis de debates realizados durante o Encontro dos Povos do Sertão foi apresentado pela especialista em turismo e meio ambiente, Daniela Soares Nascimento. O estudo Subsídios para Planejamento e Gestão de Projetos de Turismo de Base Comunitária reúne experiências do turismo de base comunitária (TBC) que, na prática, têm demonstrado ser a alternativa mais versátil para estimular estratégias de desenvolvimento sustentável, conciliando a conservação da natureza com inclusão social especialmente das comunidades tradicionais. Os grupos comunitários atuam como protagonistas do processo de planejamento, gestão e operação da atividade, e são beneficiários diretos dos resultados decorrentes da visitação turística.

Segundo a autora do estudo, "o TBC vem apresentando um crescimento contínuo no mundo e o Brasil apresenta-se como potencial destino de grande competitividade internacional, crescem as ações pró-ativas do setor turístico, em especial das comunidades que vivem no entorno das UCs em parceria com organizações não governamentais (ONGs) e o mercado (agências de turismo e meios de hospedagem), na operacionalização do ecoturismo e de outros segmentos associados, como turismo de aventura, cultural, rural e solidário, entre outros". Os aspectos positivos da avaliação do processo de planejamento participativo incluem os grupos representativos e motivados, o sen-

timento de pertencimento e envolvimento emocional com as causas socioambientais, e entendimento do papel das UCs para a proteção ambiental e a restrição ao desenvolvimento de atividades que causem danos ao meio ambiente.

Um dos exemplos de experiência positiva é a Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (Rede Turisol) formada por diversas organizações brasileiras que desenvolvem projetos de turismo solidário e trocam experiências. Surgiu a partir da iniciativa da Embaixada da França, no Brasil, em 2003, com um programa de cooperação no setor de economia solidária. Atualmente, existem 23 iniciativas, distribuídas por vários estados brasileiros. Em Minas Gerais destacam-se a Associação de Artesãs de Coqueiro do Campo, o Instituto Inhotim, e o Centro de Pesquisa e Promoção Cultural (CEPEC), no município de Araponga e região.

Entretanto, as dificuldades são muitas e é necessário planejamento, capacitação e assessoria técnica, criar e estruturar uma rede de hospedagem alternativa, reduzir os impactos ambientais negativos da atividade turística, qualificar a mão de obra, organizar entidades comunitárias para a gestão sustentável da atividade turística, e adequar a infraestrutura dos principais atrativos turísticos com demanda efetiva. Para colocar o produto turístico no mercado é preciso formar redes e parcerias entre comunidades locais, proprietários de áreas naturais, empresários turísticos, gestores, órgãos oficiais de turismo/meio ambiente, além de promover as regiões e os serviços por meio do marketing responsável (baseado na ética, legalidade e responsabilidade socioambiental), entre outros aspectos que garantam a atividade turística sustentável.



Artesã Anadina F. Nascimento (dona Dina)
Caixa Postal 20
39470-000 – Itacarambi (MG)
Tels.: (38) 3613.6052 - 9958.7417
e-mail: anadina_ferreira@hotmail.com

Associação Comunitária Mãe Ana (Acoma) Grupo Mães de Arte
Comunidade Barra do Pequi, S/N
39310-000 – Chapada Gaúcha (MG)
Tels.: 38-36342043, 38-99647508
e-mail: acomamaeana@gmail.com

Central de Núcleos de Produção e Comercialização Organizados em Rede Solidária (Ancorart)
Portal do Desenvolvimento
Fazenda Ipoeira, Rod-MG 202
38680-000 – Arinos (MG)
Tel.: (38) 3635.4121/3678.9182 - 9992.2734
e-mail: sertoaveredas@hotmail.com

Cooperativa Regional de Produtores Agrossilvicultoristas Sertão Veredas (Coop Sertão Veredas)
Av. Getúlio Vargas, 382, Centro
39314-970 - Chapada Gaúcha (MG)
Tel.: (38) 3634.1462 e 9977.1013
e-mail: coopsertaoveredas@hotmail.com

Cooperativa da Agricultura Familiar Sustentável com Base na Economia Solidária Ltda. (Copabase)
Rod-MG 202, Km 406, Gleba 21 D
Fazenda Mangues
38680-000 – Arinos (MG)
Tel.: (38) 9945.2801 - 9908.7610
e-mail: copabase@gmail.com
Internet: www.copabase.org

Grupo de Artesãos Social do Município de Chapada Gaúcha
39310-000 - Chapada Gaúcha (MG)
Tel.: (38) 9957.9310

Urucuia Grande Sertão Artesanato
Central Veredas - Fazenda Ipoeira
Rod-MG 202
38680-000 – Arinos (MG)
Tel.: (38) 9992.2734 - 9110.0090
e-mail: centralveredas@hotmail.com

PN Grande Sertão Veredas

Cultura e extrativismo são destaques no X Encontro dos Povos, em Chapada Gaúcha

A Feira de Artesanato local e regional apresentou, no X Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, de 7 a 10 de julho, em Chapada Gaúcha, cerca de 40 barracas com artesanato produzido por comunidades locais e de outros municípios de Minas Gerais. Peças de cerâmica, palha de buriti, madeira, frutos do Cerrado e comidas típicas, entre muitos outros produtos, foram expostos e vendidos por mulheres e homens de todas as idades que encontraram no artesanato uma forma de manter viva a tradição regional e, ao mesmo tempo, agregar mais uma atividade à geração de renda familiar.

Contatos

Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo (Semat)
Tel: (38) 3634.1152
e-mail: turismo@chapadagaucha.mg.gov.br

Secretaria Municipal de Cultura (Semec)
Telefax: (38) 3634.1332
e-mail: semec@chapadagaucha.mg.gov.br cultura@chapadagaucha.mg.gov.br



Corredor da História

Um dos locais preferidos pelas crianças desde que foi criado no Encontro dos Povos é o Corredor da História, uma exposição que reúne fotografias, documentos antigos e históricos, objetos e informações que contam a história do município de Chapada Gaúcha. A Secretaria Municipal de Educação coordena esse espaço e os estudantes participam com redações e diversos trabalhos escolares produzidos sob a orientação de seus professores.



PN Grande Sertão Veredas

Inaugurada por extrativistas a Agroindústria de Polpas de Frutas, Doces e Geléias



Bolsa Verde paga mais a quem preservar mais

Um dos programas governamentais que poderão beneficiar o território do Mosaico é o Programa Bolsa Verde, do Estado de Minas Gerais, uma remuneração baseada em concessão de incentivo financeiro aos proprietários de terras e posseiros. Foi instituída pela Lei 17.727, de 13/08/2008, e regulamentada pelo Decreto 45.113, de 05/06/2009, para apoiar a conservação da cobertura vegetal nativa em Minas Gerais. Os proprietários e posseiros que preservam ou se comprometem a recuperar áreas degradadas com vegetação de origem nativa em suas propriedades ou posses, podem receber o benefício.

Os agricultores familiares e pequenos produtores rurais têm prioridade para solicitar o benefício e podem ser contemplados produtores cujas propriedades estejam localizadas no interior de unidades de conservação (UCs) e sujeitos à desapropriação. O incentivo financeiro é proporcional à dimensão da área preservada, ou seja, recebe mais quem preservar mais até o limite de hectares correspondente a quatro módulos fiscais em seu respectivo município. Os formulários para solicitação estão disponíveis nas unidades do Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG), escritórios regionais, núcleos operacionais de pesca e biodiversidade e agências especiais.

As duas modalidades previstas no Programa Bolsa Verde são a manutenção e a recuperação da cobertura vegetal nativa: a primeira é uma forma de remuneração (premição) pelos serviços ambientais prestados por proprietários e posseiros rurais; a segunda possibilita o repasse de um montante menor de recursos financeiros e o repasse de insumos para os beneficiados restaurarem, recompor ou recuperarem a área com espécies nativas.

O módulo fiscal é um parâmetro para classificação do imóvel rural quanto ao tamanho, de acordo com a Lei nº. 8.629, de 25/02/1993. Pequena propriedade (imóvel rural de área compreendida entre um e quatro módulos fiscais); média propriedade (imóvel rural de área superior a quatro e até quinze módulos fiscais). Também serve de parâmetro para definir os beneficiários do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf): pequenos agricultores de economia familiar, proprietários, meeiros, posseiros, parceiros ou arrendatários de até quatro módulos fiscais.

Onde saber mais
www.ief.mg.gov.br/bolsaverde
www.mda.gov.br/portal/saf/programas/pronaf

A Agroindústria de Polpas de Frutas, Doces e Geléias, da Cooperativa Regional de Produtores Agrossilvicultoristas Sertão Veredas (Coop Sertão Veredas) foi inaugurada durante o X Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, em Chapada Gaúcha. A produção da agroindústria reúne 21 sabores de polpas de frutas, plantas medicinais, mel de abelha, frutos do Cerrado (pequi, baru, mangaba e araticum), farinha de mandioca, rapadura, balas, além frutas e verduras. O presidente da cooperativa, José Correia Quintal, conhecido como Zezu (foto à esquerda), disse que, atualmente, 100 cooperados e mais cerca de 100 extrativistas não cooperados levam seus produtos para comercialização por meio da Coop Sertão Veredas. Muito emocionado, ele agradeceu a todos "os parceiros e parceiras de caminhada", ao lembrar as dificuldades do início, nas primeiras reuniões para formação da cooperativa.

A melhoria da renda das famílias é uma realidade, se-

gundo informou Zezu: "Na média, chega a um salário mínimo e meio mensal, ou seja, cerca de R\$ 800,00, de acordo com os períodos de safra dos produtos. Além de vender aqui na região, também mandamos produtos para a Central do Cerrado, em Brasília, que repassa para outras cidades. As escolas do município também estão comprando esses produtos para a merenda escolar". O prefeito de Chapada Gaúcha, José Raimundo Ribeiro Gomes, destacou, durante a inauguração, que os produtores e extrativistas locais tem sido mais valorizados e recebido apoio de várias instituições, entre elas da Fundação Banco do Brasil (FBB), Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Ministério do Meio Ambiente (MMA), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-MG), Fundação Pró-Natureza (Funatura), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG), Ministério de Minas e Energia (MME), além da prefeitura por meio das secretarias municipais.



Debates e diversão, uma mistura positiva

Enquanto aconteciam os debates sobre questões relacionadas ao tema 10 Anos valorizando o Patrimônio Natural e Cultural do Sertão, as crianças se divertiam e participavam de várias atividades preparadas especialmente para elas, como a Oficina Perna de Pau e o Circo de Retalho (Grupo Fuzuê). Música e danças, de vários estilos, alegraram o público que participou do Encontro dos Povos, e as noites foram movimentadas com apresentações de grupos culturais, bandas e artistas locais e regionais.



Turistas terão roteiro definido para visitar a gruta e as áreas liberadas



Nascido em Itacarambi, Evandro Pereira da Silva, é engenheiro florestal, possui mestrado na área de ciência florestal e geoprocessamento, e há sete anos é o chefe do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Estudou em São Paulo (SP) e Viçosa (MG), foi aprovado em concurso público e iniciou o trabalho no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), na comunidade de Fabião I,

município de Januária (MG). Nesta entrevista ao **Jornal do Mosaico**, ele falou sobre a abertura do parque à visitação pública.

“**H**á grande expectativa com relação à abertura do parque para visitação, o que pode ser positivo (teremos uma UC implementada que vai beneficiar a região com o turismo) ou negativa (até que ponto os municípios estão preparados para receber o público que visitará o parque?). De acordo com o Plano de Manejo e o Termo de Ajuste de Conduta firmado entre o ICMbio e o Ministério Público, o parque deve estar em pleno funcionamento até à Copa do Mundo de 2014.

Vamos considerar o roteiro da Gruta do Jamelão, com a visita de 12 pessoas por vez, que é a capacidade de carga, e com um tempo de visita determinado, durante o dia. Funcionando de 8 às 18 horas, teremos 144 visitantes por dia. Dependendo do resultado, o número de visitantes pode aumentar ou diminuir, além de ajustarmos os grupos porque existem ambientes que são bem sensíveis. Precisamos ver como será a condução dos visitantes no interior do parque e a capacitação dos guias da região. É preciso selecionar pessoas com perfil adequado para essa atividade.

Durante a elaboração do plano de manejo, identificamos o grau de instrução dos guias que, apesar da baixa escolaridade, possuem experiência na região e muitos trabalharam como brigadistas de incêndio. Para assimilar determinadas informações, a pessoa deve ter uma instrução mais adequada, mas há grande número de jovens da região que estão em cursos de gestão ambiental, principalmente no Centro Federal de Estudos de Educação Tecnológica (Cefet). Isso indica que a comunidade entende o significado do parque para a região, o potencial de geração de empregos e renda, principalmente, para os jovens que buscam o primeiro emprego.

A principal entrada para visitação do parque é a comunidade do Fabião I, que está na Área de Proteção Ambiental (APA) Federal Cavernas do Peruaçu, onde também se concentrará o comércio. Os turistas visitarão a gruta e outras áreas liberadas, ou seja, haverá um roteiro específico. A associação deve pensar nisso e o município também precisa dar um suporte para o trabalho dos guias. Há o risco de investidores de fora comprarem terrenos e montarem empreendimentos, o que poderá modificar as características dessa porta de entrada do parque. Os órgãos públicos municipais devem trabalhar com as comunidades diretamente ligadas ao parque e esclarecer o que pode acontecer no futuro.

Todos pretendem ser pequenos empreendedores, mas esperam, primeiro, o parque abrir. Cabe também à comunidade se organizar para a chegada dos turistas, e entender que a missão do ICMbio é administrar e implementar o parque. A comunidade tem a expectativa de que o ICMbio vai resolver essa questão e não é bem assim. Existem outras esferas que podem ajudá-los. Claro que o parque e o ICMbio trabalham em busca de parceiros para tentar implementar os projetos. O parque não está aberto à visitação porque estamos embasados na legislação. As entradas para pesquisas são cadastradas, os pesquisadores seguem um cronograma e são autorizados a realizar seus trabalhos. A lei permite trabalhos educativos e as escolas da região solicitam palestras em sala de aula e, em seguida, os alunos visitam o parque. Todas as autorizações são cadastradas, monitoradas e fiscalizadas.”



Comunidades do Fabião I e II, na APA do Peruaçu, criaram viveiro e pousadas familiares



As comunidades das localidades Fabião I e II - Área de Proteção Ambiental (APA) Federal Cavernas do Peruaçu - estão se preparando, há mais de cinco anos, para receber os visitantes que chegarão com a abertura do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Uma das iniciativas foi a criação da Associação dos Agentes Ambientais do Vale do Peruaçu, que desenvolve o projeto Pousada Familiar. Cerca de 20 famílias foram capacitadas pelo Sebrae-MG e Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e podem receber até cinco pessoas em cada residência, por vez, com hospedagem e refeições.

“Fizemos a capacitação e viajamos para Diamantina (MG) e algumas cidades do Espírito Santo para conhecer como

funcionam outras pousadas familiares. No momento, estamos recebendo pesquisadores e estudantes, e nos preparando para o turismo ecocultural”, informou um dos integrantes da associação, Ademir Nunes Vassalo (Miquinha). Ele disse que a associação implantou um viveiro florestal que produziu, até dezembro de 2010, mais 20 mil mudas distribuídas nas comunidades da APA para repor a vegetação onde as nascentes secaram, em áreas degradadas no parque. Esse projeto foi aprovado pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG) que apoiou a produção de mudas de aroeira, jatobá, cedro e outras madeiras de lei. “O plantio de mudas é um trabalho voluntário dos agricultores, e o principal foco do viveiro é trabalhar em recuperação de áreas degradadas”.

Uma das fundadoras da associação, Elaine Correia Silva (bióloga e pós-graduada em gestão ambiental), informou que a entidade está com cerca de 50 membros, pessoas interessadas em projetos na área ambiental e o trabalho abrange mais de 100 famílias. “Em 2009, reforestamos uma área no interior do parque, no Janelão, uma das cavernas mais famosas e, no momento, estamos trabalhando em um projeto na Vila Florentina. Onde havia assoreamento e áreas degradadas foi realizado o plantio da mata ciliar. As mudas estão se desenvolvendo e o projeto continuará se expandindo para outras áreas”. A bióloga, que nasceu na região, estudou fora e retornou para realizar esse trabalho voluntário com a proteção de unidades de conservação (UCs).

Elaine Correia Silva acrescentou que “recentemente foi realizado um trabalho com apoio da Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig), resultado da compensação ambiental destinada à associação, um passo importante, pois a maioria das compensações nunca chega”. A associação solicitou e recebeu uma compensação em forma de curso de capacitação sobre arborização, utilização de viveiro, produção de mudas, entre outras atividades. “Alcançamos a meta de produção de 20 mil mudas por ano, em 2010, e estamos trabalhando para superá-la em 2011.”

**Associação dos Agentes Ambientais
do Vale do Peruaçu
Posto de Correios de Comunidades Fabião I, S/N
39480-970 - Januária (MG)
Tels.: (38) 3632.1057 e 9912.8063**

**Associação das Pousadas Familiares
Rod. BR-135, no. 532, Comunidade Fabião II
39470-000 - Itacarambi (MG)
Tel.: (38) 3613.6012**



Jornal do mosaico

número 05
outubro de 2011

Projeto de Gestão Integrada do Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu
Convênio FUNATURA/IEF

**6ª. Reunião
do Conselho
Consultivo cria
comitê para
acompanhar
projetos de
extrativismo
e turismo
ecocultural** **3**

**Mapeamento do
uso e ocupação
do solo no
território do
Mosaico SVP
mostra a situação
ambiental dessa
região** **4/5**



**Bióloga do
IEF-MG analisa a
fragilidade das
veredas e faz
alerta sobre rios
que secaram** **7**



Oito em cada dez brasileiros apoiam a conservação do Cerrado



Pesquisa nacional inédita realizada pelo Ibope (uma das maiores empresas de pesquisa de mercado da América Latina) revelou que oito em cada dez brasileiros apoiam a conservação e não querem mais desmatamento sem controle no Cerrado, que ocupa um quarto do território nacional e é reconhecido como a savana mais rica em vida do planeta. Em apenas 50 anos, metade da vegetação original do Cerrado foi eliminada e há menos de 3% de sua área efetivamente protegida.

Amazônia, Mata Atlântica, Pantanal e Cerrado são, nessa ordem, as formações naturais mais reconhecidas e consideradas as mais importantes pelos brasileiros, pela variedade de animais e plantas, tamanho, necessidade de conservação, capacidade de fornecer água e ar puro e, ainda, quanto a seu potencial econômico. Em seguida, vêm a Caatinga (região Nordeste) e o Pampa (região Sul).



Para a pesquisa, encomendada pela organização não governamental WWF-Brasil, foram realizadas duas mil entrevistas pessoais e individuais com brasileiros a partir de 16 anos, em 141 municípios de todas as regiões brasileiras. A margem de erro máxima sobre os resultados é de 2%, para mais ou para menos. (Fonte: www.wwfbrasil.org.br)

Editorial

Um dos grandes desafios do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu é o reconhecimento da sua importância pelas comunidades que habitam o território.

Em geral, a existência de unidades de conservação em um determinado território não é bem assimilada pelas populações locais, tendo em vista que os benefícios trazidos pelas mesmas, muitas vezes, não são traduzidos em ganhos diretos. No entanto, ainda que isso possa ser, em parte, verdadeiro, os ganhos indiretos são de extrema importância para as regiões onde essas unidades estão inseridas.

Os serviços ambientais (fornecimento de água, ar de boa qualidade, controle biológico de pragas e doenças, etc.), por exemplo, não podem ser ignorados e são muito representativos em áreas onde os ecossistemas são mais preservados. Além disso, ganhos diretos podem, sim, ser representativos como a renda advinda do aproveitamento sustentável de produtos da biodiversidade e do turismo ecocultural, só para citar dois exemplos.

É com base nesses preceitos que o Mosaico terá a sua importância reconhecida. As atividades desenvolvidas, até o momento, buscam aliar a gestão integrada das unidades de conservação envolvendo não só os seus gestores, mas, também, a participação das comunidades locais, tanto no planejamento quanto na execução de ações. A própria composição do Conselho Consultivo do Mosaico evidencia essa busca. São 45 conselheiros que representam diferentes segmentos da sociedade e do governo. Os projetos desenvolvidos procuram beneficiar as populações locais e fortalecer as ações governamentais.

Aliado a esse trabalho, a estratégia de realização de reuniões itinerantes do conselho busca levar os debates para todos os municípios que compõem o Mosaico. No início do ano, as reuniões foram realizadas em Januária; em julho, na Chapada Gaúcha; em setembro, em Formoso; dezembro será a vez de Itacarambi; e as próximas pretende-se que ocorram nos demais municípios.

Outro aspecto importante refere-se à comunicação. Nesse sentido, o **Jornal do Mosaico** representa um canal de divulgação de ações relevantes para o Mosaico. Está aberto para receber a colaboração de qualquer entidade ou cidadãos com artigos, entrevistas e matérias que queiram divulgar.

Com o tempo, o reconhecimento virá. É fundamental, no entanto, que a sociedade esteja atenta e participe.

Cesar Victor do Espírito Santo
Superintendente-executivo da Funatura
Secretário-executivo do Conselho Consultivo do Mosaico SVP

Veredas

Cachoeiras protegidas nas unidades de conservação



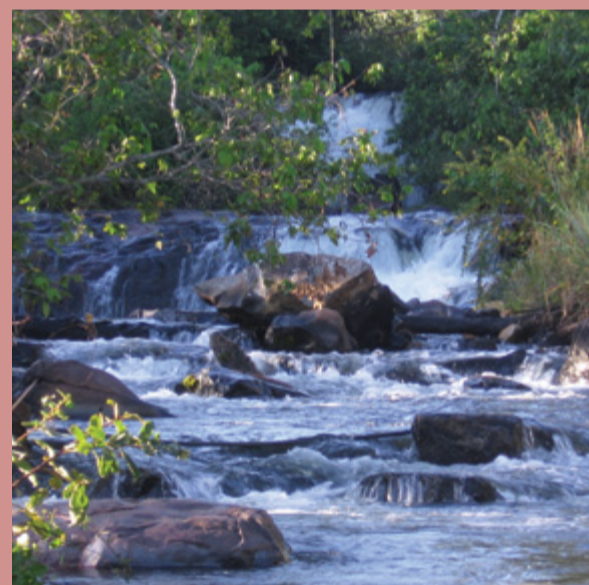
Ao caminhar pelas trilhas abertas ao longo dos anos, nas atuais unidades de conservação do Mosaico SVP, o visitante se depara com cachoeiras e corredeiras que surgem por entre a vegetação típica Cerrado ou se escondem nas matas de galerias ainda intocadas. Todas revelam como são preciosos os recursos naturais dessa grande área de proteção ambiental criada em território de 11 municípios, no noroeste de Minas Gerais, como o rio Carinhonha (foto acima).



Parque Nacional Grande Sertão Veredas



APA Gibão



APA Cochá



RVS Pandeiros

Conselho Consultivo realiza reunião no município de Formoso

A 6ª. Reunião do Conselho Consultivo do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu (SVP), ocorreu em 30 de setembro, na Câmara Municipal de Formoso (foto à direita), quando foi debatida uma extensa pauta sobre projetos e reivindicações apresentadas pelos representantes governamentais e não governamentais dos municípios que formam o Mosaico SVP. A reunião foi presidida pela vice-presidente do conselho, Daniela Pantuso, que representa o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio) e o Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PN GSV), do qual é a atual gerente. No dia 1º, de outubro houve a inauguração do Centro Comunitário do Assentamento São Francisco (ASF), com a presença dos conselheiros, entre outros convidados. Nessa reunião, destacaram-se as principais propostas e encaminhamentos apresentados pelos participantes, descritos a seguir.

1. Projetos de extrativismo e turismo ecocultural - Criação do Comitê de Acompanhamento dos Projetos de Extrativismo e de Turismo Ecocultural (turismo de base comunitária) que serão executados pela Cooperativa Regional de Produtores Agrossilvicultoristas Sertão Veredas (Coop Sertão Veredas) e Instituto Rosa e Sertão, respectivamente, financiados pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA/MMA) e Fundo Socioambiental da CAIXA. O comitê será formado, além das duas entidades executoras, por outras seis entidades (três governamentais e três da sociedade civil): Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG), ICMbio/PN GSV, Prefeitura Municipal de Itacarambi, Funatura, Cáritas Diocesana de Januária e Associação de Agentes Ambientais do Vale do Peruaçu.

2. Abertura de Posto da Polícia Militar Ambiental em Chapada Gaúcha - A Coordenação Regional do ICMbio (CR 11 – Sede Lagoa Santa) está em negocia-



Posto policial localizado na rodovia BR-135, município de Januária

ção com o Comando Geral da PM de Minas Gerais, apoiada pelo conselho, reafirmando a necessidade e importância estratégica desse posto da PM Ambiental.

3. Parceria entre o Mosaico SVP e o Parque Natural Regional Scarpe-Escout – A parceria será realizada no âmbito da cooperação descentralizada existente entre o Governo do Estado de Minas Gerais e a Região *Nord-Pas de Calais*, na França. Prevê a troca de experiências entre o parque natural francês e o Mosaico SVP, sem transferência de recursos, mas com intercâmbio relacionado aos temas que interessem aos dois territórios. Uma equipe formada por técnicos da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Assessoria Internacional do Governo de Minas, IEF-MG, Funatura e Parque Scarpe-Escout está elaborando o documento sobre essa parceria.

4. Academia Nacional de Biodiversidade - Instalada na Floresta Nacional de Ipanema, em São Paulo, a Academia Nacional de Biodiversidade (ACADEbio) realiza cursos práticos, desenvolvimento de competências dos servidores por meio de formação e capacitação continuada. Conselheiros do Mosaico SVP participaram do curso de capacitação de gerentes de UCs do ICMbio sobre mosaicos de áreas protegidas, realizado em agosto deste ano.

5. Mapeamento do uso e ocupação do solo no território do Mosaico SVP - O representante do WWF-Brasil, Bernardo Caldas de Oliveira, apresentou o mapeamento, que mostra um território bem conservado, no qual 80% ainda estão cobertos por algum tipo de formação de Cerrado. (Leia mais nas páginas 4 e 5).

6. Brigadas de incêndio em São João das Missões - O conselho vai enviar ofício ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para reforçar o pedido de criação de brigadas de incêndio em São João das Missões, em 2012.

7. Programa Federal Parques da Copa - A vice-presidente do Conselho Consultivo informou que uma comissão de interessados em turismo, do município de Chapada Gaúcha, pretende acionar o poder público para a abertura do parque. Os conselheiros destacaram a importância da inclusão dos parques nacionais Grande Sertão Veredas e Cavernas do Peruaçu no Programa Federal Parques da Copa, com a manifestação de interesse pelos prefeitos dos municípios do território do Mosaico SVP.



O prefeito de Formoso, Luiz Carlos da Silva (foto), participou da reunião do Conselho Consultivo e ressaltou a importância dos projetos que estão sendo planejados para a região do Mosaico SVP: "O projeto da Estrada – Parque Guimarães Rosa trará benefícios para o turismo e o transporte em todo o território do mosaico". A cidade de Formoso localiza-se a 80 km da entrada do Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PN GSV), que possui uma área considerável neste município.

Comunidades participam da formação e consolidação do Assentamento São Francisco



O Assentamento São Francisco (ASF), no entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PN GSV), município de Formoso (MG), superou mais uma etapa em seu processo de consolidação e melhoria da qualidade de vida das famílias que vivem no interior do parque e foram realocadas nas antigas fazendas São Francisco e Gentio. No dia 1º, de outubro, na área de uso coletivo do assentamento, foi inaugurado o Centro Comunitário previsto no Projeto de Recuperação e Proteção das Cabeceiras do Rio Carinhonha, com apoio do Ministério do Meio Ambiente (MMA), ao qual está vinculado o Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) financiador e principal parceiro da Funatura, no projeto.

Na área de uso coletivo também foi construído o viveiro para produção de mudas utilizadas no replantio de espécies do Cerrado nas áreas degradadas da região e instalado um tanque de armazenamento de leite para comercialização. O centro é utilizado pela comunidade do assentamento e outras comunidades da região para realização de capacitações, reuniões, debates, eventos culturais, educação ambiental e confraternizações. As famílias do assentamento prestigiarão a inauguração com almoço, músicas e danças tradicionais. Também estiveram presentes os representantes da Fundação Banco do Brasil (FBB) e Ministério do Meio Ambiente (MMA/FNMA), entre outras entidades parceiras.

Na etapa seguinte, foram realizadas gestões junto ao MMA/Ibama e MDA/Incrá para a realocação dessas famílias, por meio do programa de reforma agrária executado pelo MDA/Incrá com a desapropriação de uma área para atender comunidades do parque, que foram informadas sobre essa proposta de realocação. Técnicos da Funatura, Ibama e membros das comunidades visitaram fazendas da região e três foram pré-selecionadas. O Incra iniciou o processo de negociação para desapropriação, analisou a documentação das fazendas e, posteriormente, enviou uma equipe para realizar vistoria e verificar o potencial para o assentamento e avaliação. O resultado da vistoria às três fazendas indicou que as fazendas São Francisco (1.994 ha) e Gentio (3.470 ha), no município de Formoso, atenderiam aos objetivos do reassentamento, o que foi aceito pelas famílias. Em 2000, o Incra desapropriou as fazendas e, no ano seguinte, iniciou as entrevistas com os interessados no reassentamento. No Ibama, foram iniciados os processos de indenização das benfeitorias dos posseiros do parque. Em março de 2002, os assentados fundaram a Associação Rural Sertão Veredas (Arsev).

Após diversas reuniões comunitárias, visitas domiciliares e aplicação do questionário socioeconômico, as respostas indicaram que a melhor forma de resolução seria a realocação das famílias em uma área próxima ao parque, no município

Além de estudos, o Cerrado precisa de uma lei como a Lei da Mata Atlântica

Apesar de as informações demonstradas pelo mapeamento realizado no Mosaico SVP, o coordenador do Programa Cerrado-Pantanal do WWF-Brasil, Michael Becker, disse que "essa é uma das áreas melhores preservadas do norte de Minas Gerais, muito importante também por ser uma área de transição para a Caatinga, e as APAs entre os parques nacionais Grande Sertão Veredas e Cavernas do Peruaçu criaram um corredor ecológico". Entretanto, no entorno das unidades de conservação (UCs), a agricultura intensa convive com área de cobertura vegetal bastante frágil e é necessário encontrar uma estratégia que possibilite a conservação do Cerrado e a produção agropecuária. O secretário-executivo do Conselho Consultivo, Cesar Victor do Espírito Santo, afirmou: "O ideal é que as entidades locais participem das discussões sobre a utilização desse mapeamento, trazendo suas contribuições para que as propostas sejam desenvolvidas em conjunto, e o conselho é o fórum de debates adequado para estabelecer essas parcerias e articulações buscando a conservação do Cerrado".

Segundo Becker, os efeitos da monocultura serão avaliados e discutidos com as populações locais: "O WWF-Brasil ajuda com as ferramentas de análise da área, mas as soluções serão compartilhadas com o Mosaico SVP para criar condições de planejamento da paisagem com os grandes e pequenos produtores, extrativistas e as comunidades representadas." Ele disse que os mosaicos devem funcionar como pólos de desenvolvimento em bases que respeitem a ecologia regional, com gerenciamento integrado e participativo das áreas protegidas e entornos. O engenheiro florestal Julio Cesar Sampaio da Silva, do WWF-Brasil, explicou que a opção pela região do Mosaico SVP tem como objetivo "alinhar a cadeia produtiva e a conservação, porque o Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PN GSV) é uma unidade de conservação seriamente pressionada pela agricultura, nos estados da Bahia e em Minas Gerais".

Lei do Cerrado - O técnico do Departamento de Áreas Protegidas do Ministério do Meio Ambiente, Fernando Lima (foto), afirmou que existe essa pressão porque na época da definição da zona de amortecimento do PN GSV, muitas áreas de agricultura estavam consolidadas e não houve condições de reverter esse quadro, a zona de amortecimento recuou e, apesar da fiscalização, os produtores acabam não saindo dessas áreas. "No mapeamento da região, a ocupação é vista como um todo e as estratégias para reverter os problemas são diferentes, há uma estratégia para combater o fogo e as queimadas, outra para lidar com o agronegócio, ou seja, o *agrobusiness* (o negócio da agricultura). O Brasil cada vez mais se confirma como uma potência nesse setor".

Para Lima, o Cerrado precisa de uma lei específica como a Lei da Mata Atlântica (Lei no. 11.428, de 22/12/2006), que demorou mais de dez anos sendo discutida no Congresso Nacional, mas acabou aprovada. "O Cerrado nem sequer é patrimônio nacional, o que dificulta ainda mais a aprovação de uma Lei do Cerrado, mas isso significa que temos que lutar por essa legislação para o Cerrado. Este mapeamento realizado pelo WWF-Brasil nos dá elementos e base para essa luta".



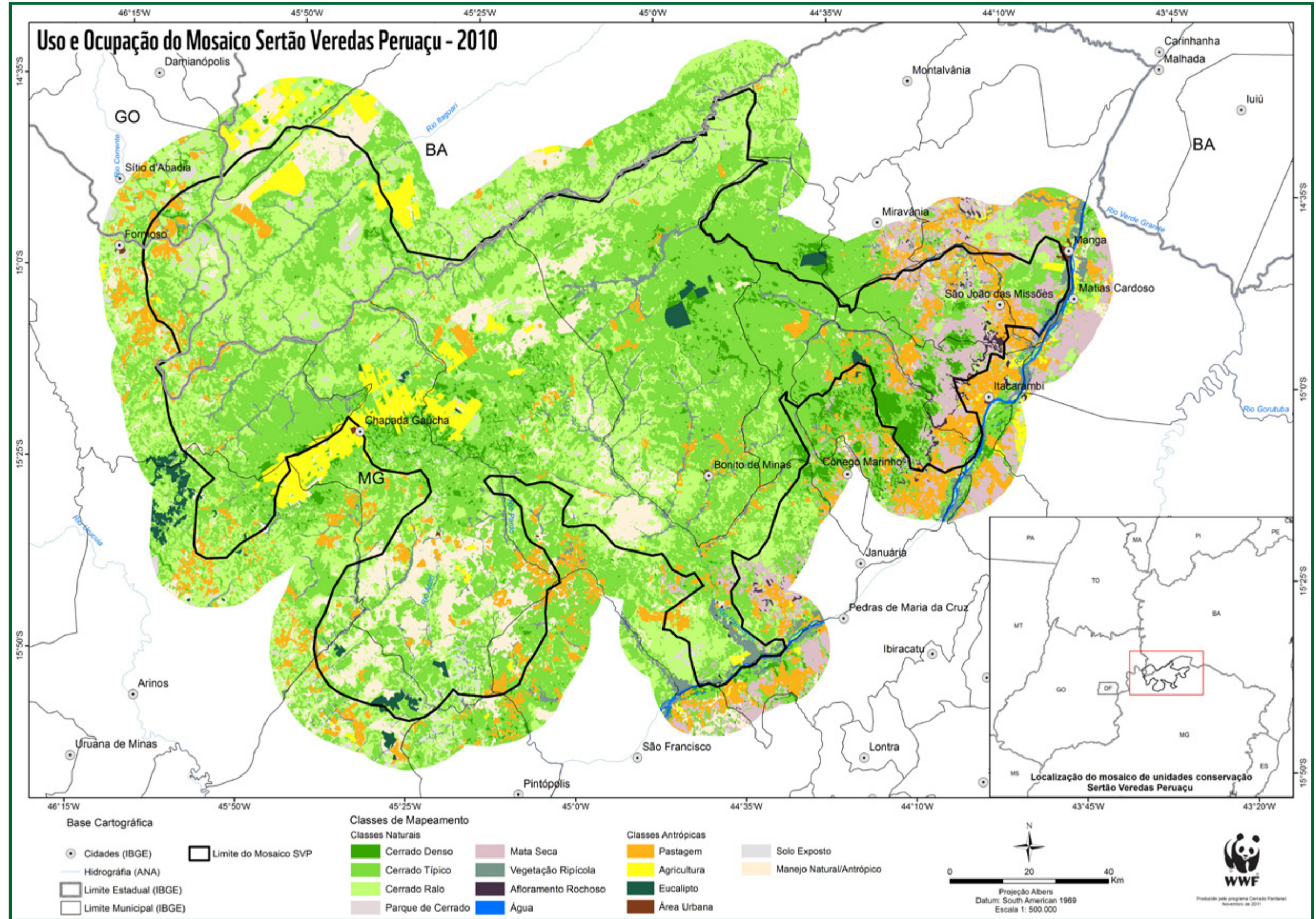
WWF-Brasil divulga mapeamento do uso e ocupação do solo no território do Mosaico SVP



O representante do WWF-Brasil, Bernardo Caldas de Oliveira (à esquerda na foto), apresentou o resultado do mapeamento do uso e ocupação do solo no território do Mosaico SVP, durante a 6ª. reunião do Conselho Consultivo, em Formoso (MG), em setembro último. A Funatura e o conselho colaboraram com o trabalho na preparação dos limites das unidades de conservação (UCs) e outras informações complementares. O mapeamento mostra um território bem conservado, no qual 80% ainda estão cobertos por algum tipo de formação de Cerrado. Os 20% restantes são áreas antropizadas: 7% de agricultura, 5% de pastagens e 8% de parcelas manejadas ou alteradas, inclusive com reflorestamentos (recentes ou abandonados).

Nesse estudo, as UCs representam um fator muito importante para a conservação do território e os próximos passos são a inclusão de informações sobre a integração de gestão na região, a formação de corredores ecológicos (o Instituto Biotrópicos realiza pesquisas sobre a fauna do território) e erosão dos solos. O mapa poderá servir como base para o monitoramento, com atualização periódica (a cada dois anos) das informações. Oliveira explicou que "o objetivo do mapa é apresentar um panorama geral, que será detalhado com a construção do mapa colaborativo no qual serão inseridas e cruzadas mais informações sobre a ocupação e uso da terra, com participação de segmentos e populações interessados no uso e futuro da região do Mosaico". Para a conselheira Damiana Campos, do Instituto Rosa e Sertão, faltaram informações sobre as populações tradicionais que ocupam o território do Mosaico e devem aparecer no mapa. A representante do Rosa e Sertão lembrou que o município da Chapada Gaúcha realizou, há alguns anos, um mapeamento que incluiu boa parte das comunidades existentes em seu território. Esse estudo sobre as comunidades tradicionais deve ser atualizado com aproximações baseadas em informações disponíveis, no momento.

Os conselheiros apresentaram vários temas e questões que devem estar no mapeamento: as queimadas, o cruzamento de dados levantados por outras instituições como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), IEF-MG, Ibama/Prevfogo relacionados aos focos de incêndios; como chegar às comunidades tradicionais interessadas em receber visitantes nas atividades de turismo de base comunitária; aumento do território da Terra Indígena Xacriabá (município de São João das Missões); e projetos de mineração de manganês próximos ao Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, além das pequenas centrais hidrelétricas (PCHs).



Situação dos municípios

O mapeamento do uso e da ocupação do solo para o Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu (mapa acima), em onze municípios do norte e noroeste de Minas Gerais e do sudoeste da Bahia, revela que oito em cada dez hectares da região ainda estão cobertos por diferentes tipos de formações de Cerrado. As monoculturas têm destaque na região de Chapada Gaúcha. Pastagens comerciais espalham-se mais pelas bordas do Mosaico, ocupando 5% do mesmo, principalmente na margem esquerda do rio São Francisco, entre Cônego Marinho e São João das Missões, onde predominam as matas secas, que perdem as folhas na estação fria. Plantios de eucalipto foram registrados ao sul e sudoeste, e também próximos ao núcleo do mosaico. Destacam-se parcelas manejadas, ou alteradas, alcançando quase 8% do mosaico, que tem sido alvo de planos para expansão de cultivos de eucalipto, de mineração, obras de infraestrutura viária e para geração de energia. (Fonte: site www.wwfbrasil.com.br)



Mapa colaborativo terá como base o Plano de DTBC

O Conselho Consultivo do Mosaico SVP e o WWF-Brasil promoverão a oficina que iniciará a construção do mapa colaborativo para inserir e cruzar informações sobre a ocupação e uso da terra, na região. Além dos conselheiros, participarão representantes dos agricultores, comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas, prefeituras, organizações não governamentais, entre outros. O secretário-executivo do conselho, Cesar Victor do Espírito Santo, informou que "o mapeamento das comunidades necessita de um prazo mais longo, para ser executado, pelas características do trabalho de campo e dos recursos financeiros necessários".

A localização das comunidades tradicionais no mapa colaborativo deverá ser feita a partir da experiência obtida com o Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (DTBC), elaborado pela Funatura e divulgado em janeiro de 2008. Este trabalho recebeu apoio do Ministério do Meio Ambiente, por meio do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

As igrejas e suas histórias

O patrimônio cultural e histórico das cidades do Mosaico SVP também está ligado à religião trazida pelos primeiros colonizadores que chegaram ao sertão de Minas Gerais. Merecem destaque as igrejas, das construções antigas às mais recentes. Algumas guardam muitas lembranças da vida dos habitantes das antigas vilas que se tornaram cidades, enquanto outras promovem festas anuais e seguem mantendo as tradições mineiras. Na divisa dos estados de Goiás, Bahia e Minas Gerais – área conhecida como Trijunção – está uma capela de madeira construída em meio à vegetação do Cerrado.



Capela Nossa Senhora do Rosário, Januária



Teto da capela à esquerda



Igreja Nossa Senhora Aparecida, Bonito de Minas



Igreja Matriz do Bom Jesus, Bonito de Minas



Festa do Bom Jesus, em Bonito de Minas



Interior da igreja da Vila Serra das Araras



Capela da Trijunção



Altar da capela da Trijunção

Onde se informar para criar um ponto de cultura

Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais - Palacete Dantas
Praça da Liberdade, 317, Bairro Funcionários
30140-110 - Belo Horizonte (MG)
Tel.: (31) 3269.1079 - www.cultura.mg.gov.br e www.cultura.gov.br

Pontos de Cultura na região do Mosaico e municípios vizinhos

Em setembro deste ano, o encontro *Feito Rosa para o Sertão* realizado no distrito de Sagarana, Município de Arinos (MG) reuniu representantes dos pontos de cultura que formam a Rede de Pontos de Cultura de Minas Gerais, criada em 2010. O Estado possui, até o momento, 173 pontos. No território do Mosaico SVP, existem os pontos Seu Duchim - Espaço Geral de Foliás Artevídeo Musicais (Instituto Cultural e Ambiental Rosa e Sertão), Loas (Associação Indígena Xacriabá da Aldeia Barreto Preto), Centro de Artesanato da Região de Januária (Associação de Amigos da Cultura da Região de Januária), e o Portal de Cultura Grande Sertão: Veredas (Agência de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Vale do Uruçuia).

Os pontos de cultura desenvolvem eventos e projetos de valorização e divulgação do patrimônio cultural material e imaterial dessa região, além de proporcionar lazer e estimular as manifestações artísticas tradicionais. A Secretaria de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura (Minc) é responsável pela aprovação dos pedidos de criação dos pontos nos municípios e pretende aproximá-los das ações da Fundação Nacional de Arte (Funarte), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e Fundação Palmares.

Contatos

Seu Duchim - Espaço Geral de Foliás Artevídeo Musicais
Instituto Cultural e Ambiental Rosa e Sertão
Rua Rio Grande do Sul, 647, Centro
39314-000 - Chapada Gaúcha (MG)
e-mail: rosaesertao@gmail.com
damiana.campos@hotmail.com
http://rosaesertao.blogspot.com

Loas - Associação Indígena Xacriabá da Aldeia Barreto Preto
Rua Ivo Macedo, 235
Aldeia Barreiro Preto - Zona Rural
39475-000 - São João das Missões (MG)
Prefeitura Municipal de São João das Missões
Tel.: (38) 3613.8191, 3613.8148 e 3613.8114
e-mail: prefeiturademissoes@hotmail.com

Centro de Artesanato da Região de Januária
Associação de Amigos da Cultura da Região de Januária
Rua Visconde de Ouro Preto, 92, Centro
39480-000 - Januária (MG)
Tel.: (38) 3621.1471
e-mail: centrodeartesanatojanuaria@yahoo.com.br

Portal de Cultura Grande Sertão: Veredas
Agência de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Vale do Uruçuia
Rua João Gonçalves da Costa, 10
38680-000 - Arinos (MG)
Tels.: (38) 9946 7926, 9957 2671 e 9824-2645
Tels.: (38) 3634.1332 e 3634.1112
e-mail: irene@valedoriuruçuia.org.br
www.portaldeculturaveredas.org
www.valedoriuruçuia.org.br

Cinepoesia
Fundação Cultural Genival Tourinho
Secretaria Municipal da Juventude, Esporte e Lazer
Av. Cula Mangabeira, 211, Centro
39400-218 - Montes Claros (MG)
Tel.: (38) 3229.3126, 3229.3000 e 3229.3091
e-mail: sead.juventude@montesclaros.mg.gov.br

Catopês, Marujos e Caboclinhos
Associação de Catopês, Marujos e Caboclinhos
39400-000 - Montes Claros (MG)
Tel.: (38)3212-4825
www.culturadigital.br/mfatimammaia/page/2/

Veredas são caixas d'água do Cerrado e precisam ser protegidas



Natalia Rust – bióloga e analista ambiental do Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG) – é coordenadora de unidades de conservação (UCs) e de educação ambiental do Escritório Regional do Alto Médio São Francisco, em Januária. Atua, também, na margem direita do rio São Francisco, onde estão seis UCs que formam uma área semelhante a um mosaico. Nesta entrevista, ela falou sobre os principais problemas identificados na região e os contatos com as comunidades locais, entre outros assuntos.

“Vim da Mata Atlântica, cheguei ao Cerrado em 2009, e no início do trabalho pensei que o meu curso não servia para nada. Aqui, tudo é diferente, a fauna, a flora, o sertão. Nessa região caminhamos 100 km, às vezes, sem ver uma casa de morador, nem comunidade nenhuma, o que é impressionante. Na Zona da Mata não há remanescentes da vegetação original, tão grandes. A coordenação das UCs estaduais e de educação ambiental, no município de Januária, é necessária porque existem unidades em áreas bastante isoladas, distantes umas das outras.

A comunicação entre as UCs e nosso escritório é feita por rádio, o que é difícil, e tentamos coordenar as atividades para que haja uma gestão integrada, com a comunicação entre os gerentes e equipes das UCs, e também acelerar alguns processos como emissão de anuência para licenciamento, formação de conselhos (nos dois últimos anos foram empossados todos os conselhos das APAs do Sabonetal e do Lagedão, reservas biológicas de Serra Azul e do Jaíba, e parques estaduais Verde Grande e Lagoa do Cajueiro localizadas à margem direita do rio São Francisco. O Parque Estadual Mata Seca está na região à margem esquerda do rio e faz parte do Mosaico SVP.

Além da sua biodiversidade, o Cerrado é o bioma de transição para todos os outros biomas. Por exemplo, no Refúgio Estadual de Vida Silvestre do Rio Pandeiros (RVS Pandeiros) vemos o Cerrado e a Mata Seca. A região do Mosaico SVP possui poucos habitantes por quilômetro quadrado (km2) em pontos estratégicos. É muito grande e bem conservada, mas apresenta baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e é palco de grandes conflitos socioambientais. Precisamos da parceria dessas comunidades para controlar a caça e a pesca, e fiscalizar para evitar ou controlar o fogo, mas são milhares de hectares e não conseguimos fiscalizar tudo.

O Conselho Consultivo agrega e torna o diálogo muito melhor com várias instituições, e o resultado são as UCs do Mosaico em melhor situação, no processo de implementação. Esse diálogo facilita muito a captação de recursos e a capacitação, além do contato com prefeituras, ICMbio e as comunidades. É um trabalho integrado e participativo. Creio que vamos caminhar mais rápido, ainda, com a abertura dos parques à visitação pública. Quando uma ou duas UCs receberem turistas haverá geração de renda para a região e esse é um dos resultados que as comunidades têm razão em cobrar.

Pesquisa e monocultura - Não queremos travar o desenvolvimento na região, mas deve existir uma política que minimize os impactos ambientais. A região é frágil, o solo é frágil, o Cerrado é todo especial, existem muitas nascentes, locais geradores de água. As veredas precisam ser urgentemente protegidas, são verdadeiras caixas d'água. A monocultura deve ser melhor pesquisada, com estudo de impacto ambiental bem feito ou, no futuro, a exploração desse solo deixará um grande passivo ambiental, como o que existe nos municípios de Bonito de Minas e Januária, onde monoculturas foram abandonadas e as terras estão descobertas.

É preciso entender que, às vezes, o Cerrado não se regenera, como o exemplo dos afluentes do rio Pandeiros e outros rios que secaram. As comunidades não têm mais acesso à água e aos recursos extrativistas em determinadas épocas do ano. Há uma grande demanda por pesquisas e interesse de pesquisadores de várias instituições do Brasil, das universidades Federal de Minas Gerais (UFMG) e de Montes Claros (Unimontes), em trabalhar nas UCs. O Mosaico SVP tomou uma grande proporção, outras organizações não governamentais começam a chegar e o trabalho na região está ganhando maior projeção, deixando o âmbito local e regional e se expandindo.

Educação ambiental - Nos trabalhos de educação ambiental tentamos sensibilizar as comunidades, escolas e famílias para colaborar com o nosso trabalho. É lógico que isso vai de encontro à pobreza porque, às vezes, as pessoas precisam caçar mesmo, não conseguem acesso a uma renda. O hábito alimentar sempre foi esse, sempre caçaram e sabemos que grandes impactos não vêm dessas comunidades. Elas estão lá, sempre estiveram e o ambiente continua conservado. A educação ambiental faz parte do trabalho diário de todos os técnicos, que conversam constantemente nas escolas rurais, em reuniões com as comunidades e criadores de gado, sobre o fogo, porque esse gado vive solto no interior da área. Monitoramos os focos porque essa região é a segunda que mais queima em Minas Gerais, existe gado solto e o pasto é foco de incêndio.

Na Serra das Araras e, principalmente, na Reserva Estadual de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Veredas do Acari existe muito gado e realizamos a prevenção de incêndios incentivando a queima controlada. Às vezes, o fogo cresce a partir de propriedades muito pequenas. As comunidades precisam parar de queimar ou diminuir muito esta prática. No ritmo atual a reserva será toda cercada e a retirada do gado será obrigatória. Os criadores entenderam e estão trabalhando para não deixar o gado ir, pelo menos, até às veredas. O resultado desse trabalho só poderá ser avaliado em 2012, quando divulgarmos os números de hectares (ha) queimados ou não.”



Projeto Mosaico desperta interesse na outra margem do São Francisco



O professor Felipe Teixeira Martins, da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) é representante do Instituto Grande Sertão (IGS) no Conselho Consultivo do Mosaico SVP. Coordena o curso de Ciências Sociais nessa universidade, onde realiza pesquisa na área de sociologia e trabalhou com Políticas Públicas de Meio Ambiente. “As iniciativas que vemos na Chapada Gaúcha, de proteção ambiental e desenvolvimento sustentável, ainda não existem na região de Montes Claros, as discussões estão muito aquém do que deveria ser”, avaliou o professor, que participa dos trabalhos da Comissão Permanente de Capacitação, Controle e Avaliação de Desempenho e Qualidade do Serviço Público Municipal (Compac) e do Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam). “Realizamos atividades com catadores de material reciclável, e organizamos cerca de 30 encontros ambientais mensais abertos à população, para debater questões como ecologia interior, barragens e inundações”, informou.

Montes Claros é o município mais desenvolvido em saúde e educação, do norte e noroeste de Minas, com mais de oito faculdades e universidades - Federal de Minas Gerais (UFMG) e Estadual de Montes Claros (Unimontes) -, além do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifet-MG). Segundo o professor, “é preciso envolver mais a Unimontes e essa região ganharia muito trazendo alunos de fora para conhecer e fomentar experiências em nosso município, não apenas com comunidades do interior das unidades de conservação (UCs), mas comunidades tradicionais e rurais que

não vivem em áreas protegidas”.

O município está na margem direita do rio São Francisco, ainda um pouco afastado das atividades do Mosaico SVP, mas a articulação das comunidades a partir das UCs começa a se expandir para outras áreas. A cidade é um pólo de entroncamento rodoviário muito importante - entre Vitória da Conquista (BA) e os municípios mineiros de Teófilo Ottoni, Bocaiuva, Pirapora e Belo Horizonte. Está mais próxima da Bacia Hidrográfica do Rio Jequitinhonha, municípios de Grão Mogol e Diamantina (este último no território do Mosaico do Espinhaço: Alto Jequitinhonha - Serra do Cabral). A história registra movimentos de emancipação quando Montes Claros tentou se tornar a capital do Estado. A cidade possui características de uma “capital do interior” e, ao mesmo tempo, a região apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito baixo.

Parque Estadual da Lapa Grande - Sobre o empreendimento em área de recarga no entorno do Parque Estadual da Lapa (com 7,5 mil hectares), a cerca de 8 km do centro da cidade, onde existem cavernas que precisam ser preservadas e projetos imobiliários em discussão, o conselheiro do Mosaico SVP alertou que a população precisa ser informada sobre os problemas que poderão surgir, principalmente na área do entorno do parque. “Ainda não temos tantas UCs como na região do Mosaico SVP, além do parque estadual criado há dois anos, pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG). A Cooperativa dos Agricultores Familiares e Agroextrativistas Grande Sertão é uma organização consolidada, no município, mas é preciso avançar muito. Por exemplo, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente foi criada há poucos anos e ainda não existe participação da população nas questões que envolvem a proteção ambiental.”

Técnico da Coapi quer tecnologia para pequenos produtores



O presidente da Agência de Desenvolvimento Integrado e Sustentável de Chapada Gaúcha (Adisc), Francisco Fernando da Silva, conhece bem as condições vividas pelos agropecuaristas e pequenos agricultores do município e divide esses grupos em “os produtores de cima da chapada” e os “que plantam em volta ou

abaixo da chapada” e propõe que a tecnologia disponível para a produção agrícola seja usada por todos. Conhecido como Chico, ele também é engenheiro agrônomo do Departamento Técnico da Cooperativa Agropecuária Pioneira (Coapi), de Chapada Gaúcha, desde 2009. Para o engenheiro, o extrativismo deve continuar, mas é preciso tomar alguns cuidados: educar as pessoas que vão coletar os produtos do Cerrado para evitar a perda de reserva de recursos naturais e perda genética.

Há cinco anos, ele presta assistência técnica aos produtores de soja (foto no alto) e capim do município: “O produtor de soja e de semente de forragem, em cima da serra, na chapada, usa tecnologia, porém os produtores da parte baixa não recebem assistência e essa é a maior dificuldade que enfrentam, sem que o município e o Estado contribuam para que tenham o mesmo êxito dos outros.” Segundo o presidente da Adisc, os agricultores recebem assistência semanal, enquanto os pequenos produtores, principalmente os extrativistas, não recebem assistência técnica, mas precisam do conhecimento e da tecnologia desenvolvida na Embrapa e nas universidades. “É preciso investimento em assistência técnica e conhecimento para que esses produtores não saiam de lá em busca de trabalho em outros setores. A Coapi vê essa dificuldade e se preocupa com o desemprego local”.

“A cooperativa - em parceria com o Instituto de Desenvolvimento do Norte-Nordeste de Minas (Idene) - está adquirindo uma pequena máquina para esmagar os grãos e produzir farelo de soja e torta de girassol mais em conta para os pequenos agricultores do município”, informou Chico. “Além disso, está sendo negociada uma parceria entre a Coapi, a Cooperativa Agropecuária Unai Ltda. (CapuL) e a empresa Itambé, para compra de leite daqui. Com a ração mais barata, milho e soja, os pequenos agricultores do município poderão participar da produção de leite”.

A Coapi tem 255 sócios, dos quais 75% são pequenos agricultores em propriedades com menos de 200 hectares (ha). Quatro módulos rurais correspondem a 260 ha, propriedades consideradas pequenas para produção de soja. A cooperativa se enquadrou no Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel, desenvolvido pela Petrobras Biocombustível. “Os produtores conseguem um preço maior na soja e o subsídio,

enquanto o custo de assistência técnica da Coapi é pago pela Petrobrás, inclusive o meu salário e de outros técnicos. Aqui se planta soja, milho, girassol, além de semente forrageira, mas, infelizmente, a Coapi não pode produzir óleo porque a Petrobrás só pode comprar soja da cooperativa”.

O óleo é vendido em leilões promovidos pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a não ser que a indústria se instale no município. São 23 mil toneladas/ano para biodiesel e outra parte geralmente é vendida às empresas Bunge (agronegócio e alimentos) e Cargill (produção agrícola e de alimentos, principal exportadora de soja do Brasil). Os grandes produtores vendem à Bunge e cerca de 70% vendem à Petrobrás, em transações acompanhadas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

“Os agricultores que vieram primeiro (a origem da cidade foi um projeto de assentamento) eram todos pequenos agricultores e não pretendem passar dos limites da serra. Atualmente, estão com áreas de 200 a 300 (ha), sem ambição de chegar a 500, 800 ou 1.000 (ha), até porque não existe área para isso. A maioria desses agricultores está bem de situação, não sonha em ter gado que poderia entrar no Vão dos Buracos (foto abaixo), nem mesmo conhece esse lugar, só conhecem a chapada, aqui em cima, onde trabalham. Mas existe um problema: a produção de 100 a 150 ha de soja está ficando inviável, metade dos assentados no município vendeu suas terras e foi embora. Se nada for feito, ficarão umas três ou quatro famílias, cada uma plantando 15 mil ha, o desemprego será maior e a renda não ficará aqui, tudo pode virar *agrobusiness*. É preciso verticalizar a produção: pegar o milho e a soja e transformar isso em leite, trazer um laticínio e fábrica de óleo para o município.”



Capim está substituindo soja e agricultores criam Credi-Chapada

A família de Ricardo Luiz Baron é natural de Campina das Missões (RS) e chegou em agosto de 1979, na região conhecida como Programa de Assentamento Dirigido à Serra das Araras (PDSA) nos municípios de Formoso, Arinos, Januária e São Francisco. Anos depois, com a vinda de muitas famílias do Rio Grande do Sul, ficou conhecida como Vila dos Gaúchos e, mais tarde, com o plebiscito se tornou o município de Chapada Gaúcha. “Hoje o município está em ascensão. Nossa família sempre esteve muito envolvida na questão política, meu pai (Eloé Baron) foi prefeito municipal. Atualmente, criamos gado, e eu planto semente de capim, em um empreendimento individual”, informou Baron.

Ele planta semente forrageira e é gerente de uma empresa que comercializa esse produto. Quando houve a última queda no preço da soja, um produtor resolveu plantar capim, começou a ganhar dinheiro e outros resolveram seguir o exemplo: “Todo mundo conseguiu crescer com semente de capim para pastagem. A semente sai daqui embalada, é distribuída para a revenda ao pecuarista. No município, temos 50% de plantio de soja e 50% de sementes. Com o capim plantamos um ano e colhemos dois, mas com a soja temos que colher todo ano, o capim aguenta mais tempo, sem plantar de novo, só adubando”.

Baron explicou que a soja não é considerada o principal produto agrícola no município e o cultivo é direcionado à rotação de culturas. Com a queda do preço e os altos custos de produção, os agricultores não conseguem pagar as contas. “As dívidas se acumulavam e o banco tomava terra, tratores e executava os produtores endividados. Atualmente, o pessoal planta sementes de braquiária, cultivar, tanzânia e mombaça, entre outras. Vendemos na nossa região e para empresas de fora, que também exportam para a Colômbia e Chile. A produtividade está em cerca de 600 quilos de capim por hectare/ano, e o preço final é de R\$ 8,00 o quilo. O custo é de mais de 50%, mas não é com qualquer coisa que se consegue um lucro de 50% ao ano”.

No entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PN GSV) ainda se produz soja e semente forrageira, mas “daqui a dois ou três anos, haverá maior dificuldade já que o parque está na divisa das áreas plantadas e isso pode afetar o bioma natural com as sementes levadas pelos passarinhos e jogadas dentro do parque, e o mesmo pode acontecer com os venenos”. Baron afirmou que “vê com bons olhos essa questão ambiental que é importante para nós e isso é um trabalho a longo prazo e podemos estar aqui amanhã, também, como os nossos filhos e netos”.

Existe um fator negativo, segundo Baron, porque o município é grande em extensão territorial, mas a área para agricultura é pequena e com 100 hectares (ha) uma família não sobrevive plantando soja. É preciso diversificar, produzir leite, criar porco e plantar capim. Ele informou, ainda, que o município está recebendo o Credi-Chapada (cooperativa de crédito) aprovado pelo Banco Central (BC): “São 35 pessoas que levantaram o capital necessário para o BC autorizar o funcionamento. É o primeiro banco de Chapada Gaúcha e também temos parcerias com a Associação Comercial e o Sebrae-MG, que promoveu dois cursos do Empretec (seminário para desenvolver características de comportamentos empreendedores) e outros estão marcados.”



Jornal do mosaico

número 06
janeiro/fevereiro de 2012

Projeto de Gestão Integrada do Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu
Convênio FUNATURA/IEF

Instituto Rosa e Sertão e a Coop Sertão Veredas assinam, com apoio do FNMA/MMA, Acordo de Cooperação Financeira com o Fundo Socioambiental da CAIXA

7



Fotos: Arq. Projetos Carnívoros GSV

Onças, lobos-guará e outras espécies animais são estudadas no Mosaico SVP

Os pesquisadores Edsel Amorim Moraes Júnior e Joares May Júnior, do Instituto de Conservação da Vida Selvagem (Biotrópicos), capturam animais no território do Mosaico SVP. O projeto *Identificação dos Corredores de Biodiversidade no Entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas* - uma das pesquisas realizadas na região - revela a riqueza da fauna local e sua importância para a conservação da biodiversidade do Cerrado. (Leia mais nas págs. 4/5)

Conselho Consultivo analisa propostas de parcerias internacionais

8

Cocos e Arinos, 300 anos de história e bela tecelagem

Os municípios de Cocos (BA) e Arinos (MG) - além de Chapada Gaúcha e Formoso, ambos em Minas Gerais - têm em seus territórios o Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PN GSV). O município de Cocos possui 18.153 habitantes (IBGE/2010) e uma área de 10.148 km². A agropecuária é a principal atividade econômica e a maioria da população trabalha na administração pública, comércio e atividades ligadas ao meio ambiente. A região do arraial de Cocos, até meados do ano de 1712, era habitada pelos índios Kayapó, atacados pelos bandeirantes que avançavam pelo sertão em busca de ouro e pedras preciosas.

Nessa região, também surgiu o arraial de Morrinhos e, mais tarde, seus moradores se deslocaram para a margem esquerda do rio Urucuia onde construíram uma capela no ponto mais elevado da Fazenda Tamboril. O novo povoado surgiu no ano de 1800, com o nome de Arinos em homenagem a Maximiano Afonso Arinos de Melo Franco e sua família. Arinos possui uma população de 17.674 habitantes, em uma área de 5.279 km² e a agropecuária também é a principal atividade produtiva local. A produção artesanal, na qual se destaca a tecelagem (foto), tem recebido apoio de instituições financiadoras como o Bando Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que beneficia a Central de Artesanato e o Centro de Apoio ao Turismo (Cat).



Editorial

O Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu (Mosaico SVP) entra em uma nova fase com o início de dois importantes projetos previstos no Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (Plano DTBC) e com o término do primeiro período de mandato dos seus atuais conselheiros.

Em dezembro de 2011, a CAIXA assinou convênios com a Coop Sertão Veredas e com o Instituto Rosa e Sertão para a execução dos projetos *Extratativismo Vegetal Sustentável* e *Turismo Ecocultural de Base Comunitária*, respectivamente, com valores de R\$1.100.000,00 e 1.560.000,00, por um período de dois anos. Esses projetos representam um importante desdobramento das ações iniciadas em 2006 e concluídas em 2008, com a elaboração e divulgação do Plano de DTBC do Mosaico, que contaram com apoio do Ministério do Meio Ambiente/Fundo Nacional do Meio Ambiente (MMA/FNMA).

Em 2009, após o reconhecimento oficial do Mosaico, pelo MMA (Portaria 128, de 24/04/2012), a Funatura e o Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG) assinaram o convênio que proporcionou a operacionalização do Conselho Consultivo, a capacitação de conselheiros e gestores das unidades de conservação (UCs) e a difusão de informações por meio do **Jornal do Mosaico**, além de um estudo a ser feito sobre a criação do Fundo do Mosaico. O convênio com o IEF-MG está na fase final (término previsto para junho de 2012) e algumas das atividades serão absorvidas pelos novos projetos, dentre elas a edição dos próximos oito números do **Jornal do Mosaico**.

Paralelamente, outras ações estão em curso, como a troca de experiências com a Região *Nord-Pas de Calais*, na França, que poderá redundar no estabelecimento de um acordo de parceria entre o Mosaico e o Parque Natural Regional *Scarpe-Escaut*. Ainda no plano internacional, há a possibilidade de o Mosaico vir a ser reconhecido como um Bosque Modelo pela Rede Iberoamericana de Bosques Modelo e ampliar o leque de novos intercâmbios. Além disso, está em curso o projeto que objetiva o reconhecimento oficial da Estrada-Parque Guimarães Rosa.

Todas essas ações vem sendo debatidas no Conselho do Mosaico que, nesse primeiro semestre de 2012, passará pela primeira renovação de conselheiros. Conforme prevê a portaria de reconhecimento do Mosaico, o mandato dos conselheiros é de dois anos podendo ser renovado por igual período. Espera-se que entidades que manifestaram o interesse em participar se apresentem e concorram a um dos 45 assentos. O processo terá início em breve.

Esperamos poder, cada vez mais, fortalecer a integração das ações para que o Mosaico seja um ambiente onde o desenvolvimento se processe em bases realmente sustentáveis.

Cesar Victor do Espírito Santo
Superintendente-executivo da Funatura
Secretário-executivo do Conselho Consultivo do Mosaico SVP

Veredas

E as estradas, como estão?



A **Coluna Veredas** sempre reserva aos leitores deste jornal as belas imagens dos atrativos naturais do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu. Neste número, porém, mostramos os problemas enfrentados por quem precisa viajar pela região. As comunidades reclamam providências das autoridades e relatam a dificuldade que é chegar às escolas e aos serviços de saúde. Em alguns municípios são boas as condições das estradas, mas ainda falta muito para que os carros (nem os traçados conseguem superar os obstáculos) não afundem na areia, na lama, tenham que atravessar os riachos ou buscar desvios das voçorocas (foto acima).



Conselho Consultivo analisa bons resultados alcançados até o momento



A 7ª reunião do Conselho Consultivo do Mosaico SVP foi realizada em Itacarambi (MG), em 15 de dezembro de 2011 e recebeu apoio da Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Lazer, representada no conselho pelo secretário Paulo Roberto Ferreira de Souza. Itacarambi (foto abaixo) está localizada na margem do rio São Francisco, é a porta de entrada para o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Possui uma área de 1.252 km² com população estimada de 18.300 habitantes (IBGE, 2010).

O prefeito Rudimar Barbosa ressaltou a importância das reuniões itinerantes, também destacadas pelo secretário-executivo do conselho, Cesar Victor do Espírito Santo: "Esta é uma forma de aumentar a integração regional e facilitar a participação dos representantes da sociedade civil e dos gestores públicos nas discussões sobre o desenvolvimento sustentável do Mosaico SVP". Em março deste ano, se encerra o mandato do atual Conselho Consultivo e haverá eleição para renovação de parte dos conselheiros.

Durante a reunião, foram analisados os resultados positivos obtidos em dois anos de mandato, como os projetos aprovados pelo Fundo Socioambiental da CAIXA e outras importantes iniciativas em andamento, como a proposta de oficialização da Estrada-Parque Guimarães Rosa, e a aplicação das normas determinadas pelo Ministério Público de Minas Gerais para o reflorestamento de eucalipto no território do Mosaico. A presidente do conselho, Helen Duarte, informou que "durante as consultas públicas em Bonito de Minas, aumentou a preocupação das pessoas com o assunto, está havendo uma visão mais ampla dos problemas e elas questionam a implantação dos reflorestamentos com eucalipto".

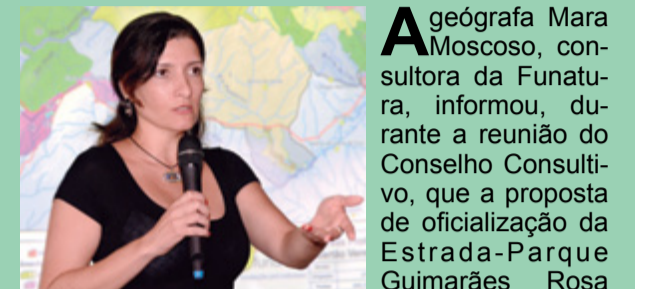
Com a reestruturação do Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG), a fiscalização e o licenciamento são responsabilidades das superintendências regionais

de Regularização Ambiental (Supram) da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad). O documento do Ministério Público sobre o plantio de eucalipto teve como desdobramento a proposta de elaboração dos planos de manejo das unidades de conservação (UCs) Refúgio de Vida Silvestre (RVS) do Rio Pandeiros, e das áreas de proteção ambiental (APAs) Pandeiros e Cochá e Gibão, UCs de uso sustentável que representam 33% de todo o território do Mosaico SVP. "O processo de seleção e contratação da empresa que vai realizar os três planos de manejo está em andamento com recursos disponíveis, e a elaboração desses planos representa uma conquista para todos da região", acrescentou Helen Duarte.

Entre outros assuntos debatidos e encaminhados estão a assinatura da Carta de Intenção para colaboração entre a Região *Nord-Pas de Calais* e o Estado de Minas Gerais, a entrada do Mosaico SVP na Rede Interamericana de Bosques Modelo, e facilitação do deslocamento dos representantes dos quilombolas da região que têm dificuldades em chegar até esses eventos. Existem inúmeras comunidades quilombolas e, apenas no município de Manga, nove comunidades foram reconhecidas pelo governo federal.



Oficialização da Estrada-Parque Guimarães Rosa



A geógrafa Mara Moscoso, consultora da Funatura, informou, durante a reunião do Conselho Consultivo, que a proposta de oficialização da Estrada-Parque Guimarães Rosa está sendo apresentada aos gestores públicos durante reuniões nos 11 municípios do Mosaico SVP (Chapada Gaúcha, Arinos, Uruçuia, Formoso, Januária, Bonito de Minas, Cônego Marinho, Itacarambi, São João das Missões e Manga - Minas Gerais - e Cocos, na Bahia). Esta iniciativa foi prevista no Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (Plano DTBC) e recebeu recursos do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPAN) e Comunidade Européia, para sua realização.

Até maio próximo, o documento final deverá ser concluído e encaminhado à Assembléia Legislativa de Minas Gerais, para votação. Ela explicou que o traçado atual da estrada não confere com os mapas do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) e que está usando o GPS (*Global Positioning System*) para fazer as correções necessárias. "O objetivo não é transformar essa estrada em uma unidade de conservação, mas conseguir o título de reconhecimento como estrada-parque para fortalecer projetos e roteiros de turismo de base comunitária e ecoturismo", afirmou Mara Moscoso, coordenadora do trabalho.

Tome nota

As reuniões do Conselho Consultivo, durante 2012, acontecerão na 4ª. semana dos meses de março, junho, setembro e novembro.

Mapa socioeconômico colaborativo será criado durante três oficinas

A primeira oficina de trabalho para construção do mapa socioeconômico colaborativo do Mosaico SVP acontecerá em março e as outras duas estão previstas para abril e maio, respectivamente. Em cada oficina, durante dois dias de atividades reunindo cerca de 40 pessoas, serão trabalhadas as características específicas dos núcleos do Mosaico SVP: Núcleo Grande Sertão Veredas (Chapada Gaúcha), Núcleo Pandeiros (Bonito de Minas) e Núcleo Peruaçu (Itacarambi). A apresentação final do mapa deverá ocorrer no segundo semestre deste ano. A coordenação é do WWF-Brasil.

Na construção do mapa colaborativo serão incluídas e cruzadas informações sobre a ocupação e uso da terra, na região. Além dos conselheiros do Mosaico SVP participarão representantes dos agricultores, comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas, prefeituras, organizações não governamentais, entre outros. Poderá ser usado o Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (Plano DTBC), que indica pontos turísticos e outras informações reunidas pelos comitês de bacias hidrográficas dos municípios do mosaico. "Outras organizações realizaram estudos que serão importantes para o mapa, como a Caritas Diocesana de Januária que fez um mapeamento e identificou 126 comunidades no município de Chapada Gaúcha", informou o conselheiro Jerre Ribeiro Sales (foto), assistente

técnico dessa organização.

O mapa será um raio-x do mosaico construído por quem vive na região, agregando informações disponíveis em organismos oficiais, prefeituras, entidades civis no mapeamento da vegetação da região, realizado pelo WWF-Brasil. Júlio Cesar Sampaio da Silva, dessa organização, explicou que "o mapa é uma ferramenta feita para o Mosaico SVP, um indicador, construído por pessoas das comunidades que conhecem profundamente a região e esse saber será valorizado". Serão reunidas informações sobre recursos naturais, identificação dos tipos de cultivo e zonas de cultivos, áreas degradadas e em conflito, condições das comunidades, relação entre os setores produtivos, quem e quando produz, localização dos produ-



destino da produção, acesso à água, escolas e postos de saúde, identificação dos extrativistas, iniciativas de ecoturismo, escoamento da produção local, acesso às linhas de crédito e financiamento para projetos, elaboração de planos diretores municipais, entre outras ações visando o desenvolvimento sustentável regional.

"A região do Mosaico SVP possui 80% de áreas remanescentes da vegetação original, que precisamos conservar e qualquer informação é muito valiosa para nós, porque é muito difícil dar um parecer técnico sobre esta região, existem poucos estudos, e o mapa será muito importante para nosso trabalho, teremos mais informações sobre o mosaico, seus aspectos ambientais e culturais", disse a Natália Rust, do IEF-MG. Damiana Campos, do Instituto Rosa e Sertão, propôs a aplicação, na elaboração do mapa, da metodologia da cartografia social (método em que é dado poder aos povos tradicionais em situação de risco territorial, auxiliando-os na demarcação de seus próprios territórios, com os limites de caça, pesca, extrativismo, entre outros fatores), que foi aplicada em projetos na região amazônica e apresentou bons resultados. "As pessoas da região sabem tudo sobre o local onde vivem, e indicarão com detalhes o que só elas conhecem", acrescentou.



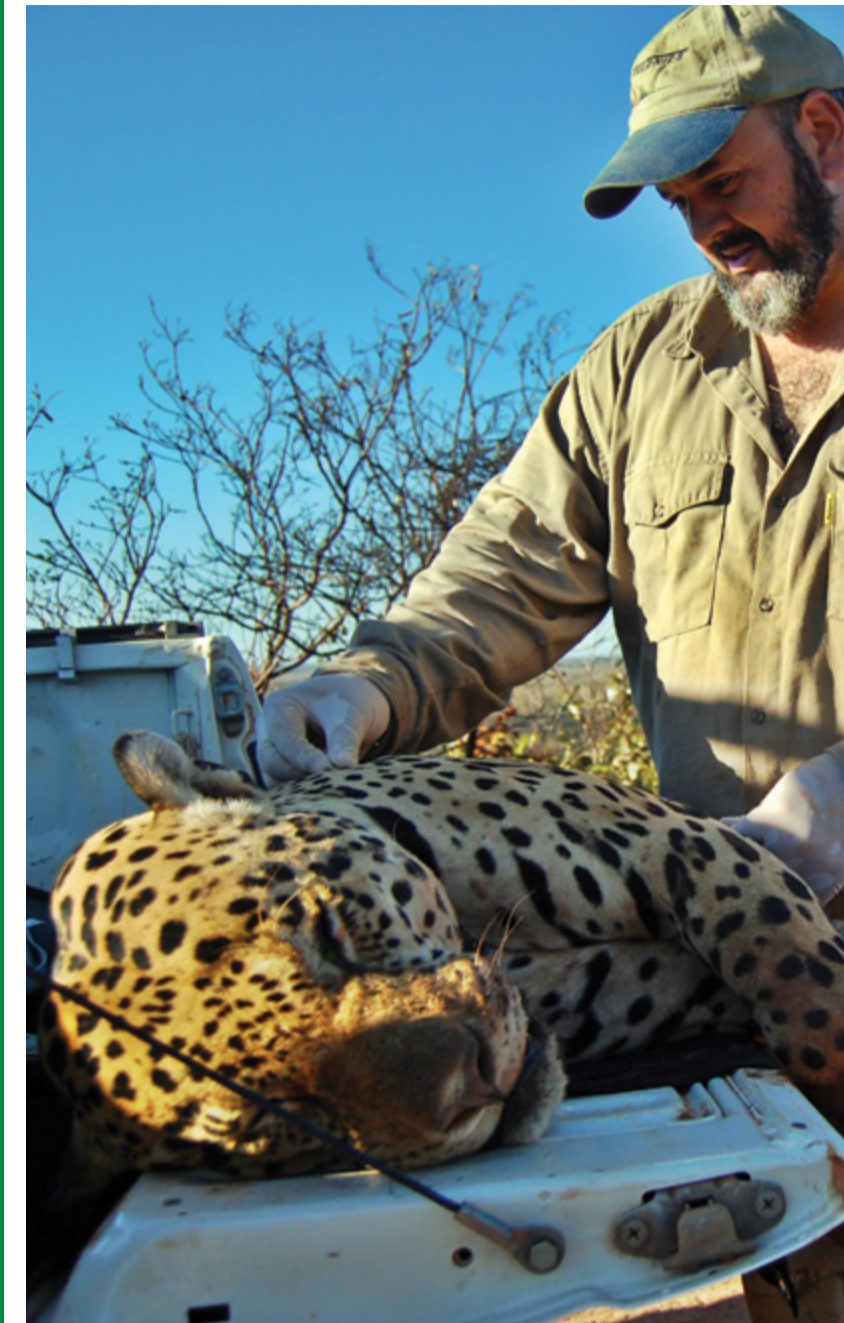
Universidades realizam pesquisas no Parque Estadual da Mata Seca



Criado em 2000, pelo Instituto Estadual Florestal (IEF-MG), com 10.281 hectares (ha), no município de Manga (MG), o Parque Estadual da Mata Seca é uma unidade de conservação (UC) de proteção integral. Em sua área de influência está o Parque Estadual Lagoa do Cajueiro. A área de influência (zona tampão) é determinada por um raio de 10 km no entorno do parque, que possui quatro lagoas em seu interior (Prata, Encantada, Comprida e Angical), utilizadas pela população do entorno para pesca doméstica. O gerente do parque e conselheiro do Mosaico SVP, José Luiz Vieira, disse que uma das características mais marcantes da Mata Seca (foto acima) é a variação da paisagem: "Na época das chuvas, a vegetação se transforma. É como se nos transportássemos para as florestas da Mata Atlântica. Até os pesquisadores e estudantes que visitam o parque ficam admirados com a mudança e beleza do local."

No parque são desenvolvidos muitos projetos de pesquisa sobre a biodiversidade das florestas decíduas (matas secas). A cobertura vegetal da área, no norte de Minas Gerais, é composta por diferentes formações vegetais, em ampla faixa de transição entre os biomas Cerrado e Caatinga. Os estudos são realizados pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), universidades federais de Lavras (Ufla) e de Minas Gerais (UFMG), e Instituto de Pesquisa em Vida Silvestre (Biotrópicos). O parque possui estações climatológicas mantidas com apoio da Universidade de Alberta, de Edmonton, no Canadá, uma das maiores e mais importantes universidades canadenses. A Unimontes e a Universidade de Alberta assinaram acordos de cooperação para implementar convênios técnicos, científicos e culturais destinados a estudantes de graduação, mestrados, doutorandos e professores. O acordo de colaboração científica, de 2004, que envolve a Rede Internacional Colaborativa de Pesquisas de Florestas Tropicais Secas (*Tropi-Dry*), é coordenado pela universidade canadense.

A rede incorpora pesquisadores do Canadá, Estados Unidos, México, Cuba, Costa Rica, Venezuela, Panamá e Brasil. O objetivo é a regeneração natural dessas florestas e o desenvolvimento de uma estratégia comum, multidisciplinar, em colaboração com órgãos tomadores de decisão locais e nacionais, para ocupação e uso sustentável de regiões de florestas tropicais secas. Nesse parque foram desenvolvidas seis teses de doutorado e 18 de mestrado, com a participação de mais de 60 estudantes de graduação, a maioria bolsista de iniciação científica. Os resultados são informações sobre a biodiversidade regional, regeneração natural das matas secas e ciclos florestais, usadas, por exemplo, pelo Ministério Público de Minas Gerais para embasar políticas de proteção às matas secas e aos povos tradicionais que as habitam.



Fotos: Arq. Projeto Camivores GSV

Boas condições das onças capturadas no Parque Nacional Grande Sertão Veredas indicam que a biodiversidade está conservada

A presença e as condições físicas de grandes mamíferos na região do Grande Sertão Veredas, encontrados pelos pesquisadores que desenvolvem o projeto Identificação dos Corredores de Biodiversidade no Entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PN GSV), indica que a área está bem conservada, tanto no interior do parque quanto no seu entorno. A mesma pesquisa demonstra que os animais capturados apresentam boa saúde, o que é outro indicador do equilíbrio ambiental dessa área. Nas entrevistas publicadas a seguir, realizadas pelo **Jornal do Mosaico**, no Assentamento São Francisco, município de Formoso (MG), em 2011, estão descritas algumas atividades realizadas pelos pesquisadores Edsel Amorim Moraes Júnior (coordenador do projeto) e Joares May Júnior, que permanecem longos períodos monitorando os animais para capturá-los, colher informações e material biológico, realizar exames em laboratório móvel e centros de pesquisas de várias universidades brasileiras.

O objetivo principal do trabalho é utilizar os grandes felinos - onças pintadas e pardas - para identificar os corredores de biodiversidade entre as unidades de conservação (UCs) do Mosaico SVP. Essas onças estão no topo da cadeia alimentar e a tendência delas é demonstrar os ambientes mais conservados na região. Utilizamos rádio-telemetria e armadilhas fotográficas para acompanhar e identificar os ambientes mais propícios e, assim, desenhar esses corredores que ligam as UCs. Acreditamos que existam cerca de 100 onças pardas (sucuaranas), na região onde estamos trabalhando, mas precisamos confirmar esse número. Quanto às onças pintadas, temos quatro animais identificados. Todos os animais capturados até agora, aqui nessa área, estavam com boa saúde, normais e perfeitos, sem problemas, todos saudáveis.

Constatamos um fato muito importante, sobre uma onça que havia sido fotografada em 2005: capturamos esse animal em agosto de 2010 na região do parque, no Estado da Bahia, e calculamos que ele está com 12 anos. Isso demonstra que o parque está funcionando para a manutenção dessas espécies, porque esse animal circula na região, pelo menos, há 12 anos. É uma onça pintada (foto), macho, com mais de 100 quilos (kg), era adulta em 2005 e agora comprovamos sua presença durante esse período. A presença desses grandes mamíferos - antas, onças e cervos-do-pantanal - demonstra que a área está muito bem preservada, tanto no interior do parque quanto no seu entorno. Um animal desse porte e durante esse tempo todo, de 2005 a 2012, precisa se alimentar constantemente. O Cerrado deve estar intacto, devem existir grandes presas que são o alimento da onça. Teoricamente, a cadeia alimentar abaixo da onça está equilibrada. O ambiente, o ecossistema está mais ou menos equilibrado.

O Parque Nacional GSV ainda - é importante frisar este ainda - está em uma situação diferente de outras UCs, e não é uma ilha isolada por soja ou outras monoculturas, cercada por todos os lados, o que seria mais preocupante. Existem lugares para o animal transitar, sair e fazer troca genética com outras populações de animais talvez na Caatinga, no oeste da Bahia. Sobre os filhotes, o tipo de armadilha que usamos aplica-se aos animais adultos. Dependendo do tamanho do filhote não dá para por a coleira porque o animal crescerá e será necessário retirá-la. Normalmente, o filhote - no caso das onças - anda com a mãe até dois anos de idade para aprender a caçar. Quando capturamos a mãe, conseguimos informações sobre o filhote. A onça capturada, em 2010, estava com um filhote que ficou entre a vegetação enquanto realizávamos nosso trabalho. No dia seguinte, as pegadas na areia mostraram que o filhote se juntou à mãe, no local onde a deixamos se recuperando, e foram embora juntos."

Edsel Amorim Moraes Júnior - biólogo, mestre em Zoologia e doutorando pela Universidade de Brasília (UnB) em Ecologia de Paisagens onde Vivem Grandes Felinos e Outros Carnívoros, sócio-fundador do Biotrópicos.

Em março de 2010, nos aprimoramos em nosso trabalho de laço (sistema de captura de animais que usamos) durante um período de aperfeiçoamento de um mês, aqui na região do parque, com um especialista norte-americano que realiza esse trabalho nos Estados Unidos e na África (captura de leopardos, leões e hienas), e em países da América Latina. Antes desse treinamento, estávamos capturando animais, inclusive onças pardas, e nunca tivemos problemas nenhum, mas queríamos aprimorar o uso do laço na captura em diferentes regiões - Caatinga que é um lugar mais árido, Pantanal que tem muita água e lama, e Mata Atlântica que possui uma variabilidade de chuva.

Para a captura da onça, no Grande Sertão Veredas, em agosto de 2010, acompanhamos suas pegadas, instalamos a câmera fotográfica e identificamos exatamente o animal que queríamos capturar. Chamamos essa onça de Leão porque ela tem pegadas muito grandes, possui grande porte e pesa cerca de 100 quilos (kg). Para uma onça pintada é um peso muito grande, se equiparada às onças pintadas do Pantanal, animais que chegam a 140 kg. No mês seguinte, fizemos a captura da primeira onça preta aqui no parque, a Tainá. Nela foi colocado um rádio-colar com GPS (*Global Positioning System*) que está acumulando os pontos de sua localização. A captura é um trabalho ao longo do tempo, que se inicia com a verificação da presença da espécie na região, o que é realizado com a colocação de câmeras fotográficas nos locais identificados.

Após a captura, colocamos o rádio-colar no animal para conhecer a área que ele usa e como usa esse espaço. Em seguida, realizamos a biometria (tiramos medidas do corpo, dentes e patas) pesamos o animal, avaliamos a parte clínica (frequência cardíaca e respiratória, temperatura e quantidade de oxigênio no sangue). Em seguida, coletamos sangue, urina, fezes, carrapatos, pelos e fragmentos de pele. Esse material é acondicionado em gelo e processado em um laboratório móvel. Realizamos os primeiros testes e, depois de armazenado, o material é enviado aos pesquisadores de diferentes laboratórios e ao Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros Predadores (Cenap) vinculado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) porque esse material genético pertence à União. O Cenap funciona em Atibaia (SP) e possui um banco de genomas (o genoma é toda informação hereditária de um organismo que está codificada em seu DNA). Uma grande equipe participa deste projeto, com pesquisadores de várias universidades brasileiras.

Não identificamos nenhum problema de saúde nos animais capturados, estão bem clinicamente. É importante esclarecer que esses animais têm parasitas, agentes de doenças. Entram em contato com as doenças, mas não ficam doentes. Isto significa que as onças estão em um ambiente equilibrado. E como esse equilíbrio pode ser quebrado? Caso seja retirada uma grande quantidade de animais caçados pelas onças (catetos, queixadas e cervos-do-pantanal) pode haver desequilíbrio. Existem doenças na região estudada, o animal tem contato com elas, desenvolve anticorpos e não adoce, porque está em equilíbrio com o ambiente."

Joares May Júnior - médico veterinário, com mestrado em Epidemiologia Veterinária com Ênfase em Animais Selvagens, pela Universidade de São Paulo (USP), integra a equipe de pesquisadores do Biotrópicos.

Instituto de Pesquisa em Vida Silvestre (Biotrópicos)

Rua Rio Grande, 219, Centro
39100-000 - Diamantina (MG)
Tels.: (38) 3531.2197/9950.7211- (31)9212.6802
e-mails: edsel@biotropicos.org.br
joaresmay@ig.com.br



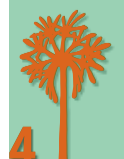
Estradas que atravessam o norte de Minas Gerais são rotas de tráfico de animais

É crime matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida licença ou autorização, conforme a Lei 9.605 de 1998 (Lei de Crimes Ambientais). Quem desrespeita esta lei pode cumprir pena de detenção de seis meses a três anos, além de ser obrigado a pagar multa. Para a pesca com substâncias tóxicas a pena pode chegar a cinco anos de prisão. No Mosaico SVP, principalmente nas estradas que ligam o norte de Minas Gerais aos estados do Nordeste, as equipes de técnicos e gestores do Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG) trabalham no combate ao tráfico de animais silvestres, praticado por traficantes que usam essas estradas em direção ao Sudeste e Sul do País.

Natalia Rust - coordenadora das unidades de conservação (UCs) do Escritório do IEF-MG, em Januária - disse "que a região aqui é uma rota de tráfico de animais silvestres por causa das araras, e combater esse crime é um dos trabalhos pesados que realizamos". A Polícia Federal e a Polícia Militar Ambiental de Minas Gerais fazem as apreensões de animais, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) é o responsável pela fauna, e realizam a gestão compartilhada dessa fauna. Minas Gerais trabalha com um modelo integrado, o Sistema Estadual de Meio Ambiente (Sisema), no qual o IEF-MG e o Departamento de Meio Ambiente e Trânsito da Polícia Militar realizam ações conjuntas contra o tráfico de animais silvestres, com a colaboração de outros órgãos ambientais federais e estaduais.

"Não temos estrutura, mas mesmo assim recebemos esses animais. Às vezes, encaminhamos ao Ibama, outras vezes fazemos a soltura quando o animal está bem. Quando está machucado, cuidamos e liberamos no ambiente. Há muitas apreensões de animais em cativeiro, principalmente as aves corrupeiras, pássaro preto, tucano, arara, maritaca, papagaio -, além do tráfico para outras regiões do Brasil. Estamos tentando conseguir um Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetro) em Januária ou Jaíba, onde é possível ter um veterinário. O Ibama regional mais próximo está em Montes Claros, recebe muitos animais e está sempre cheio. Muitas vezes não temos condições de levar os animais de grande porte até lá."

Muitas pessoas que capturam animais dizem, aos policiais durante a apreensão, que precisam garantir a sobrevivência da família, principalmente as populações ribeirinhas do rio São Francisco (foto) e outros rios da região. Outras agem de má fé e buscam dinheiro fácil. Segundo o Ibama, o tráfico de animais ameaça muitas espécies de extinção como a ararajuba, papagaio-chauá, curió, bicudo e cardeal. O tráfico contribuiu para a extinção, na natureza, da ararinha-azul que, atualmente, só existe em cativeiro. A biopirataria é outra forma de tráfico, praticada por pessoas que retiram animais da natureza para pesquisas científicas: as serpentes venenosas e os insetos são os mais procurados. Não existem muitas apreensões de insetos, aracnídeos e serpentes porque são muito pequenos, além de ser transportados mortos em bagagens pessoais ou pelos serviços postais. Os consumidores finais são criadores domésticos, grandes criadores particulares, zoológicos, proprietários de curtumes, indústrias de bolsas e calçados, entre outros, que transformam a fauna silvestre brasileira em dinheiro, desrespeitando a lei. (Fontes: Projeto Esperança Animal/PEA - www.pea.org.br; Renctas - www.renctas.org.br; Ibama - www.ibama.gov.br)



Família do imperador da folia-de-reis mantém tradição de 122 anos



As tradicionais festas do mês de janeiro que acontecem, no interior do Brasil, estão representadas no território do Mosaico SVP pelas folia-de-reis, reis-das-pastorinhas e reis-de-bois. A mulinha-de-ouro - ligada ao reis-de-bois - anima, principalmente, as crianças. O Dia do Santo do Rio, uma homenagem a São Francisco é uma festa anual promovida pelo Sesc Laces-Januária, no rio São Francisco, em outubro. Em Bonito de Minas, o Terno-de-Reis dos Figueiredo, criado em dezembro de 1888, mantém a tradição das folias-de-reis, nesse município. O Secretário de Administração Municipal de Bonito de Minas, Miguel Borges Figueiredo (foto), é o imperador da folia-de-reis de Bonito de Minas, uma tradição mantida por sua família, há 122 anos. O secretário lembrou o início do Terno-de-Reis dos Figueiredo:

“Minha família é de Pernambuco e meu bisavô - com filhos e muitos parentes - fugindo da seca, por volta de 1888, veio no vapor Benjamin Constant que navegava pelo rio São Francisco, e por aqui comprou terras. Na bagagem, trouxe a imagem de Santos Reis. A família se estabeleceu na região e começou a festejar. Sou da comunidade de Tejuco, da quarta geração e, por tradição, a responsabilidade passou do meu bisavô para o meu avô, do meu pai para mim. Meu filho mais velho está sendo preparado para manter viva a tradição. Quando a gente assume essa obrigação, tem que continuar até morrer. Depois da morte de meu pai, há 28 anos, sou imperador dessa folia, uma responsabilidade do filho mais velho, que vai adquirindo experiência. Desde os 10 anos, eu saía na folia, sou cantador de guia, imperador da folia e coordenador, minha família nunca falhou nem um ano. As folias-de-reis que sobrevivem são mantidas por algum grupo familiar”.



Uma das apresentações do Terno-de-Reis dos Figueiredo, em Bonito de Minas

Todos querem o aproveitamento do potencial turístico do Mosaico

Gerar renda e conservar o patrimônio natural e cultural do território do Mosaico SVP é o desejo de diversos setores dos municípios da região. A seguir, estão depoimentos que apontam as dificuldades, mas reafirmam o compromisso com o desenvolvimento sustentável resultante das diversas formas de turismo que podem atrair visitantes do Brasil e do exterior.

“O turista que vem ao Parque Nacional Cavernas do Peruaçu geralmente faz visita técnica e de pesquisa, mas percebe que existe o trabalho da comunidade, o viveiro de mudas e acaba conhecendo nosso trabalho comunitário.” (Elaine Correia Silva - Associação dos Agentes Ambientais do Vale do Peruaçu)

“Para o município é muito bom porque vai preservar a nossa fauna e flora, que é o mais importante do Projeto Mosaico SVP e temos muitos atrativos. No rio Carinhonha estão corredeiras ideais para a prática do rafting, classificadas no nível seis por um grupo de norte-americanos na época da maior vazão do rio. Esse nível só é encontrado no Canadá. Turistas de Paraíba (RJ), todos os anos, trazem outros turistas norte-americanos com seus botes infláveis e descem o complexo de seis corredeiras. Quando conseguem chegar lá embaixo é uma conquista! Precisamos de hotéis, pousadas e restaurantes, com pessoal qualificado para atendimento e estamos engatinhando com as pousadas solidárias que temos aqui.” (Miguel Borges Figueiredo - secretário de Administração da Prefeitura Municipal de Bonito de Minas)

“Temos uma boa relação com os servidores do ICMBio. Esperamos mais apoio e desenvolvimento, mas esbarramos em muita burocracia e as coisas não chegam até aqui. A abertura do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu está prevista para este ano, mas até agora não foi feito nada. As trilhas são inseguras para visitação. É muito complicado fazer essas obras. São trilhas muito difíceis, é preciso fazer corrimão e outras melhorias. É preciso começar logo, está tudo adiantado no papel, mas reivindicamos que as obras comecem logo, não fiquem só no papel, por mais dez anos.” (Samuel Santos - transformou sua residência, na região do PN Cavernas do Peruaçu, em uma pousada familiar, no município de Itacarambi)

“Nossa expectativa é que, diante dos grandes desafios de geração de emprego na nossa região, o enorme potencial do turismo cultural e do ecoturismo seja aproveitado. Nossas fortes tradições culturais estão sendo resgatadas para dar sustentação ao desenvolvimento do turismo ecocultural. Temos um patrimônio natural exuberante e grande acervo histórico-cultural material e imaterial.” (Edilson Rodrigues de Araujo - membro do Conselho Consultivo do Mosaico SVP)

“O Laces (Liceu de Artes, Cultura, Esporte e Saúde) SESC-Januária executa projetos e contribui para o desenvolvimento do turismo. Nossa área de atuação é todo o Vale do São Francisco, abrangendo 40 municípios. Trabalhamos para divulgar o artesanato regional, o que gera renda para a população e resgata nossa cultura e identidade. No artesanato, além do acervo próprio e exposição permanente, no Sesc, divulgamos os melhores trabalhos de Lourival (Lico), o nosso maior artesão. Apoiamos o Reis-do-Boi, com crianças da Colônia dos Pescadores, o Rei-dos-Temerosos e o Reis-das-Estrelas. Essas tradições são grandes propulsores do desenvolvimento sustentável.” (Sônia Aquino - gerente do Sesc Laces de Januária)



Onde encontrar



O artesanato da região é passado de geração a geração e se transforma, cada vez mais, em uma importante fonte de renda para as comunidades da região. Homens e mulheres se dedicam a essa atividade, onde se destacam as peças em madeira e cerâmica.

Escola de Arte Waldeci Guimarães
Rua Visconde de Ouro Preto, 186, Centro
39480-000 - Januária (MG)
Tel.: (38) 3621.1277

Casa da Memória do Vale do São Francisco
Praça Arthur Bernardes, 22, Centro
39480-000 - Januária (MG)
Tel.: (38) 9966.6812

Mercado Municipal
Praça Raul Soares, S/N, Centro
39480-000 - Januária (MG)

Uruçuia Grande Sertão Artesanato
Central Veredas - Fazenda Ipoeira, Rod-MG 202
38680-000 - Arinos (MG)
Tel.: (38) 9992.2734 - 9110.0090
e-mail: centralveredas@hotmail.com



Foto: Arq. Pontão de Cultura de Januária



Fundo Socioambiental da CAIXA aprova os projetos Extrativismo Vegetal Sustentável e Turismo Ecocultural de Base Comunitária



Dois acordos de Cooperação Financeira que vão beneficiar comunidades do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu (Mosaico SVP) foram assinados com o Fundo Socioambiental (FSC) da CAIXA, em dezembro de 2011, em Brasília, na sede do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA/MMA) que apoia os projetos de conservação e uso sustentável do Cerrado, nos municípios dessa região. A Cooperativa Regional de Produtores Agressivixtrativistas Sertão Veredas Ltda. (Coop Sertão Veredas) implementará o Projeto de Extrativismo Vegetal Sustentável e o Instituto Cultural e Ambiental Rosa e Sertão, o Projeto de Turismo Ecocultural de Base Comunitária, no período de janeiro de 2012 a dezembro de 2013.

A presidente do Instituto Cultural e Ambiental Rosa e Sertão, Márcia Regina Silva Pena e o presidente da Coop Sertão Veredas, José Correia Quintal (Zezu), o superintendente de Assistência Técnica e Desenvolvimento Sustentável da CAIXA, José Carlos Medaglia Filho, e a secretária-executiva do FNMA, Ana Beatriz de Oliveira, assinaram os acordos que garantirão o repasse de cerca de R\$ 1 milhão e 560 mil e de R\$ 1 milhão e 100 mil, respectivamente, às duas organizações, em três parcelas, nos próximos dois anos. Os projetos beneficiarão comunidades de 11 municípios do Mosaico e terá a gestão participativa do Conselho Consultivo com acompanhamento do comitê formado por instituições governamentais e não governamentais da região.

A coordenadora do Projeto de Turismo Ecocultural de Base Comunitária, Damiana Campos, informou que “iniciaremos as primeiras ações nos dias 28 e 29 de fevereiro, com a apresentação dos projetos financiados nos municípios de Uruçuia e Arinos, e realizaremos a



Oficina de Noções de Turismo”. Estão programadas 11 capacitações em noções de turismo, nove de desenvolvimento de roteiros, seis de empreendedorismo ligado à hospedagem e alimentação, três de guiagem de turistas e operadores locais, e uma de condutores ambientais. A valorização da cultura tradicional acontecerá por meio de atividades ecoculturais em 22 escolas e comunidades, com a realização do Encontro Anual dos Povos do Grande Sertão Veredas (2012 e 2013), o fortalecimento da organização comunitária e melhoria da infraestrutura de atendimento aos visitantes.

“Espera-se que a implementação do eixo temático de turismo ecocultural resulte no desenvolvimento territorial e social das comunidades e unidades de conservação que integram o Mosaico, efetivamente com base sustentável”, disse a coordenadora. Em uma segunda etapa, as pessoas capacitadas farão duas visitas de intercâmbio à Chapada dos Veadeiros (GO) e duas a Minas Gerais. As associações comunitárias receberão apoio e será fornecida certificação às três pousadas comunitárias, além da elaboração do Plano de Divulgação e Marketing do Mosaico SVP com a criação do site do projeto, jornal, folder, guia de bolso, e utilização de rádio comunitária.

Extrativismo - “O texto do projeto que resultou nesse acordo foi reformulado quatro vezes, os valores estão defasados e os parceiros precisam olhar isso também”, disse Zezu, preocupado com as metas previstas e aprovadas pelos associados da cooperativa e os outros parceiros. “A primeira versão foi feita há cinco anos para atender 26 comunidades nos 11 municípios do Mosaico SVP e previa recursos para construção que não foram aprovados. Esperamos que tudo dê

certo, e outros projetos sejam apresentados por organizações da nossa região. O projeto é de extrema importância para o Mosaico SVP e o sucesso depende da participação e integração de todos os setores. Nossas organizações são relativamente novas, mas já acumulam experiência.”

Segundo o secretário-executivo do Conselho Consultivo, Cesar Victor do Espírito Santo, os recursos ainda serão insuficientes para atender todo o território, mas muitas experiências serão utilizadas como base para novos projetos: “Precisamos pensar no futuro, no desenvolvimento do território com as unidades de conservação (UCs) protegidas. É muito importante o apoio dos gestores dessas UCs e efetiva parceria de todas as organizações da região. Os parques do Mosaico SVP não foram beneficiados pelo Programa Parques da Copa, do governo federal, mas se esses projetos forem executados com sucesso poderemos trazer turistas que estiverem em Brasília e Belo Horizonte, onde acontecerão alguns jogos, em 2014”.

Contatos

Cooperativa Regional de Produtores Agressivixtrativistas Sertão Veredas Ltda.
Av. Getúlio Vargas, 382, Centro
39314-970 - Chapada Gaúcha (MG)
Tel.: (38) 3634.1462
e-mail: coopsertaoveredas@hotmail.com

Instituto Cultural e Ambiental Rosa e Sertão
Rua Rio Grande do Sul, 647, Centro
39314-000 - Chapada Gaúcha (MG)
Tel.: (38) 3634.1463
e-mail: rosaesertao@gmail.com

Pequeno empreendedor da APA do Pandeiros vende óleo de buriti para fábrica de cosméticos

Severino Gomes de Brito, 76 anos, tem muitas histórias para contar: estudou até a antiga 4ª. Série, casou três vezes, teve sete filhos, oito netos e dois bisnetos. Nasceu em João Pessoa (PB), é ex-combatente do Exército Brasileiro e serviu no Canal de Suez (Panamá), de onde veio em 1989. Trabalhou como eletricitista em uma empresa siderúrgica, em Sete Lagoas (MG). Decidiu comprar 50 hectares de terra onde produz óleo de buriti no Alto Rio Pandeiros, município de Cônego Marinho, onde vivem mais 128 famílias. “O buriti é de mil e uma utilidades, com ele produzimos esteira, redes, alimentos e óleo”, disse.



Ele explicou como transforma o buriti nos produtos para consumo: “Colocamos o buriti na água para amolecer a casca, depois é passado na peneira e se transforma em uma raspa para fazer doce, suco, bolo e sorvete. Para produzir óleo, os caroços do buriti ficam por três dias na água, dentro de um latão. Quando amolece, é socado no pilão para retirar os caroços e, depois, essa massa é colocada em uma panela para cozinhar em fogo alto e entrega seus produtos (buriti, pequi, cajuzinho-do-cerrado, cagaíta, coquinho azedo, mel, farinha de mandioca e outros) durante um ano. Após este prazo, a assembleia decide se os aceita como novos cooperados ou cooperadas. Estão sendo comercializados produtos hortifrutigranjeiros para a merenda escolar, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), do governo federal, e para a Central do Cerrado, em Brasília (DF), que também distribui esses produtos.”

Mulheres são atuantes na cooperativa

Valéria Aparecida da Silva, vice-presidente da Cooperativa Sertão Veredas (Coop Sertão Veredas) é tecnóloga em agronegócios, formada pela Universidade Estadual de Uberaba (Uniuub) e informou que “dos 96 cooperados, 25 são mulheres produtoras rurais e chefes de família”. Quando foi criada a cooperativa, cresceu o número de pessoas querendo trabalhar com extrativismo e também aumentou o número de mulheres. Segundo Valéria, o produtor ou produtora interessados participam das atividades e entregam seus produtos (buriti, pequi, cajuzinho-do-cerrado, cagaíta, coquinho azedo, mel, farinha de mandioca e outros) durante um ano. Após este prazo, a assembleia decide se os aceita como novos cooperados ou cooperadas. Estão sendo comercializados produtos hortifrutigranjeiros para a merenda escolar, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), do governo federal, e para a Central do Cerrado, em Brasília (DF), que também distribui esses produtos.



Parcerias internacionais com a França e a Rede Iberoamericana confirmam avanços na implementação do Mosaico SVP



Árvore típica (*saule têtard*) e símbolo do Parc Naturel Regional (Parque Natural Regional) Scarpe-Escaut, típica de zonas úmidas (principal ecossistema do parque) e um vestígio histórico da mineração de carvão, uma torre (*chevalement*).

O superintendente-executivo da Funatura, Cesar Victor do Espírito Santo, representou o Conselho Consultivo do Mosaico SVP no 2º Fórum dos Atores Nord-Pas de Calais/Minas Gerais, para o lançamento do Programa Ações na Região de Cooperação Universitária e Científica (Arcus), em Lille, cidade com mais de 1,5 milhão de habitantes e centro administrativo da Região Nord-Pas de Calais, na França. Durante o fórum, Cesar Victor assinou a *Carta de Intenção* que é o primeiro passo para o acordo de cooperação proposto entre o Mosaico SVP e o Parc Naturel Regional (Parque Natural Regional) Scarpe-Escaut en Nord-Pas de Calais. O documento também foi assinado por Daniel Mio, presidente da Associação do Parque Scarpe-Escaut.

A abertura do fórum foi realizada pelo vice-governador de Minas Gerais, Alberto Pinto Coelho, que assinou protocolos estabelecendo parceria e troca de experiências em metalurgia, siderurgia, preservação cultural, patrimonial e ambiental. Essa região francesa e alguns municípios de Minas Gerais possuem semelhanças que permitem a busca de solução para problemas semelhantes. Os temas aprovados foram a recuperação de áreas degradadas, cultura e patrimônio, pesquisa, ensino superior e extensão, proteção do meio ambiente, além de energia limpa, água e biodiversidade.

O Programa Arcus prevê parceria entre universidades mineiras e francesas de estímulo à pesquisa e ao intercâmbio entre as instituições. “Os franceses têm muita experiência na construção do planejamento territorial de forma participativa e o realiza, efetivamente, o que foi aprovado pela comunidade que participa da gestão do parque”, disse o secretário-executivo. O acordo prevê a cooperação focada no planejamento territorial para evitar a duplicidade de ações e no desenvolvimento econômico, social e cultural. “Podemos manter um grande intercâmbio com visitas à região Nord-Pas de Calais dos representantes das comunidades do Mosaico SVP, gestores das unidades de conservação e políticos que tenham comprovada preocupação com a conservação ambiental e a sustentabilidade”.

A parceira entre a Região Nord-Pas de Calais e Minas Gerais existe desde 2008 e foi renovada em 2009, com a assinatura do Acordo de Cooperação e a definição de ações e projetos que seriam executados. As duas regiões compartilham pontos comuns em sua geografia, natureza e atividades econômicas, como por exemplo, a mineração. A região francesa vive um cenário “pós mineração” (a última mina de carvão encerrou suas atividades em 1990). Assim como algumas regiões do Estado de Minas, tem a sua história cultural e econômica ligada à

atividade mineradora e enfrenta a degradação das áreas que foram exploradas durante séculos. Nesse contexto, surgiu o Parque Natural Regional Scarpe-Escaut, em 1968, a primeira estrutura deste gênero criada na França para proteger e melhorar os espaços abertos de áreas rurais habitadas, com patrimônio natural e cultural, rico e ameaçado, que está sendo protegido com a realização de projetos de desenvolvimento sustentável considerando preservação e valorização cultural.



Bosques Modelo - O reconhecimento do Mosaico SVP como Bosque Modelo foi apresentado pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF-MG) ao Conselho Consultivo, que criou um grupo de trabalho para tratar do assunto. A região formada pelo Refúgio de Vida Silvestre do Rio Pandeiros (foto acima), e as áreas de proteção ambiental (APAs) de Pandeiros, Cochá e Gibão foram reconhe-

cidas como Bosque Modelo, em 2005, por iniciativa do IEF-MG. Agora, está sendo analisado o reconhecimento - pela Rede Iberoamericana de Bosques Modelo (RIABM) - de todo o território do Mosaico SVP, que teria benefícios como a participação em editais para financiamento de projetos, capacitações, acesso a recursos financeiros, assistência técnica e intercâmbio de experiências entre os países membros.

A rede é formada por representações governamentais e coordenada pela Secretaria da Rede Internacional de Bosques Modelo (SRIBM). É a primeira organização regional, voluntária, que reúne 14 países da América Central, América do Sul, Caribe e Espanha, para gestão integrada, conhecimento e intercâmbio de experiências dos bosques modelo nessas regiões. O objetivo desses bosques (área geográfica ou forma específica de manejo florestal sustentável) é incrementar as oportunidades para o desenvolvimento humano sustentável, melhorar a qualidade de vida e reduzir a pobreza rural. É uma aliança voluntária, onde os membros representam os setores ambientais, sociais e econômicos da região, e deve envolver um território suficientemente grande para ter representados todos os usos e valores do meio ambiente, com paisagem composta por florestas e zonas com atividades agropecuárias, áreas protegidas, rios e área urbana. O escritório central da rede funciona na cidade de Cartago (Costa Rica). Contatos podem ser feitos pelo e-mail info@bosquesmodelo.net e www.bosquesmodelo.net.

Rede de Mosaicos de Áreas Protegidas realiza capacitações



Atualmente, existem 20 mosaicos reconhecidos formalmente e implementados nos diversos biomas brasileiros, em especial na Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, criados de 2002 a 2011. A Rede de Mosaicos de Áreas Protegidas (Remap) busca conectar pessoas e instituições interessadas no fortalecimento dos mosaicos. Essa idéia surgiu em 2008, na ocasião do Seminário Brasil e França de Mosaicos de Áreas Protegidas, realizado nos dois países. A rede está dando continuidade a esse trabalho contando com voluntários, sem hierarquia e burocracia, com circulação constante de informações e livre intercomunicação. A coordenação é rotativa entre os territórios, pessoas e instituições.

Caroline Jeanne Delelis (foto), engenheira em agricultura e meio ambiente, aplica sua experiência adquirida nos trabalhos da Cooperação Brasil-França da Embaixada da França como participante da comissão coordenadora da Remap e informou que “entre os objetivos da rede destacam-se o fortalecimento desses mosaicos, como ferramenta de gestão territorial integrada e participativa, contribuindo para a conservação e valorização da biodiversidade na escala regional”. A rede também estimula o desenvolvimento, em

cada mosaico, de códigos de conduta e práticas responsáveis e disseminação de evidências sobre os avanços e ganhos, facilitando o intercâmbio e a cooperação. Promover e realizar capacitações sobre criação e gestão de mosaicos, e formas de valorização da identidade territorial, além de apoiar a articulação com outras redes governamentais e não governamentais, no Brasil e no exterior, são objetivos da rede.

Mosaicos no Brasil - Mosaicos federais são o Baixo Rio Negro (AM), Foz do Rio Doce (ES), Mico-Leão-Dourado (RJ), Extremo Sul da Bahia (BA), Sertão Veredas-Peruaçu (MG/BA), Serras da Capivara e Confusão (PI), Litoral Sul do Estado de São Paulo e Litoral do Estado do Paraná - Lagamar (SP/PR), Serra da Bocaina (SP/RJ), Mata Atlântica Central Fluminense (RJ) e Mosaico Serra da Mantiqueira (SP/RJ/MG); e os mosaicos estaduais são Juréia-Itatins (SP), Serra de São José (MG), Tucuruí (PA), Jacupiranga (SP), Ilhas e Áreas Marinhas Protegidas do Litoral Paulista (SP), Apuí (AM), Manguezal da Baía de Vitória (ES) e Carioca (RJ).

Para saber mais e participar

e-mail: contato@redemosaic.com.br
www.redemosaic.com.br

Jornal do MOSAICO

Número 07
Maio/Junho de 2013

Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu
Acordo de Cooperação Financeira entre o Fundo Socioambiental Caixa e o Instituto Rosa e Sertão



Foto: Hebert Canêla

MOSAICO DISCUTE

Por um outro modelo de turismo

Buscando empoderar e fortalecer as comunidades locais, o turismo de base comunitária se afirma como alternativa de relação entre visitantes e anfitriões

PÁGINAS. 4 E 5

GERAIS

PÁGINA 3

Seminário avança no projeto de cooperação com a França

Curso de empreendedorismo em hospedagem e alimentação reúne participantes em Januária, Chapada Gaúcha e Itacarambi

VEREDAS

PÁGINA 6

O perigo mora ao lado

A difícil convivência entre pequenos produtores e agentes do agronegócio no entorno de áreas protegidas



Foto: Carol Abreu

DAQUI

PÁGINA 7

A Comunidade de Traçadal fica a cerca de 50 km de Januária



Foto: Andre Foscati/Divulgação

SUSPIRÂNCIA

PÁGINA 8

Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas já tem data marcada para 2013

NONADA

PÁGINA 8

Raimundo Nonato apresenta sua Prosa Catrumana

PÃO E PÃES

EDITORIAL

Discorrer sobre o sertão não é tarefa fácil. Guimarães Rosa que o diga com mais propriedade. Mas mesmo com os vários mata-burros que tivemos que saltar no caminho que nos traz até aqui, não nos esquivamos frente à tarefa de tentar traduzir, transluzir, transcriar uma ponta da complexidade desse microcosmo que mexe tanto com nosso imaginário, assim como com o utilitário e econômico. O sertão é pragmatismo simbólico, e vice-versa. E será entre estas duas margens que os textos em rima e prosa que aqui trazemos vão tentar navegar e, quem sabe um dia, encontrar a terceira margem do rio do conhecimento?

Quando pensa que não... Nesta edição, trazemos a história de vida de um menino sertanejo que virou poeta, cordelista, músico e presidente de Cooperativa. O relato da troca de saberes com um pessoal que veio lá do outro lado do mar só para conhecer Januária, o grande sertão e o povo daqui. Tem poesia sobre a lida diária com a terra, de autor com nome de santo católico. Tem, também, o caso de um cachorro que não se via nesses Gerais há mais de cem anos. E tem muita prosa boa sobre o passado, presente e futuro desse território sagrado, onde os pastos carecem de fechos. Vamos parar para pensar ainda um pouco sobre os vários significados da palavra desenvolver, des-envolver, tirar aquilo que envolve, vindo do francês "développer", ou "des-envelopar", retirar do envelope. Será que esse verbo explica o que se quer pr'essa terra? Mas

qual envelope está envolvendo o sertão (e o resto do mundo?), e do qual temos que retirá-lo para que este desdobrar possa ocorrer? Quais cercas nos constroem - como o "abraço da sucuriú" - e devemos lacear para ficarmos mais anchos no mundo? Talvez fosse mais justo falarmos sobre "envolver" o sertão e sua gente. Enfim, quase que nada não sabemos. Mas desconfiamos de muitas coisas...

O Conselho Editorial

Nesta edição esse texto contou com contribuições de Marco Túlio da Silva Ferreira, Biólogo e Gestor Técnico do Projeto 'Extratativismo Vegetal Sustentável' no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, executado pela Cooperativa Sertão Veredas.

PONTO DE VISTA - Que Mosaico queremos para viver?

por Cássio Alexandre da Silva*

A concepção de "desenvolvimento" (a partir do prefixo "des" e do radical "envolvimento") nos faz refletir sobre duas vertentes dessa ideia, sendo uma negativa e outra positiva. A negativa é dirigida essencialmente às questões que trazem à tona conflitos socioambientais, políticos, econômicos. Diferentemente, a vertente positiva reafirma soluções e propostas de boa educação e saúde junto à qualidade de vida, com harmonia ambiental e liberdade.

Longe dessas duas vertentes reflexivas, etimológica e semântica, mas na tentativa de explicar o concreto conceito denotativo, vivemos no Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu uma realidade com suas contradições e abstrações conotativas. Nos 11 municípios que perfazem as Áreas Protegidas do Mosaico, o território com seus limites e fronteiras demarcadas apresenta inúmeras diversidades de territorialidades em suas funções, problemas, conflitos, culturas e representações simbólicas.

A pressão antrópica versus as prioridades de integração e conservação da biodiversidade tornam-se, em suas igualdades e diferenças, o maior conflito "Sociedade-Natureza/Natureza-Sociedade". Entre desmatar; fazer carvão e queimar; ampliar monocultura de eucalipto ou mesmo de agricultura; ampliar pastos para a pecuária; aplicar agrotóxicos; e degradar o solo e as nascentes, é preferencial buscar

soluções como plantar sustentavelmente; proteger espécies dos biomas do Cerrado e da Caatinga; revitalizar nascentes; conhecer e reconhecer as populações tradicionais e suas culturas.

Na leitura de Augusto de Franco, em "O lugar mais desenvolvido do mundo - Investindo no capital social para promover o desenvolvimento comunitário" (2004), podemos compreender melhor o exemplo do Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável - DLIS. Apesar de ser mais uma técnica e/ou método de desenvolvimento, pode-se verificar a aproximação filosófica, política e ideológica das pessoas e suas inúmeras relações com o meio ambiente, inclusive com o Capital. As tecnologias sociais podem ser absorvidas e reproduzidas a partir de parcerias entre o Estado e o Terceiro Setor, assim ampliando de forma participativa e flexível os novos espaços e caminhos, para que juntos possam minimizar os conflitos socioambientais.

Fica, aqui, o questionamento que deve ir para além da memória do nosso título: "Que Mosaico queremos para viver?"

*Cássio Alexandre da Silva é Conselheiro do Mosaico Veredas-Peruaçu, representante da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

EXPEDIENTE

Informativo do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu

Financiado pelo Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu - Acordo de Cooperação Financeira entre o Instituto Rosa e Sertão e o Fundo Socioambiental Caixa.

Instituto Rosa e Sertão

Tereza de Jesus Silva Santos - Presidenta
Damiana Campos - Coordenadora Executiva
Danielle Alves - Coordenadora do Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu

Conselho Consultivo do Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu

Presidente: Helen Duarte - IEF - Gerente das APAs Pandeiros e Cochá e Gibão
Secretário Executivo: Cesar Victor do Espírito Santo - Funatura - Fundação Pró-Natureza - Superintendente Executivo

Conselho Editorial do Jornal do Mosaico

Danielle Alves - Coordenação do projeto 'Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu'
Damiana Campos - Coordenadora Executiva Instituto Rosa e Sertão
Cesar Victor do Espírito Santo - Superintendente Executivo - Funatura
Débora Takaki - Prefeitura Municipal de Januária - Secretária de Meio Ambiente
Hamilton dos Reis Sales - Membro do Grupo de Espeleologia e Estudos Orientados de Januária
Hebert Canela Salgado - Instituto Grande Sertão
José Fino - Associação Quilombola 'Vó Amélia'
Marcelo Juliano Rabelo Oliveira - Instituto Biotrópicos
Marco Túlio da Silva Ferreira - Gestor Técnico do Projeto 'Extratativismo Vegetal Sustentável' no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu'

Expediente

Jornalista Responsável: Carolina Abreu Albuquerque (Reg. Prof. 18.140/MG)
Redação: Carolina Abreu Albuquerque
Projeto gráfico: Amanda Rabelo Cardoso
Revisão gramatical: Danielle Alves Lopes
Impressão: JDC Comunicação Integrada
Tiragem: 3.000 exemplares

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados a fonte e o autor.

Instituto Rosa e Sertão

Rua Serra das Araras, 795 - Bairro Alto São João - Chapada Gaúcha/MG
CEP: 39314-000 / Telefone: (38) 3634-1463
E-mail: rosaesertao@gmail.com
Blog: www.rosaesertao.blogspot.com

CARTAS DO LEITOR

Gostou do que leu? Não concorda? Quer dar sugestões, completar uma informação ou colocar sua opinião? Você também pode participar do Jornal do Mosaico. Envie suas impressões para o e-mail jornaldomosaico@gmail.com, ou para a sede do Instituto Rosa e Sertão, que fica na Rua Serra das Araras, 795 - Bairro Alto São João - Chapada Gaúcha/MG - CEP: 39314-000. A cada nova edição, o Conselho Editorial vai selecionar algumas cartas e e-mails para a publicação. Participe!

Seminário reúne representantes do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu, gestores e pesquisadores do norte da França

Entre os dias 4 e 8 de março, Januária recebeu a visita de pesquisadores e gestores ambientais franceses para uma conversa sobre território. O I Seminário de Intercâmbio Técnico entre o Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu e o Parque Natural Regional Scarpe-Escout é o primeiro passo no projeto de Cooperação Internacional coordenado pelo IEF – Instituto Estadual de Florestas, que busca promover uma experiência de trocas entre gestores ambientais de Minas Gerais e da região de Nord-Pas de Calais, no norte da França. Ao longo de quatro dias, representantes dos dois países compartilharam experiências e trocaram metodologias de trabalho acerca de diagnóstico territorial e planejamento espacial nas duas regiões.

Helen Duarte Faria, presidente do Conselho do Mosaico e gerente das Áreas de Preservação Ambiental de Pandeiros e Cochá-Gibão, conta que a ideia de gestão de um território é novidade para a maior parte das pessoas, no Brasil. “O conceito de Mosaico ainda é muito novo. Quando se criou o Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu, havia uma grande interrogação em torno de como faríamos essa gestão”, ela relembra. Para César Victor do Espírito Santo, superintendente da FUNATURA –

Fundação Pró-Natureza, e secretário executivo do Conselho do Mosaico, um dos grandes desafios de projetos como o Mosaico, que articulam Unidades de Conservação em um território amplo e diverso, é conciliar a preservação da natureza à utilização da terra pelas comunidades. “Para que as Unidades de Conservação de uso sustentável cumpram seus objetivos, é preciso pensar na ordenação do território. Por isso, a questão do diagnóstico e do planejamento territorial é importante para nós”, ele explica.

A proposta de buscar inspiração nas práticas de gestão de território dos franceses vem nesse sentido. Na França, o conceito de Parques Nacionais Regionais envolve sempre territórios habitados: o Parque Regional Natural Scarpe-Escout, por exemplo, tem 200 mil habitantes. O trabalho consiste, segundo o diretor do Parque, Michel Marchyllie, em encontrar um equilíbrio entre a conservação do meio ambiente e a manutenção das atividades econômicas, culturais e sociais das populações que vivem ali. Christophe Tesnière, gerente de manejo do território do Parque, completa: “É preciso construir esses projetos em conjunto com as comunidades. Se o processo não for participativo, dificilmente dará certo”.

Helen afirma que é a conciliação desses interesses, que a princípio podem ser entendidos como conflitantes, é um processo de aprendizado. Para a presidente do Conselho, o momento atual é de amadurecimento: “Participar de um processo democrático de gestão é um aprendizado. Estamos começando a sair do arroz com feijão e propor coisas novas no âmbito do Mosaico”. Esse foi o primeiro de seis seminários previstos pelo projeto de cooperação. O próximo encontro está previsto para o segundo semestre de 2013, na região de Nord-Pas de Calais, na França.



Pesquisadores franceses visitaram o Refúgio de Vida Silvestre do Pandeiros. “A gestão do território deve ser feita em parceria com as comunidades”, eles afirmam.

Foto: Evandro Rodney

PARA RECEBER BEM

Curso sobre noções de empreendedorismo em turismo reúne turmas em três cidades do Mosaico

Como receber quem vem de fora para conhecer os atrativos naturais e culturais do território do Mosaico? É preciso agradar o turista ou manter as especificidades da região? Será que uma coisa exclui a outra? Foi em busca de discutir questões como essas, que o Curso de Empreendedorismo Ligado a Meios de Hospedagem e Alimentação foi realizado, entre os dias 22 de abril e 09 de maio de 2013. Previsto no âmbito do Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu, desenvolvido pelo Instituto Rosa e Sertão, e financiado pelo Fundo Socioambiental Caixa, o curso é a quarta etapa das atividades planejadas para os próximos dois anos.

As atividades foram conduzidas pela turismóloga Gabriela Rodrigues, mestre em Biodiversidade e Conservação e representante da ONG Casa Comum. A equipe formada por Gabriela, pela turismóloga e consultora em hotelaria Maria Christina Pires e pela nutricionista Elizabeth Galvão, foi responsável por elaborar o material e ministrar as

aulas, organizadas em módulos de quatro dias em três cidades do Mosaico: Januária, Chapada Gaúcha e Itacarambi.



Curso de empreendedorismo em hospedagem e alimentação buscou estimular as cores locais dos processos turísticos

Foto: Aereo Instituto Rosa e Sertão

Gabriela, Maria Christina e Elizabeth destacaram a importância de valorizar a cultura e a culinária da região na hora de receber os turistas. Sucos naturais

de frutas do cerrado, pratos típicos do sertão e utilização de elementos do artesanato local para a decoração, por exemplo, são algumas dicas para fazer com que o turista se sinta no norte de Minas – uma região cheia de particularidades que atraem visitantes de todo o Brasil.

Mas o mais importante, segundo Gabriela, é que a comunidade participe ativamente das decisões que serão tomadas em relação ao planejamento turístico (ver matéria nas páginas 4 e 5). “A minha expectativa é de que essas pessoas se empoderem”, ela relata. “Eu fico muito feliz em constatar que existe um plano de turismo de base comunitária que está sendo desenvolvido. Agora, se esse plano vai se efetivar ou não, isso depende da participação da base local.” Maria Christina avalia a turma de forma bastante positiva. Ela explica: “eu vejo o pessoal da comunidade falando, ponderando situações. É possível perceber que existe um processo que não começou agora”.

O turismo de base comunitária se apresenta, cada vez mais, como alternativa de desenvolvimento para comunidades tradicionais

Já faz mais de cinco anos que Deusdete Chagas transformou a casa onde mora em um receptivo familiar. “Mas coloca aí que o nome é Dete, que ninguém me conhece como Deusdete aqui, não”, ela corrige. Desde que nasceu, Dete vive na comunidade de Fabião I, localizada nas proximidades da entrada do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, cuja área abrange os municípios de Itacarambi, Januária e São João das Missões. Dete não está sozinha: faz parte de um grupo de cerca de 12 moradores que, com o apoio de instituições como o Sebrae e o ICMBio, estruturaram suas casas para receber quem vem de fora.

A ideia de hospedar turistas em pousadas e receptivos familiares, estabelecendo uma relação mais próxima entre visitantes e anfitriões, pode ser inserida dentro de uma discussão mais ampla, ligada ao chamado turismo de base comunitária. Construído em um movimento de resistência às práticas do turismo de massa, trata-se de uma metodologia alternativa para o fazer turístico. “Turismo de base comunitária é uma forma de se planejar, gerir e monitorar uma atividade turística, dando prioridade para as comunidades conduzirem o processo”, explica Danielle Alves, Bacharel em Turismo e Coordenadora do projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu. “Há outras metodologias que não oportunizam, não dão espaço para as lideranças locais. A gente identifica nesse processo uma forma mais justa, equilibrada e capaz de trazer alguns benefícios para essas comunidades”, ela completa.

A turismóloga Gabriela Barros Rodrigues, especialista em comunidades tradicionais e mestre em Biodiversidade e Conservação, afirma que é preciso ir além da visão do segmento: “Uma coisa é a metodologia, outra é o segmento. Existe essa ideia de que o turismo comunitário está ligado só ao ecoturista, ou ao turista de aventura e natureza. Mas isso é o clichê, essas coisas estão desassociadas. Eu posso fazer o turismo de base comunitária em qualquer lugar”. Seja qual for o segmento turístico envolvido, Danielle e Gabriela

afirmam que a espinha dorsal dessa metodologia é empoderamento e o fortalecimento comunitário. “Sem a organização da comunidade, não é possível fazer turismo comunitário. É isso que o sustenta”, diz Danielle. Nesse sentido, a ideia do turismo de base comunitária está intimamente relacionada aos mecanismos de inclusão e participação da comunidade local nos processos de tomada de decisão e gestão da atividade turística.

Na comunidade do Fabião I, onde Dete recebe visitantes interessados em conhecer as famosas cavernas do Peruaçu, é possível perceber como o controle da hospedagem nos receptivos familiares é feito de forma coletiva. Ela explica como funciona:



Hospitalidade do sertão: curso de empreendedorismo em turismo também discutiu os receptivos familiares

Foto: Arquivo Instituto Rosa e Sertão

“Tem uma associação das pousadas, igual a uma associação comunitária, mesmo. Lá, a gente se organiza e divide a demanda. Fica tudo certinho, quantas pessoas vão para a casa de cada um”. Como a visita ao Parque ainda está restrita aos turistas que conseguem autorização do ICMBio, Dete e seus vizinhos têm uma demanda muito baixa, quase que exclusivamente restrita a estudantes e pesquisadoras. A expectativa é que a abertura do Parque para visitação impulse o trânsito de turistas na comunidade. Sem que esse trânsito prejudique, é claro, a dinâmica de vida das famílias que moram no local.

RELATIVIZANDO O CONSUMO

Maria Christina Pires, turismóloga e consultora em Hotelaria, aponta que a reivindicação por um turismo menos predatório é uma discussão recente, que surge na tentativa de evitar o impacto que práticas de turismo de massa promoveram em diversas regiões do Brasil. Ela conta que populações de grande parte das praias do litoral brasileiro, como Pipa e Jericoacoara, e mesmo cidades históricas, como Tiradentes e Ouro Preto, enfrentaram processos violentos ligados à prática do turismo. “Os moradores são expulsos das regiões centrais das cidades por empreendimentos hoteleiros e comerciais. Fica caro para comer, para morar, para fazer tudo”, explica. Danielle acrescenta: a violência vai além da barreira simbólica, que institui relações sociais e culturais excludentes. “Há relatos de casos em que ambulantes, pescadores e outros trabalhadores ligados aos saberes tradicionais foram expulsos com agressões físicas por estarem nas proximidades dos grandes resorts no nordeste”, ela relembra.

A ideia do turismo de massa está ligada a toda uma estrutura de marketing e consumo, que invisibiliza questões sociais, culturais e ambientais nas regiões em que os grandes empreendimentos são instalados. Mas a violência não vem só do mercado: embora seja possível identificar iniciativas de apoio às práticas turísticas menos predatórias, a agenda de políticas públicas de turismo no Brasil ainda está muito voltada à massificação e aos grandes

interesses comerciais. “É contraditório. O mesmo Estado que apoia a Copa do Mundo é o Estado que dá um pequeno apoio ao turismo de base comunitária e à política de Regionalização do Turismo no Brasil, que propõe a participação da sociedade civil. Se de um lado há um esforço para que isso aconteça, de outro me parece que existe uma pressão econômica muito maior”, avalia Danielle.

É importante perceber como a ideia do turismo de massa atravessa recortes de classe. “Quando se fala de turismo de massa, você logo imagina um ônibus, 45 pessoas parando numa praia cheia,

MOSAICO DISCUTE

com criança, frango frito, isopor com cerveja. Esse é apenas o estereótipo”, explica Maria Christina. “Mas o turismo de massa é tudo aquilo que pode ser entendido como ‘turismo a qualquer custo’. É possível associar a massificação do turismo a um modelo de desenvolvimento fragmentado e restrito, que se baseia apenas no aumento do poder econômico. Ainda assim, a realidade dos destinos mais cobiçados pelo mercado revela que poucas vezes esse “desenvolvimento” traz melhorias efetivas para a vida das comunidades. “A atividade turística é vendida como uma solução para todos os problemas econômicos, sociais e ambientais”, denuncia Danielle. Gabriela também questiona a validade desse discurso: “É uma promessa muito ampla, muito rápida e muito ilusória”.

OUTRO LADO DA MOEDA

“É um erro pensar, por outro lado, que o turismo é uma atividade completamente perversa e que não é possível nenhum tipo de ganho”, ressalva Gabriela. A proposta da metodologia de base comunitária é inverter essa equação, empoderando as lideranças locais para que as próprias comunidades possam conduzir os processos turísticos, na direção que

melhor lhes convir. E não é só a comunidade que sai ganhando. O turista tem a oportunidade de conhecer outro modo de hospitalidade, que vai além da relação de consumo e exploração. Danielle acredita que a abordagem sensível às especificidades e potencialidades locais possibilita uma relação mais afetiva e respeitosa entre turistas e a comunidade. “Há uma troca, um intercâmbio cultural que configura outras formas de entendimento”, ela pontua.

Dete parece concordar. Ela conta que os visitantes ficam muito satisfeitos com a hospitalidade do sertão, que envolve inclusive a experiência das refeições preparadas com cuidado pelas anfitriãs. “Tem o frango caipira, o peixe frito, a costela com mandioca, picado fruta pão. No café da manhã tem biscoito frito, cuscuz, peta, beiju. Sempre comidas aqui da região mesmo. O povo adora!”. Acentuando a dimensão dos intercâmbios que o turismo de base comunitária proporciona, Dete garante que o gosto pela visita é recíproco. “As pessoas que frequentam minha casa são tudo gente boa! Eu fiz um monte de amigos com o turismo!”.



Para conhecer as cavernas do Peruaçu, os visitantes apostam em uma relação mais próxima com a comunidade

Foto: Ronaldo Sarmento

TURISMO ECOCULTURAL DE BASE COMUNITÁRIA NO MOSAICO SERTÃO VEREDAS - PERUAÇU

Na esteira das discussões que vem sendo realizadas há quase 10 anos na região, o Conselho do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu identificou a necessidade de se apresentar alternativas de geração de trabalho e renda para as comunidades que vivem no território. Um dos projetos previstos no Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (DTBC) é o fomento ao turismo ecocultural, por meio de cursos de qualificação profissional voltados à prática do turismo e de ações de divulgação dos atrativos naturais e culturais do território. Buscando atuar em sintonia com as deliberações do Conselho e contribuir para o fortalecimento das comunidades do território do Mosaico, o Instituto Rosa e Sertão desenvolve as ações do projeto por meio da metodologia do turismo de base comunitária.

O projeto é financiado pelo Fundo Socioambiental Caixa e tem o apoio do Fundo Nacional do Meio Ambiente/ MMA.

Informações:

Instituto Rosa e Sertão – 38 3634-1463 /
projetotbcmosaico@gmail.com

RECEPTIVOS FAMILIARES EM FABIÃO I

Para se hospedar nos receptivos de Dete, Mariza e outros moradores da região, basta ligar e combinar com o dono da casa. A estadia sai em média a R\$ 55, com todas as refeições incluídas. Os preços são negociados de acordo com a demanda.

Mariza: 38 3623 1014 / Dete: 38 9912 8063 /
Samuel: 38 9999 8525

Atividades de agronegócio no entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas trazem problemas para os pequenos produtores e ameaçam à biodiversidade da região

A princípio, pode soar estranho que o município de Chapada Gaúcha esteja localizado no sertão de Minas Gerais. A explicação está na história do local, colonizado na década de 70 por famílias vindas do sul do país. Atraídos pelo preço da terra, os colonos gaúchos estabeleceram ali extensas lavouras, importando para o cerrado um modelo de exploração baseado na monocultura e no plantio linear de grãos. Hoje, o agronegócio constitui a principal atividade econômica local. Marco Túlio da Silva Ferreira, Gestor Técnico do Projeto Extrativismo Vegetal Sustentável no Mosaico Sertão Veredas –Peruaçu, denuncia as dificuldades que a hegemonia da agricultura intensiva traz para outras formas de lidar com a terra, desarticulando todo um modo de vida. “Do jeito que as coisas estão postas na dinâmica territorial, é impossível que as comunidades tradicionais e os pequenos produtores agroextrativistas consigam sobreviver aos impactos do agronegócio na região”, ele aponta.



Monocultura: imagem de satélite mostra a apropriação da terra no entorno de Chapada Gaúcha

Foto: www.maps.google.br

Impactos que articulam as dimensões cultural e ambiental da ocupação do território. Em torno da sede no município de Chapada Gaúcha, há três unidades de conservação ambiental: o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, o Parque Estadual Serra das Araras (ambos classificados como áreas de proteção integral) e a Reserva Estadual de Desenvolvimento Sustentável Veredas do Acari. Marco Túlio explica que muitas vezes as lavouras vão até os limites das unidades de conservação, desrespeitando as zonas de amortecimento

previstas nos planos de manejo. Mesmo quando não infringem a delimitação do território, essas atividades dificultam o trabalho de extrativismo no local. “O agronegócio avança rapidamente nas áreas das comunidades de Buracos e Buraquinhos, por exemplo, onde há áreas de importância para o extrativismo de plantas e frutos do cerrado, como a favela e o araticum”.

Além do desmatamento de áreas nativas de cerrado, outro problema sério é o uso indiscriminado de agrotóxicos. Desde o início do ano, denúncias envolvendo a dispersão aérea de defensivos agrícolas revelam o risco eminente de que as áreas protegidas sejam atingidas por esse tipo de produto. Mas os aviões não são o único fator que inspira cuidados. Ainda que os venenos não fossem despejados por via aérea, diversas pesquisas apontam como a utilização manual de agrotóxicos

pode levar à contaminação do solo e dos recursos hídricos do entorno das lavouras. O plano de manejo do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, elaborado em 2003, prevê a implantação de um programa de monitoramento da qualidade das águas superficiais. Até hoje, no entanto, nenhum estudo do tipo foi realizado na região.

ALTERNATIVAS

De acordo com Marco Túlio, a única maneira de minimizar os impactos do agronegócio é buscar outros paradigmas, que promovam práticas sustentáveis de relação com o território. O cerne da questão, para o biólogo, é perceber a falsa dicotomia estabelecida entre produção agrícola e preservação da biodiversidade. “Há uma ignorância muito grande em torno da terra. A visão geral dos médios e grandes produtores é a de que o cerrado é um mato, que deve ser domesticado”. Para que seja possível uma relação de convivência saudável entre diferentes escalas de atividade agrícola, a valorização da biodiversidade

local e o reconhecimento da sabedoria tradicional são questões fundamentais. “É preciso considerar o manejo do ecossistema agrícola como um todo, em uma compreensão holística da relação entre os componentes biológicos, o solo e os recursos hídricos envolvidos”, ele explica. O uso de agrotóxicos pode ser evitado com dinâmicas simples, como a diversificação do sistema, em métodos como a rotação de culturas, e o manejo sustentável das pragas, através de práticas de controle biológico.

FAUNA DO CERRADO

CACHORRO VINAGRE

Criticamente ameaçado de extinção, o cachorro vinagre é um mamífero raro em toda a sua área de distribuição, que compreende algumas regiões de cerrado, mata atlântica e florestas tropicais da América do Sul. Diferente de outras espécies de canídeos, ele vive em grupo e é totalmente carnívoro, alimentando-se de roedores como tatu, paca e cotia. Além disso, é a única espécie da família que tem cinco dedos nas patas da frente, ligados entre si por uma espécie de membrana. Duas hipóteses diferem quanto às razões para o nome escolhido: alguns pesquisadores o relacionam à urina do animal, que teria um cheiro avinagrado. Outros,

afirmam que o nome é associado à cor de sua pelagem, de tom marrom avermelhado. A primeira descrição de um vinagre em Minas Gerais foi feita pelo paleontólogo dinamarquês Peter Lund, em 1842. A espécie foi considerada extinta na região até 2004, por não haver registros de sua ocorrência no estado. Em setembro do ano passado, foram registradas imagens em vídeo de um cachorro vinagre por uma armadilha fotográfica instalada pelo Instituto Biotrópicos no Parque Estadual Veredas do Peruaçu, situado dentro dos limites dos municípios de Januária e Cônego Marinho.



Imagem por Miguelangeljr (Own work) (CC-BY-3.0 (http://creativecommons.org/licenses/by/3.0)), via Wikimedia Commons

Bauzinho tem 55 anos, meia dúzia de filhos e 86 edições de cordéis publicados

Seu Bauzinho me recebeu dentro de uma cisterna. Quase pronta, ela era a primeira das onze que serão construídas na comunidade do Traçadal, na região de Pandeiros, a 50 km de Januária. Como é o único pedreiro do lugar, enquanto não chega ajuda, Baú vai construindo as cisternas sozinho. Valdenice, sua esposa, conta que o processo de construção dessa primeira levou mais de cinco dias. Mas ele relativiza: "A minha eu termino hoje. Já comecei da minha sogra, Dona Maria, e também a da outra Maria, que mora ali do lado. Dá trabalho, mas eu sei que

vale a pena".

Nos arredores do Traçadal, ninguém o conhece como Laurimar de Jesus, como foi batizado. O apelido "Bauzinho" o acompanha desde criança. Ele conta que, com o tempo, a família foi notando que era muito inteligente e desenvolvia rapidamente habilidades de todos os tipos. Além disso, sempre teve pouca altura: na hora do almoço, seu pai se sentava num cepo de madeira e colocava o prato em um tamborete. Ele era tão pequeno, que comia junto, porém de pé. "Baú é de guardar coisa velha, né? Mas como eu era pequeno, meu primo colocou Bauzinho", ele explica.

Com 55 anos, a cisterna é só mais um item na sua lista de produções. Além de pedreiro, marceneiro e cerqueiro, Baú é presidente da Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Pandeiros, a Coopae, que trabalha com produtos do Cerrado, como a polpa de pequi, o buriti e o tamarindo, o último, oriundo da África. Mas a fama de Seu Bauzinho vem do talento que tem com as palavras. Ele escreveu seu primeiro cordel inspirado pelos livrinhos que o primo trazia de Brasília: "Eu ficava contando as histórias dos cordéis e todo mundo achava muito engraçado. Aí um dia eu parei e falei: mas você sabe que eu podia escrever um? E fui tentando escrever, escrevi", relembra.

Ele explica que a diferença entre poemas e cordéis está na métrica: os dois gêneros são escritos em seis frases, mas muda a forma de fazer a rima. Baú escreve também os chamados martelos, escritos em sete frases, e as poesias simples, em quatro frases. Qualquer que seja o gênero, toda vez que Bauzinho começa a declamar, junta gente para ouvir. Nas reuniões do Projeto Pandeiros, por exemplo, organizadas pelo IEF, ele sempre fechava os trabalhos com um poema. O resultado é que suas criações já foram ouvidas de Brasília a Japonvar, passando por cidades como Bonito de Minas, Montes Claros, Arinos e Chapada Gaúcha.

Na região de Januária, Bauzinho é disputado ainda por sua vocação musical. Sua primeira sanfona foi comprada com oito anos, em troca de um frango e uma lapiseira. Além da sanfona, ele toca violão e viola, marca São Gonçalo, faz canto da igreja e escreve as folias das comunidades do entorno: Palmeirinha, Barra de Mandins, Cabeceira de Mandins, Campos, Quilombo e Angicos cantam versos compostos por ele. Valdenice conta que muita gente fala que Baú está desperdiçado onde mora. "Às vezes vem um pessoal de longe e diz que era para ele estar ganhando muito dinheiro". A resposta de Bauzinho é imediata: ele não vai a lugar nenhum. "Se eu sair daqui, o lugar vai ficar sempre fraco. Se vocês acham que eu tenho valor, então eu tenho que ficar é aqui."

A primeira história de Bauzinho foi sobre seu pai, José Gomes Negrão, que estava doente. Desde então, já publicou 86 edições de cordéis, em livrinhos que vende a R\$ 2. Os temas variam bastante: Baú escreveu sobre assuntos tão diversos como a visita do Papa João Paulo II ao Brasil, a preservação do Rio Pandeiros e a morte da menina Eloá. Inspirado por uma fita da dupla Silveira e Barrinhas, Bauzinho começou a escrever também os poemas, e lembra de cabeça de todos os que já escreveu. O poema "Verdade Verdadeira", no quadro ao lado, foi composto para o Encontro de Pescadores de Januária e, segundo Baú, "é o que está na mídia agora". Outro sucesso de público é "O pai do menino da porteira", que ganha um bis sempre que é recitado.



Foto: Evandro Rodiney

Presidente da cooperativa, pedreiro, marceneiro, poeta e sanfoneiro da comunidade do Traçadal

Verdade Verdadeira Laurimar de Jesus (Bauzinho)

"Todo verso que eu recito
o povo acha bonito
porque é realidade.
O povo me admira
pois não sei contar mentira
e eu só falo a verdade.
O homem que é contador
de história de pescador
é uma beleza rara.
Falo com todo o respeito:
eu já fui o melhor prefeito
da cidade de Januária.
Pra vocês eu vou falar,
quando inventei o celular,
também a televisão
Eu fui lá em Belo Horizonte
ensinei Santos Dumont
a fazer o primeiro avião.
Eu nunca fui na escola,
mas sou o rei da viola
nascido no chão mineiro.
Falo com toda a franqueza
e vocês podem ter certeza:

sou professor de Tião Carreiro.
Parece até uma praga,
ensinei Luiz Gonzaga
a ser o rei do baião.
De bater, eu não tenho dó,
peguei Maguila e Popó
e bati só com uma mão.
Eu não sou corinthiano
eu sou é atleticano,
pois no Galo eu boto fé.
Eu pesco peixe sem anzol,
eu sou o rei do futebol,
mas dei a coroa pra Pelé.
Sou um grande fazendeiro
mas não guardo meu dinheiro
nos bancos do meu estado.
Eu vivo lá no recanto
e só ligo pra Sílvio Santos
porque é meu empregado.
No recanto aonde eu moro,
tem alguém que eu adoro
lá eu vivo no sossego.
(...)

TRAVESSIA

Criado em 2004, o Refúgio Estadual de Vida Silvestre do Pandeiros é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral de cerca de seis mil hectares, localizada no município de Januária. Estabelecido em torno do Rio Pandeiros, o local abriga o chamado "Pantanal Mineiro", área alagável cercada por um complexo de lagoas marginais. O Refúgio atua como berçário natural para a reprodução de diversas espécies de peixes que habitam o Médio São Francisco, como o surubim, o dourado e o piau-verdadeiro. Além disso, diversos turistas o procuram por seu Balneário. Além de se refrescar no poço das cachoeiras, outro atrativo do Balneário é o almoço na casa de Dona Bia, que sempre tem frango caipira, pirão e pequi para os visitantes.

SUSPIRÂNCIA

FESTA SERTANEJA

Realizado há 11 anos, o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas busca celebrar a expressão cultural da região

“O sertão é do tamanho do mundo”. O jagunço Riobaldo Tatarana, um dos personagens mais famosos do escritor Guimarães Rosa, brinca com a universalidade de um dos cenários mais particulares do Brasil. Nesse “lugar sem lugar”, a vastidão do espaço, a aspereza da geografia local e os modos de vida das comunidades sertanejas configuram uma realidade cultural bastante singular. Foi buscando celebrar a cultura sertaneja em sua diversidade de manifestações, que nasceu o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, idealizado pela Fundação Pró-Natureza (Funatura), em 2002.

Desde então, o Encontro vem sendo realizado anualmente, sediado no município de Chapada Gaúcha. Damiana Campos, Coordenadora Executiva do Instituto Rosa e Sertão, explica que a proposta do evento é fugir à ideia dos grandes Festivais de Cultura, configurando um espaço de trocas entre os próprios sertanejos. “O objetivo não é mostrar ou apresentar a cultura local para turistas de fora, mas de celebrar a diversidade das manifestações junto às comunidades”, ela aponta. O público central do Encontro é constituído de moradores das comunidades do entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, que abrange áreas dos municípios de Arinos, Chapada Gaúcha e Formoso (em Minas Gerais) e Côcos (na Bahia).

Damiana conta que o Encontro dos Povos busca estabelecer um olhar para o sertão em sua inteireza, articulando a dimensão cultural à realidade dos conflitos ambientais e à necessidade de fortalecimento das comunidades da região. A programação envolve manifestações culturais, feira de produtos da agricultura familiar e do

extrativismo e mesas redondas, que buscam trazer discussões acerca da agenda política da região.

Além disso, os quatro dias de evento podem ser entendidos como uma síntese de uma série de discussões e encontros que acontecem ao longo do ano, configurando um diálogo expandido entre lideranças comunitárias de diversos municípios da região. “Assim que termina um Encontro, começa outro”, comenta Damiana. “O resultado é que os povos da região estão constantemente reinventando suas manifestações culturais, a partir das transformações que vêm com o tempo”, ela afirma.

Desde o ano passado, a coordenação do Encontro dos Povos está a cargo do Instituto Rosa e Sertão, como previsto no projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu. Damiana afirma que realizar o Encontro no âmbito do Projeto deu oportunidade de pensar a dimensão cultural do território como um todo, indo além das fronteiras geográficas do Parque.

A XII edição do Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas está programada para os dias 11, 12, 13 e 14 de julho de 2013, com o tema central “Cerrado: berço das Águas”. Uma novidade do encontro de 2013 é a realização do I Encontro Regional da Rede Cerrado em Minas Gerais, que deve reunir lideranças de movimentos pelo Cerrado em pé em todo o estado para discutir questões ligadas à preservação ambiental e à diversidade cultural que o bioma agrega.

Acompanhe a preparação do XII Encontro dos Povos em sua página no Facebook: <http://www.facebook.com/encontrodos povos>.

NONADA

UM DEDO DE PROSA CATRUMANA

Nas secas úmidas de um lamaçal sangrento
A dor de quem carrega no peito a vontade da vida
Mesmo quando a decisão natural do Opará é a favor
Na alegria de fartura ou da perda consciente
Na esperança de que dias melhores não de vir.

Num rastilho de pólvora, a permanência de barranco
Na labuta de enxada sol a sol, o calejar contínuo de um amargo dia
A bandeira hasteada no quilombo da lapinha,
como a mais de 500 anos, que a coroa portuguesa os oprimia.

De valentes denodados na licença desses versos empoeirados,
de machado foice, cangaia e cangaço, de Lampião a Zumbi
Da canastra a penedo. No esforço e força da energia, do milho e da abobora
donde só na terra dá. A alegria da farinha da mandioca, que de longe a fome ver passar.

Na vazante a Mariana Dupin dizia,
da consciência do povo que apretendia
Plantar quando opará apermitisse
No pau preto, pau de légua, noutros barranco daqui de perto,
mas nunca de desmate isso se afazia
Com leis de homens brancos, pra preservar o que eles não entendia
Com ou sem a tar lei, ali era tudo sua valia.

Nos versos de esperança e de fartura,
de causa e causo de bichos, lendas, pescarias
Dedico esse dedo de prosa a esse sertão,
cheio de riquezas de danças, festas e romarias
Gerazeiros, catingueiros, vazanteiros que avigia,
amparados pelo amável opará, todo, todo, todo seu santo dia.

Os irmãos sem terra, da volta da serra e doutros canto nunca esperou sentado
Esse tal assentado, quase não se vê o protagonista lavrador
O latifúndio imundo, um mundo coronelizado, da elite do opressor
A margem na mão da contradição, um ato perfeito pro invasor,
pro invasor, pro opressor, para o desamor. Cadê a flor, cadê o amor?

(Raimundo Nonato)

Raimundo Nonato é de Itacarambi/MG. É, além de poeta e compositor, ambientalista, espeleólogo, músico e estudante de Biologia.

A coluna “Nonada” é um espaço aberto pelo Jornal do Mosaico para que autores do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu ou que escrevam sobre o ‘Sertão’ possam publicar pequenos textos em prosa, verso, poema ou poesia. Para participar, os autores devem enviar seus textos para o endereço jornaldomosaico@gmail.com. A cada edição o texto será selecionado pelo Conselho Editorial do Jornal e divulgado com o respectivo crédito. Participe!”

FESTA SERTANEJA

Confira algumas festividades que acontecem no mês de maio e junho no território do Mosaico:

De 04 de maio a 15 de junho - Ruas da Cultura: o Cerrado vai à Rua – Atividade realizada pelo projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, em parceria com as onze prefeituras

3 a 12 de maio – Festa de Santa Cruz – Januária

13 de maio – Festa de São Gonçalo – Uruçuia

22 de maio – Festa da Padroeira Santa Rita de Cássia – Traçadal (Januária)

25 e 26 de maio – Festa do Mês Mariano – Sagarana (Arinos)

11 a 13 de junho – Festa de Santo Antônio – Serra das Araras (Chapada Gaúcha)

Semana do dia 24 de junho – Festa Junina – São João das Missões

Realizador



Correalização



Prefeituras Municipais de Arinos, Bonito de Minas, Chapada Gaúcha, Côcos/BA, Córrego Marinho, Formoso, Itacarambi, Januária, Manga, São João das Missões e Uruçuia

Conselho Consultivo do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu.

Financiador



Paceiros



Ministério do Meio Ambiente
Ministério da Fazenda



Foto: Andre Fossati / Instituto Rosa e Sertão

MOSAICO DISCUTE

De pequeno, só o nome

Proposta de construção de PCH's no Rio Carinhonha pode gerar impactos de grandes dimensões na região

PÁGINAS. 4 E 5



Foto: Leo Lara / Instituto Rosa e Sertão

DAQUI

PÁGINA 7

De personalidade forte e voz determinada, Livina guarda cantigas que estão na família há gerações



Foto: Leo Lara / Instituto Rosa e Sertão

SUSPIRÂNCIA

PÁGINA 7

Pílulas do XII Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas

GERAIS

PÁGINA 3

O Cerrado foi à rua nos 11 municípios do Mosaico

Foto: Andre Fossati / Instituto Rosa e Sertão



TRAVESSIA

PÁGINA 8

Parque Nacional Grande Sertão Veredas: rusticidade e exuberância

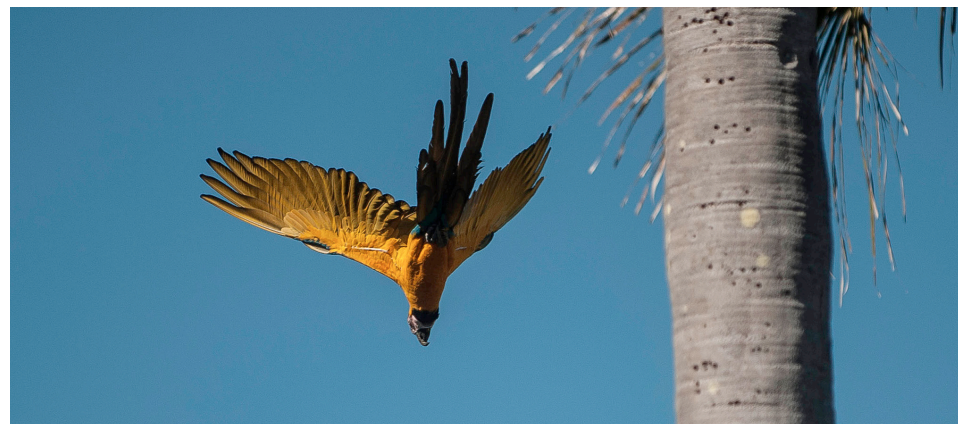


Foto: Andre Fossati / Instituto Rosa e Sertão

PÃO OU PÃES

EDITORIAL MOSAICO SERTÃO VEREDAS PERUAÇU

"Prepare o seu coração, pras coisas que eu vou contar, eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão..." E POSSO LHE AGRADAR!

Aqui estamos para mais uma viagem sociocultural, ambiental e poética ao interior do sertão mineiro. Chega pra dentro, senta no banquinho, toma um café que a prosa é boa. Vem conhecer esses paladares, essa gente corajosa, essas veredas de águas mansinhas, essas festas e alegrias que dão vida ao nosso Mosaico Sertão Veredas Peruaçu.

Começando bem e com água na boca, temos aqui o Sr. Nêgo, membro da Cooperativa de Pandeiros, e seu precioso Licor de Jenipapo com Mel. Depois de tanta doçura, vamos aprumar o corpo e conhecer as "Ruas da Cultura", onde todos os povos, quilombolas, indígenas, foliões, palhaços, tocadores e trovadores se encontraram, numa explosão cultural em homenagem ao nosso Cerrado.

Cerrado esse, conhecido como o pai das águas, né não? É sim, e por isso nós do Mosaico nos posicionamos contra os Projetos de Barragem no Rio Carinhanha.

Assim como Guimarães Rosa, acreditamos que: "perto de muita água, tudo é feliz" e por isso lutaremos para que as águas do Carinhanha sejam sempre livres pra correr o seu caminho.

Pra quem veio fica um suspiro de saudade, e pra quem não pôde vir, fica um belo registro do XII Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas. Tanto para os grandes, quanto para os pequenos, foram dias de muita diversão, manifestações culturais, papos sérios, ensinamentos e aprendizagens... Ali, salvamos os sapos, passamos pelo corredor da história, discutimos o rumo do nosso Território, tomamos Café, bebemos Cachaça e comemos Beijú. Ano que vem tem mais, num perde não!

Falando em comer e beber, ocê, já comeu Coquim Azedo? Passarim acha bão demais e nós também. Dele se faz o suco, o picolé e o sorvete. Não é a toa que o nosso Pequeno Grande Zezo, da Cooperativa Sertão Veredas, sabe tudo sobre ele e vai nos contar, tim tim por tim tim.

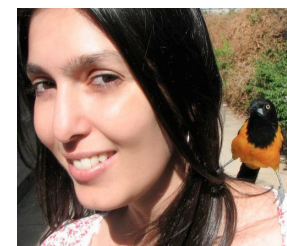
É tempo de travessia, e você, caro leitor, já andou por essas bandas? "No sertão tem de tudo". Inúmeras veredas, cachoeiras, espécies raras de animais silvestres e muitas outras riquezas naturais. Tudo isso

tá bem guardado pra gente, no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, criado para proteger o cerrado, suas águas, suas espécies animais e vegetais, e ao mesmo tempo, homenagear o nosso grande mestre: João Guimarães Rosa.

Chegou a hora de lavar a roupa suja, mas antes disso, vamos conhecer a trouxa encantada, que anda na cabeça de dona Livina. Ela é dançarina do Manzuá, que é uma dança tradicional da Comunidade Quilombola Retiro dos Bois, aprendeu com sua mãe, que aprendeu com a sua avó... a história é muito bonita, vale a pena dar uma espiada!

"Então, minha gente, dou adeus e vou-me embora, quem fica, fica com Deus, e eu vou com nossa senhora!"

Um abraço caloroso e boa leitura a todos!



Natália Rust Neves

Coordenadora de Áreas Protegidas do IEF – Januária.
Conselheira do Mosaico Sertão Veredas Peruaçu.

CARTAS DO LEITOR

Gostou do que leu? Não concorda? Quer dar um pitaco, completar uma informação ou colocar sua opinião? Você também pode participar do Jornal do Mosaico. Envie suas impressões para o e-mail jornaldomosaico@gmail.com, ou para a sede do Instituto Rosa e Sertão, que fica na Avenida Rio Grande do Sul, 647, Centro, em Chapada Gaúcha – MG - CEP: 39314-000. A cada nova edição, o Conselho Editorial vai selecionar algumas cartas e e-mails para a publicação. **Participe!**



MERCADO DAS PULGAS

Licor de jenipapo adoçado com mel

José Gomes Lira, conhecido por Nêgo, é o vice presidente da Coopae (Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Pandeiros), que produz licor de jenipapo. Nêgo conta que, normalmente, o licor é composto de 20% de álcool. Como muita gente não bebe cachaça, ele começou a pesquisar um processo diferente de produção e inventou o licor de jenipapo adoçado com mel. O próprio mel de abelha ajuda a conservar a bebida, que leva apenas 5% de cachaça e tem validade de até dois anos – mesmo fora da geladeira. Nêgo explica que o jenipapo é uma fruta com diversos benefícios à saúde, como o combate ao colesterol. Para os mais animados, ele garante ainda uma versão feita com Catuaba.

Tratar com Nêgo, na comunidade do Traçadal, ou no número (38) 9930 1666.

EXPEDIENTE

Informativo do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu

Financiado pelo Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu - Acordo de Cooperação Financeira entre o Instituto Rosa e Sertão e o Fundo Socioambiental Caixa.

Instituto Rosa e Sertão

Tereza de Jesus Silva Santos - Presidenta
Damiana Campos - Coordenadora Executiva

Conselho Consultivo do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu

Presidente: Helen Duarte - IEF - Gerente das APAs Pandeiros e Cochá e Gibão
Secretário Executivo: Cesar Victor do Espírito Santo - Funatura - Fundação Pró-Natureza – Superintendente Executivo

Conselho Editorial do Jornal do Mosaico

Damiana Campos – Coordenadora Executiva Instituto Rosa e Sertão
Cesar Victor do Espírito Santo - Superintendente Executivo - Funatura
Débora Takaki - Prefeitura Municipal de Januária – Secretária de Meio Ambiente
Hamilton dos Reis Sales - Membro do Grupo de Espeleologia e Estudos Orientados de Januária
Hebert Canela Salgado - Instituto Grande Sertão
José Fino – Associação Quilombola 'Vó Amélia'
Marcelo Juliano Rabelo Oliveira – Instituto Biotrópicos
Marco Túlio da Silva Ferreira – Gestor Técnico do Projeto 'Extratativismo Vegetal Sustentável' no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu'

Expediente

Jornalista Responsável: Carolina Abreu Albuquerque
(Reg. Prof. 18.140/MG)
Redação: Carolina Abreu Albuquerque
Projeto gráfico: Amanda Rabelo Cardoso
Revisão gramatical: Damiana Campos
Impressão: JDC Comunicação Integrada
Tiragem: 3.000 exemplares

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados a fonte e o autor.

Instituto Rosa e Sertão

Rua Serra das Araras, 795 – Bairro Alto São João –
Chapada Gaúcha/MG
CEP: 39314-000 / Telefone: (38) 3634-1463
E-mail: rosaesertao@gmail.com
Blog: www.rosaesertao.blogspot.com

De um lado da rua, um grupo de dançadeiras se diverte com as modas tocadas na sanfona. Do outro, crianças observam atentas a todos os gestos da turma de palhaços que se aproxima. No meio, moradores fazem roda para ouvir a poesia declamada por um garoto, batendo os pés ao som da banda de pífanos, que toca mais um baião animado. Foi assim, nessa confusão deliciosa de cores e sons, que a cultura invadiu as ruas de Formoso, Urucuia, Arinos, Chapada Gaúcha, Januária, Conego Marinho, Itacarambi, São João das Missões, Manga, Côcos e Bonito de Minas, durante os meses de junho e julho.

As Ruas da Cultura fazem parte do conjunto de ações previstas no projeto Turismo de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu. Buscando tematizar o Cerrado e seus povos, as ruas trouxeram manifestações culturais e

artísticas do entorno dos municípios, em processos de arte-educação promovidos junto às comunidades. A programação foi coordenada e produzida pelo Ponto de Cultura Seu Duchim, com a participação do projeto Pífano e Gente - Bolsa Interação Estética e dos Pontos de Cultura do Xacriabás, Centro de Artesanato e Portal Grande Sertão.

Daiana Campos, coordenadora do Ponto de Cultura Seu Duchim, conta que as Ruas da Cultura foram momentos de recordar manifestações que andavam esquecidas entre as comunidades. “Foi muito marcante o carinho com que as comunidades nos receberam”, ela relembra. Ladyjane Macedo, professora do Corpo de Dança do Ponto de Cultura, avalia que trazer essas manifestações foi importante para o público, que não está acostumado a eventos que valorizem a cultura regional. “Muita gente veio nos falar que não ia em eventos da cidade”, conta Ladyjane.

“A gente acredita que essa resistência se deve à falta de eventos com esse perfil, eventos que priorizam as comunidades tradicionais”, analisa Ladyjane.

As Ruas realizadas em Arinos, Chapada Gaúcha, Formoso e Urucuia contaram também com a participação da Caravana Lítero-Musical, organizada pela pesquisadora Simone Guerreiro. Daiana explica que o diálogo com a Caravana começou com o Encontro dos Povos do ano passado e segue rendendo boas parcerias. A Caravana trouxe o ator Jackson Costa, que declamou poemas e interagiu com o público. Ladyjane relata que cada uma das Ruas foi um processo diferente: “Em São João das Missões, nós reunimos os violeiros locais e os Xacriabás. Em Manga, comunidades remanescentes de quilombo trouxeram para a rua o batuque, envolvendo todo mundo na batida dos tambores. Em Conego Marinho, foram as pastorinhas que encantaram o público”.

SERTÃO: TERRITÓRIO DA CULTURA

No dia 5 de novembro, foi realizado em Chapada Gaúcha um encontro com representantes da Secretaria de Estado de Cultura e da Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais, para discutir o turismo comunitário no território do Mosaico. Gelma Ribeiro Gomes, da Secretaria Municipal de Cultura de Chapada Gaúcha, explica que a proposta foi fazer uma primeira conversa entre os representantes do estado e as lideranças comunitárias e gestores da região.

Desdobramento do Projeto de Turismo de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu, o encontro foi uma ação vinculada ao Minas Território da Cultura, programa articulado pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais para a descentralização e regionalização das ações culturais no estado.



Foto: Instituto Rosa e Sertão / Damiana Campos

Urucuia: Seu Miguel, violeiro do Urucuia e Jackson Costa



Foto: Instituto Rosa e Sertão / Diana Campos

Formoso: Ponto de Cultura Seu Duchim, Pífanos e Gente do Grande Sertão e Caravana Lítero-musical

MOSAICO DISCUTE

PEQUENAS USINAS, GRANDES IMPACTOS

Empreendimentos hidrelétricos ameaçam a vida no rio Carinhanha

“Quase preto, muito imponente, comprido e povooso”. Foi assim que João Guimarães Rosa descreveu o Carinhanha. Importante afluente do São Francisco, o rio é a divisa natural entre Minas e Bahia, fundamental para a vida das comunidades sertanejas que se estabeleceram no seu entorno. Mas meio século depois da publicação de Grande Sertão: Veredas, a imponência característica do rio corre perigo. A construção de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) ao longo do leito do Carinhanha, em processo de licenciamento pelo IBAMA desde o início do ano, pode gerar graves impactos socioambientais para a região.

Pequenas para quem?

De acordo com a resolução nº 394 da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), PCHs são empreendimentos hidrelétricos com potência entre 1.000 kW e 30.000 kW, cujo reservatório pode atingir até 3km². Desde a década de 90, as PCHs vem sendo propostas como alternativas energéticas às Usinas Hidrelétricas (UHEs), empreendimentos de proporções muito maiores. Mas a relação entre o potencial de geração de energia e os impactos gerados pela construção desse tipo de empreendimento nem sempre é proporcional. Como alerta o biólogo Guilherme Ferreira, da equipe do Instituto Biotrópicos, as PCHs podem se revelar

grandes problemas para a região em que são instaladas. “Já ouvi um promotor dizer que a única coisa pequena em relação à PCH é a geração de energia”, ele relembra. “Porque o impacto, quando acumula, pode ser muito alto”.

Guilherme se refere ao impacto cumulativo que a instalação de PCHs no leito de um mesmo rio pode gerar. No caso do Carinhanha, há três empreendimentos sendo avaliados pelo IBAMA, na altura dos municípios de Bonito de Minas, Montalvânia e Côcos: as PCHs Caiçara, Gavião e Catumbi. Mas a previsão é que pelo menos outras quatro usinas sejam construídas em um trecho de cerca de 100 km de rio. Diversas pesquisas recentes revelam que, quando uma mesma bacia hidrográfica concentra muitos projetos de PCHs, seus impactos são bastante semelhantes aos das grandes Usinas Hidrelétricas. Ainda assim, os Estudos de Impacto Ambiental (documentos de referência para o processo de licenciamento dos empreendimentos) são realizados de forma pontual, negligenciando o conjunto de interferências realizadas ao longo da bacia.

Rio é vida

Para o engenheiro agrônomo Samuel Britto, agente da Comissão Pastoral da Terra, é preciso lembrar que os rios agregam em si todo tipo de vida, para além do potencial de geração de energia visado pelas grandes empresas do setor elétrico. “O rio Carinhanha, particularmente, tem um papel

diferenciado no contexto da bacia do São Francisco”, ele afirma. “Além da perspectiva hídrica, ele tem uma importância ecológica e cultural muito grande”. Na margem esquerda do Velho Chico, o Carinhanha é o único rio que ainda está livre de barramentos. Dada à escassez de água característica da região, o rio assume um papel importantíssimo no abastecimento de uma série de comunidades que convivem com o rio há mais de 100 anos, do norte de Minas ao sudoeste da Bahia. Além disso, a bacia do Carinhanha está inserida em áreas prioritárias de conservação ambiental, criadas com o amparo do ICMBio e do Instituto Estadual de Florestas para garantir a preservação do cerrado na região (veja box ao lado).

Os impactos do projeto de construção de barragens nesse contexto são graves e precisam ser pensados de forma integrada. Do ponto de vista da biodiversidade, Guilherme afirma que a perda pode ser muito grande, devido à dimensão da área que será alagada ao se somar as barragens previstas para as três PCHs em fase de licenciamento. As lagoas marginais formadas pelo Carinhanha, por exemplo, podem acabar: “A lagoa é um ambiente de reprodução de peixes e anfíbios, que muitas vezes só existem lá. Quando a PCH inunda, ela cobre a lagoa marginal, que deixa de existir”.

As áreas alagadas implicam também em remoção das comunidades do entorno.

Foto: By thais britto (Uploaded by Luan) [CC-BY-SA-2.0 (http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0)], via Wikimedia Commons



Carinhanha: em seus mais de 400 km de extensão, o rio é o único na margem esquerda do São Francisco que ainda está livre de barramentos

Samuel reforça que, para as famílias que vivem no entorno do Carinhanha, os impactos já estão sendo sentidos: “Essas comunidades já são impactadas. Você conviver com uma ameaça constante já é um impacto”. Ele relata que as comunidades sofrem uma pressão muito grande dos barrageiros, sendo inclusive ameaçadas para que vendam, sem resistência, as terras em que suas famílias vivem há gerações. Além disso, é necessário levar em conta também o impacto indireto das barragens. “A PCH barra o fluxo de peixes no rio. Isso pode impactar toda a comunidade de peixes do rio para cima e para baixo”, destaca Guilherme. A alteração do fluxo de água pode contribuir também para a diminuição da qualidade da água ao longo do leito do rio, prejudicando cidades e povoados localizados no baixo Carinhanha.

Resistência ribeirinha

No fim de junho, de acordo com os procedimentos exigidos pelo IBAMA, as empresas responsáveis pelos empreendimentos (Minas PCH e INCOMEX) organizaram audiências públicas nos municípios que serão diretamente atingidos pelas PCHs, caso elas sejam construídas. Foi a oportunidade para que as comunidades atingidas – em conjunto com entidades como a Comissão Pastoral da Terra, o Movimento dos Atingidos por Barragens, a Funatura e os Institutos Biotrópicos e Rosa e Sertão – articularassem um movimento de mobilização popular contra as PCHs. “As próprias comunidades fizeram a mobilização. Visitaram umas às outras, colocaram a importância da mobilização”, conta Samuel. Em Côcos, o processo tomou uma dimensão tão ampla, que impediu a realização da audiência. “Havia 2 mil pessoas no dia da audiência, que se reuniram em uma grande assembleia popular. O povo que vai ser impactado pelas barragens pôde dizer qual é a sensação de viver os impactos desses empreendimentos”, ele relembra.

Desde então, o processo de licenciamento não avançou junto ao IBAMA. Samuel reforça a importância de manter a articulação e o diálogo entre as entidades que se mobilizaram em torno das audiências. Guilherme atenta para a necessidade de exigir dos órgãos ambientais uma avaliação integrada dos empreendimentos, de acordo com os precedentes abertos por Deliberações Normativas do COPAM. Pelo Carinhanha vivo: a mobilização continua.



Foto: Comissão Pastoral da Terra

“Água e energia não são mercadoria!” Em busca de uma discussão ampliada e participativa sobre as PCH’s, a mobilização em Côcos (BA) gerou uma grande assembleia popular.

MOSAICO EM PERIGO

Em abril deste ano, o Conselho do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu aprovou uma Moção com posicionamento contrário à implantação de PCHs no Rio Carinhanha. Três das unidades de conservação que integram o Mosaico de Áreas Protegidas e protegem trechos do rio serão (direta ou indiretamente) afetadas pelos empreendimentos: **o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, a Reserva Particular do Patrimônio Natural Porto Cajueiro e a Área de Proteção Ambiental Cochá Gibão.** Além disso, outras áreas de proteção ambiental que não fazem parte do Mosaico também terão parte de suas áreas alagadas caso as PCH’s sejam construídas. É o caso das Reservas Particulares do Patrimônio Natural Vereda da Caraíba e Gibão Flexeiras.

SUSPIRÂNCIA

PÍLULAS DE ALEGRIA

Atividades culturais envolveram e encantaram os participantes do XII Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas

Para crianças de todas as idades

Para os pequenos (e os nem tão pequenos assim!), o Encontro ofereceu diversos espaços com o tema Cultura e Infância. "A proposta foi pensar esse público de crianças e adolescentes em uma programação que atravessa gerações. Essa é a ideia do Ponto de Cultura Seu Duchin, que foi responsável por essas atividades.", explica Damiana Campos, coordenadora executiva do Instituto Rosa e Sertão. Para a coordenadora, a programação desse ano foi muito especial. As atividades de Cultura e Infância reuniram teatro mamulengo, oficinas de perna de pau, contação de histórias e educação ambiental.

Foto: Instituto Rosa e Sertão / Leo Lara



Na oficina "Salvem os sapos", coordenada pela bióloga Isabela Menezes Barata, a proposta de educação ambiental passa pela curiosidade das crianças.

Contra o esquecimento

Cafézinho no fogão à lenha, alpargatas ao pé da cama e muitos, muitos quadros de santos nas paredes de barro. Foi buscando lembrar raízes e tradições dos moradores do sertão que a Casa Sertaneja foi montada. "Tem coisas ali na casa que são desconhecidas dos alunos. Eles são filhos de sertanejos, moram na zona rural, mas não conhecem mais alguns artefatos que eram utilizados no passado e hoje ficaram relegados a galpões, fundo do quarto ou o cantinho", explica o professor de História Cláudio Rodrigues Gonçalves, que trabalha nas redes municipal e estadual de Chapada Gaúcha. Responsável pela concepção da Casa, Cláudio fez uma força-tarefa com alunos para toda a montagem. Foram quatro dias para terminar tudo. "Cada bolo de barro ali, eu sei onde foi colocado e o trabalho que deu", ele conta. "Mas depois que ficou pronto, aí eu sentei na grama. Já era de tardezinha na quinta-feira assim, umas seis horas. Acho que eu fiquei uns 15 minutos olhando de fora, com aquele pensamento assim: 'como será que as pessoas vão ver?', ele lembra. "Isso é a coroação do trabalho, você entrar e pensar que as pessoas vão gostar, vão descobrir esses detalhes. Foi muito trabalhoso, mas para mim é muito apaixonante."

Foto: Instituto Rosa e Sertão / Leo Lara



Café com beiju: preocupação em trazer o imaginário do homem sertanejo manifesto na estrutura física da casa

Olhos e ouvidos atentos

Como você definiria os sons do sertão? José Ivânio Montijo Amaral, professor de Geografia e História da E.E. Moacir Cândido, foi o responsável por tematizar a paisagem sonora sertaneja no Corredor da História. Para arquitetar o Corredor, a equipe fez reuniões, momentos de leitura e de pesquisa. Primeiro veio a água, que foi o tema do Encontro. "O som do rio correndo, das cachoeiras. Barulho dos pássaros, cochar dos sapos, barulho do berrante", ele explica. Depois, veio a musicalidade sertaneja, com os sons de instrumentos e festas da região. "Quando eu vi o Corredor desfazendo, desmontando, a vontade foi de chorar", Ivânio relembra. "Acho que o Encontro dos Povos fala da alma da gente. O povo sertanejo, de uma certa forma, é homenageado. Uma homenagem pra nós".



Foto: Instituto Rosa e Sertão / Leo Lara

Alunos e professores da E.E. Moacir Cândido ajudaram na concepção, na montagem e na recepção do público no Corredor da História.

Viagens literárias

Desde o ano passado, Dalva Fonseca Sbruzzi, professora de ensino de uso de biblioteca na E. E. Moacir Cândido, leva ao Encontro a dimensão da literatura. Esse ano, em parceria com a Biblioteca Pública Municipal, foi inaugurado o Espaço Literário Guimarães Rosa. "Além da exposição de obras literárias, o Espaço Literário recebeu lançamentos de livros, oficina de fanzine, contação de histórias e rodas de prosa", conta Dalva. Ela explica também que a escola busca envolver os alunos com a temática do Encontro desde o início do ano, por meio de um projeto pedagógico interdisciplinar. "Isso contribuiu muito para que os adolescentes estivessem mais engajados nas atividades e pudessem participar das discussões", ela avalia. Dalva, que participa do Encontro desde sua primeira edição, é uma entusiasta do evento: "O Encontro dos Povos dá visibilidade aos povos tradicionais, às manifestações culturais das comunidades tradicionais. E junta essa questão à temática ambiental, da importância do Cerrado para nós", ela comenta. "É uma das festas mais marcantes da região!".



Foto: Instituto Rosa e Sertão / Leo Lara

A tenda do Espaço Literário era uma das mais movimentadas do Encontro, com atividades durante todo o dia.

DAQUI

Ó ELA AQUI

Além da trouxa do Manzuá, Livina carrega consigo a força das manifestações tradicionais de sua comunidade

Se a rua fosse um palco, Livina seria o centro dos holofotes. Com a trouxa na cabeça, ela passeia radiante por entre as outras dançadeiras. “De onde é que ocê vem, meu filho?”, ela pergunta para um senhor que assiste à dança, passando a trouxa adiante. “Eu vim foi pra festa. Vi um movimento bonito perto de casa, peguei e falei assim: vou lá escutar esse barulho de perto”. “E o quê que cê veio fazer aqui?” “Uai, vim dançar a dança do Manzuá!”. A roda explode de alegria a cada vez que alguém responde a última pergunta, que dá a deixa para o coro: “Ó, cadê o Manzuá?”, “Ó ele aqui!”. Livina é quem comanda a brincadeira, com a desenvoltura de quem cresceu em meio às cantigas de roda e Folias de Reis.

A dança do Manzuá é uma das tradições da comunidade quilombola de Retiro dos Bois – povoado que pertence a Januária, mas está mais próximo (cultural e geograficamente) das comunidades do

entorno de Chapada Gaúcha. “Esse Manzuá já vem de muito tempo, diz que do tempo desse povo mais velho”, conta Livina. “As mulher fazia aquela trouxona e ia pro rio lavar roupa. Aí diz que umas falava assim: ‘essa trouxa sua tá parecendo um manzuá!’. E aí ficou”. Quem puxava a dança era Dona Lorença, mãe de Livina. A filha conta que levou um tempo até que tomasse gosto pela coisa. “Mãe saía gritando: ‘Livina, Teresa, Maria, Clarice, vem, menina, vem’. Mas eu achava essa dança ridícula, feia. Não gostava de jeito nenhum. Nós só fazia cantar pra fazer gosto nos véio. Aí nós cantava”.

A trouxa foi passada de mãe para filha: Livina assumiu a dança depois que sua mãe se mudou para Goiás, com a saúde debilitada. “Eu era tímida, tímida, tímida. Mas quando ela me pediu, foi o mesmo dela ter passado a energia dela pra mim. Aí eu consegui”. Desde então, Livina é a responsável não só pelo Manzuá, mas por diversas outras danças e cantigas que estão na comunidade há gerações. “Tudo

que eu sei foi passado da minha mãe; e pra minha mãe, do meu avô, que morreu com 90 anos”. Ela lembra com carinho do avô, Romualdo: “Ele era folião velho. Quando passava a Folia de Reis, nós pegava e corria. Meu avô era o alferes, aí tudo que ele queria, nós fazia. E ele ensinava: ‘tá errado o passo’, aí fazia até nós aprender”. Hoje, Livina trabalha como diarista na sede de Chapada Gaúcha, onde mora. Mas vai ao Retiro dos Bois com frequência, para ensaiar a turma. A cada ano, ela coloca na dança novas cantigas, que vai aprendendo com os mais velhos. “Esse ano, meu tio já lembrou de um canavial, mas essa ele ainda vai me passar. Só que eles é assim: pra cantar na frente, eles não têm coragem. Aí passa tudo pra mim”. Para manter a tradição viva, ela tem um plano. “A gente vai esquecendo, né. Aí eu quero fazer um livro, com tudinho anotado”, ela planeja. Generosa, Livina acha que a dança não pode ficar só em Retiro dos Bois. “A gente tem que passar isso pra fora!”.



Foto: Instituto Rosa e Sertão / Diana Campos

No sofá de casa, durante a entrevista, Livina se lembrou de diversas cantigas, ladainhas e curreleiras. Abaixo, um gostinho de algumas delas:

*“Bananeira rosa, laranjeira flor
Eu disse adeus saudade,
Pra Juazeiro eu vou
Pra Juazeiro eu vou
É nesse mês que vem
Se deus me ajudar
Eu vou buscar meu bem”*

*“Olha, Rosamélia, quem te ama é eu
Mas cadê minha rosa, que meu bem me deu?
Bate palma e fecha a roda, que eu já vi quem eu queria
Eu enchi meus olhos d’água e o coração de alegria”*

*“Soldadinho de lei não carrega cinturão
Soldadinho de lei não carrega cinturão
Só carrega carabina e camisa de azulão
Pra trás eu atiro, pra diante eu já atirei
Pra trás eu atiro, pra diante eu já atirei
Roda lá com sua morena
que com a minha eu já rodei”*

*“Ô meu limão roxo,
ô meu sabiá
O sol nasceu pra todos,
eu nasci pra te amar”*

SEMPRE-VIVAS

NONADA

Encontro dos povos do grande sertão veredas
Por Leonardo Quaresma

Vem gente de tudo enquanto é banda
O povo vai chagando, acomodando
E logo puxa uma prosa
Encontra um amigo, um compadre
E a conversa vai...

Vai fluindo como as águas dos riachos que corta o sertão mineiro
O café é da hora
O biscoito e o beiju não faltam
O som da viola caipira
Vai se misturando com zabumbas, sanfonas, rebecas e vozes...
Vozes de artistas cantores de todo canto do sertão
Aquecidos com uma cachaça
A festa está pronta
Vamos curtir minha gente
Dançar, cantar, pular, criar e preservar...
Preservar a cultura deste povo guerreiro
Gente humilde que traz no embornal a felicidade
A felicidade de viver no sertão
De acordar com o canto dos pássaros
De ver o sol nascer no plano da chapada
De lavar o suor sob o sol escaldante nas águas calmas das veredas
E ver o sol esconder atrás do cerrado
Dando espaço para o brilho da lua
E das belíssimas estrelas
Venha curtir minha gente
A festa é nossa, é do povo
É dos povos do grande serão veredas.



Foto: Instituto Rosa e Sertão / Leo Lara

FRUTOS DO CERRADO



Foto: Coop Sertão Veredas

Palmeira típica do Cerrado, o coquinho azedo (de nome científico *Butia capitata*) também é conhecido como cococabecudo ou butiá. É comum na região do noroeste de Minas e pode ser encontrado nos estados da Bahia e Goiás. José Correia Quintal – mais conhecido por “Zezo” –, da Cooperativa Sertão Veredas de Chapada Gaúcha, explica que a palmeira cresce pouco, com folhas que se assemelham ao babaçu. Passarinhos, insetos de todo tipo e até mesmo o gado se alimentam do coquinho. A polpa, cremosa e rica em vitaminas e minerais, é usada para fazer suco, sorvete, picolé e geladinho. “O coquinho é muito gostoso, azedinho mesmo. Por isso, ele é muito aceito. Sempre vende bastante nas feiras e eventos”, conta seu Zezo. Além de tirar a polpa, a folha do coquinho também é utilizada para fazer vassouras e outros utensílios domésticos, principalmente na região de Arinos e Formoso. A semente pode ser utilizada para fazer mudas e o bagaço (a “torta”, como explica seu Zezo) serve para ração animal. “E o coquinho tem uma castanha bem miudinha, que dá para aproveitar para fazer paçoca”. A floração de safra se dá a partir de novembro e o ciclo de produção vai até o fim de abril.

TRAVESSIA

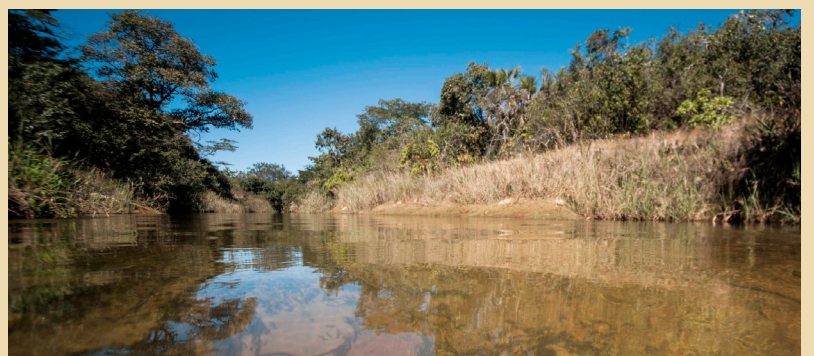


Foto: Instituto Rosa e Sertão / André Fossati

O Parque Nacional Grande Sertão Veredas é uma unidade de conservação de proteção integral que envolve áreas dos municípios de Chapada Gaúcha, Arinos, e Formoso, em Minas Gerais, e de Côcos, na Bahia. Demarcado em 1989, teve sua área expandida em 2004, totalizando hoje mais de 230 mil hectares. Famoso por suas veredas, o Parque abriga diversos mirantes e pontos de observação, além da cachoeira do Mato Grande e a praia do Rio Preto. O Parque está aberto à visitação, mas ainda carece de infraestrutura e mão-de-obra para receber os turistas. Para conhecê-lo, é preciso agendar a visita no escritório do ICMBio, em Chapada Gaúcha. Apenas veículos traçados podem acessar a unidade, acompanhados por um guia da região.